

MAPA DA VIOLÊNCIA IV

O s J o v e n s d o B r a s i l



J U V E N T U D E , V I O L Ê N C I A E C I D A D A N I A

JULIO JACOBO WASELFISZ



Secretaria Especial
dos Direitos Humanos



MAPA DA VIOLÊNCIA IV

O s J o v e n s d o B r a s i l

JUVENTUDE, VIOLÊNCIA E CIDADANIA

JULIO JACOBO WASELFISZ



Secretaria Especial
dos Direitos Humanos



Conselho Editorial da UNESCO no Brasil

Jorge Werthein
Cecilia Braslavsky
Juan Carlos Tedesco
Adama Ouane
Célio da Cunha

Comitê para a Área de Desenvolvimento Social

Julio Jacobo Waiselfisz
Carlos Alberto Vieira
Marlova Jovchelovitch Noletto
Edna Roland

Assistente Editorial: Rachel Gontijo de Araújo

Revisão: Eva Julieta Cortazzo e Reinaldo Lima

Diagramação: Fernando Brandão

Projeto Gráfico: Edson Fogaça

© UNESCO, 2004

Waiselfisz, Julio Jacobo

Mapa da violência IV: os jovens do Brasil / Julio Jacobo Waiselfisz. – Brasília : UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

170p.

1. Violência – Juventude – Brasil 2. Juventude 3. Mortalidade – Juventude – Brasil
4. Problemas sociais – Juventude – Brasil 5. Homicídios – Juventude – Brasil 6. Suicídio
– Juventude – Brasil 7. Armas – Juventude – Brasil 8. Acidentes – Juventude – Brasil
9. Pesquisa social – Brasil I. UNESCO II. Título

CDD 362



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Representação no Brasil

SAS, Quadra 5 Bloco H, Lote 6,

Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar.

70070-914 – Brasília – DF – Brasil

Tel.: (55 61) 2106-3500

Fax: (55 61) 322-4261

E-mail: UHBRZ@unesco.org.br

SUMÁRIO

Apresentação	7
Abstract	9
Introdução	11
CAPÍTULO 1 – Notas Conceituais e Técnicas	15
1.1. Notas Conceituais	15
1.2. Notas Técnicas	19
CAPÍTULO 2 – Marco da Mortalidade Juvenil no Brasil	25
CAPÍTULO 3 – Homicídios	29
3.1. Evolução dos Homicídios no País	29
3.2. Evolução dos Homicídios nas Capitais	36
3.3. Evolução dos Homicídios nas Regiões Metropolitanas	44
3.4. Visão Conjunta das Áreas	46
3.5. A Questão Etária	50
3.6. Homicídios por Raça/cor	56
3.7. Homicídios segundo Sexo	59
3.8. Sazonalidade dos Homicídios	63
3.9. Comparações Internacionais	65
3.10. Vitimização Juvenil por Homicídios	68
CAPÍTULO 4 – Acidentes de Transporte	75
4.1. Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte no País	75
4.2. Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte nas Capitais	82
4.3. Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte nas Regiões Metropolitanas	88
4.4. As Idades	92
4.5. Óbitos por Acidentes de Transporte segundo Raça/cor	94
4.6. Óbitos por Acidentes de Transporte e Sexo	97

4.7. Sazonalidade dos Óbitos por Acidentes de Transporte	100
4.8. Comparações Internacionais	102
4.9. Vitimização Juvenil por Acidentes de Transporte	105
 CAPÍTULO 5 – Suicídios	 111
5.1. Evolução dos Suicídios no País	111
5.2. Evolução dos Suicídios nas Capitais	117
5.3. Evolução dos Suicídios nas Regiões Metropolitanas	124
5.4. A Idade dos Suicidas	126
5.5. Os Suicídios por Sexo	129
5.6. Comparações Internacionais	132
 CAPÍTULO 6 – As Armas de Fogo	 135
 CAPÍTULO 7 – Padrões Internacionais de Mortes Violentas	 145
 CAPÍTULO 8 – Fidedignidade, Sub-registro e Subimputação	 151
 CAPÍTULO 9 – Considerações Finais	 161
 Bibliografia	 167

APRESENTAÇÃO

Esta publicação se fez possível por meio de uma parceria entre a UNESCO, o Instituto Ayrton Senna e a Secretaria Especial de Direitos Humanos. Trata-se da mais longa série já publicada pela UNESCO no Brasil. O Mapa da Violência, em sua quarta edição, traduz a preocupação de tais entidades com um tema que afeta não somente a realidade brasileira, mas também a internacional: a violência e seus efeitos potencializados na população jovem.

A violência, como fenômeno que vem se acentuando no mundo contemporâneo, é preocupante porque viola o direito à vida, o mais fundamental dos direitos humanos. Ao longo dos tempos, a violência adquiriu proporções inéditas. Inúmeros estudos têm apontado dados alarmantes. Desde 1997, a UNESCO no Brasil produziu e publicou mais de 20 pesquisas sobre juventude, violência e cidadania, resultando num amplo e detalhado painel da situação da juventude no Brasil. Os jovens brasileiros, particularmente, dos 15 aos 24 anos, são a parcela da sociedade que está mais exposta a violência, quer como vítimas, quer como agentes. Este estudo mostra que nas comparações internacionais realizadas entre 67 países, o Brasil encontra-se em 4^a lugar nas taxas de homicídios no que se refere a população em geral e em 5^a na sua população jovem.

Há pouco tempo, o tema da violência, e mais especificamente da relação entre violência e juventude, apenas era objeto de algumas disciplinas universitárias e das instâncias públicas de segurança. Atualmente, este assunto ocupa a pauta de todos os setores da sociedade e, não raro, os problemas relacionados a violência são compreendidos como entraves para a promoção do desenvolvimento sustentável em diversos países.

Além de trazer à tona importantes dados sobre mortes juvenis em acidentes de transporte, homicídios e suicídios, o presente estudo destaca que os homicídios vitimam fundamentalmente a população de sexo masculino (em torno de 93% das vítimas são homens) e de raça negra: que tem vitimização 65% superior na população total e 74% superior entre jovens.

A Assembléia Geral das Nações Unidas proclamou 2004 como o

Ano Internacional de Comemoração da Luta contra a Escravidão e sua Abolição. Ao celebrar os duzentos anos do início da abolição do trabalho escravo nas Américas, devemos refletir que no Brasil estamos há apenas 115 anos da Abolição, uma vez que o País foi o último baluarte do sistema escravista. É imprescindível, portanto, ressaltar esse traço da realidade brasileira mostrado no Mapa da Violência IV, no intuito de estimular ações para superar por completo os efeitos dessa experiência.

Sem dúvida, os meios de comunicação possuem um papel estratégico na superação dessa problemática. A televisão, o rádio e a imprensa escrita ocupam um lugar fundamental na disseminação de conhecimentos sobre o tema da violência juvenil e a divulgação de experiências inovadoras de prevenção existentes no Brasil. A mídia tem a capacidade de despertar a discussão pública sobre o tema, bem como divulgar informações para que a sociedade observe os princípios dos direitos humanos e as várias recomendações internacionais sobre o assunto.

Este estudo pretende, portanto, promover uma discussão mais ampla ao reconhecimento das causas da violência, a criação de mecanismos institucionais de expressão e diálogo, e sobretudo, contribuir para a formulação de políticas públicas que possam dar respostas concretas a um tema que afeta a nossa juventude. Esta pesquisa serve também como referência para que os governos possam investir mais em recursos humanos e financeiros, em ações de prevenção, para reverter a situação e seus efeitos perversos na população jovem. Está comprovado que os custos relativos a medidas de repressão são muito superiores àqueles de educação preventiva. Por outro lado, o impacto positivo de ações preventivas são indiscutíveis. Por isso a importância de se priorizar estratégias de prevenção em detrimento da repressão.

Esperamos que as informações e análises aqui desenvolvidas possam servir de base para estudos mais aprofundados sobre a realidade de nossa juventude, e mais ainda, contribuam decididamente para diagramar políticas e estratégias que permitam reverter o quadro e as tendências aqui observadas.

Jorge Werthein
Representante da
UNESCO no Brasil

Viviane Senna
Presidente do Instituto
Ayrton Senna

Nilmário Miranda
Secretário Especial dos
Direitos Humanos

ABSTRACT

Violence has become a pressing issue worldwide. Since 1997, UNESCO Brasilia Office has been developing a solid line of research concerning the issues of youth, violence, citizenship etc.

Those studies have identified alarming numbers related to violence in this country. Brazilian youths, particularly those from 15 to 24 years-old, are the portion of the population most exposed to violence, whether as victims, or agents. In terms of death rates that are caused by what are called external factors (homicides, traffic accidents and suicides), the quantitative data corresponding to the youth age groups are so serious that they place Brazilian indices as the fifth highest in the world.

This book analyzes the causes of youth mortality in the decade of 1993/2002, in Brazil. It examines important data released by the National Database on Mortality (SIM), from DATASUS-Ministry of Health.

According to this study-which gathers information on death rates in Brazil's 27 federal units, as well as 10 metropolitan areas-one of the important conclusions is that violence has male afro-descendants as main victims.

The aim of this study is to contribute to, encourage and inform public policies and preventive strategies directed to revert the situation of social vulnerability that affects the youth.

INTRODUÇÃO

No ano de 1998, a UNESCO, em parceria com o Instituto Ayrton Senna, elaborou e divulgou o primeiro *Mapa da Violência*¹. Naquele trabalho pretendia-se realizar uma leitura social das mortes violentas dos jovens brasileiros. Considerava-se, já na época, que as mortes originadas por causas violentas representavam a ponta do *iceberg* da violência geral que afeta e vitima a juventude do país. Nem toda, nem a maior parte de nossas violências cotidianas acabam em morte; mas a morte representa o grau extremo da violência que a relação entre os seres humanos pode atingir. Da mesma forma que as taxas de mortalidade infantil não só refletem a quantidade de crianças que estão morrendo, mas nos dão uma boa idéia também da existência (ou a ausência) de infra-estrutura de atendimento infantil, epidemias, condições de higiene e de saneamento básico, mecanismos culturais, políticos e sociais de tratamento das crianças etc, as taxas de mortalidade juvenil, e especificamente as atribuíveis a causas violentas nos indicam também diversos modos de sociabilidade, circunstâncias políticas e econômicas que exprimem mecanismos específicos de negação da cidadania. Três grandes categorias de mortandade violenta entre os jovens foram abordadas naquele estudo:

a) óbitos por *acidentes de transporte*, como indicativo da violência cotidiana nas ruas e nos âmbitos de convivência;

b) *homicídios*, como o indicador, por excelência, de diversas manifestações de violência que resultem em morte;

c) *suicídios*, como indicador de violência que o ser humano dirige contra si próprio.

¹ WAISELFISZ, J. *Mapa da Violência: os Jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Garamond, 1998.

Para tanto, foram utilizadas as informações de óbitos, no período 1979/1996, disponibilizadas pela Base de Dados Nacional do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), do DATASUS, do Ministério da Saúde, para as faixas etárias de 15 a 24 anos e para o conjunto da população.

No ano 2000, por diversas demandas internas e externas e com o concurso, além do Instituto Ayrton Senna, do Ministério da Justiça, foi organizado e divulgado o Mapa da Violência II², abrangendo o período 1989/1998.

No ano de 2002, com as novas informações disponibilizadas pelo Sistema de Informações de Mortalidade, foi possível cobrir a década 1991/2000 no Mapa da Violência III³.

Já no presente estudo são atualizadas as informações das versões anteriores, abrangendo a década 1993/2002, incorporando também alguns refinamentos dignos de menção.

Em primeiro lugar, volta-se a analisar os dados referentes às regiões metropolitanas do país.

Em segundo lugar, avanços nos mecanismos de registro do Sistema de Informações de Mortalidade possibilitaram a análise da incidência do fator raça/cor nos diversos tipos de óbitos violentos estudados.

Por último, e não menos importante, um maior leque de países para as comparações internacionais, é aprofundada a análise, no capítulo específico, sobre as tendências internacionais que esses dados apontam e a relação existente entre o Índice de Desenvolvimento Humano e as formas de violência letal.

Devemos também indicar que este não é um trabalho isolado. Forma parte de uma linha de estudos de maior alcance, que a Representação da UNESCO vem desenvolvendo no Brasil desde

² Waiselfisz, J. *Mapa da Violência II: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça, 2000.

³ Waiselfisz, J. *Mapa da Violência III: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/SEDH, 2002.

o ano de 1997, com o apoio e parceria de um grande número de organismos nacionais e internacionais. Trata-se de uma metódica tarefa de prospecção das características, valores, atitudes e comportamentos de nossa juventude para, ao mesmo tempo, colaborar com a análise e com a estruturação de políticas destinadas a enfrentar as diversas modalidades de exclusão de nossa juventude.

Seria longo demais enumerar a extensa produção conceitual e prospectiva realizada pela UNESCO neste último quinquênio. Promovendo, coordenando e divulgando diversos estudos e pesquisas, prestando assistência técnica e material a diversos programas do governo federal, de diversos estados, municípios e entidades não-governamentais do país, a UNESCO tem contribuído para colocar os temas da vulnerabilidade e da violência juvenil na pauta de preocupações dos gestores de nossas políticas públicas.

Para contribuir com o debate sobre a questão da violência, sensibilizar as autoridades sobre a gravidade da situação, e também como subsídio aos restantes estudos e atividades que a UNESCO vem desenvolvendo sobre o tema nas várias regiões do Brasil, o presente estudo se propõe a traçar um panorama da evolução da mortalidade na juventude brasileira e, mais especificamente, da mortalidade derivada de situações violentas como mecanismo metodológico que possibilite redefinir o perfil dos novos núcleos dinâmicos da violência no país.

I. NOTAS CONCEITUAIS E TÉCNICAS

I.1. NOTAS CONCEITUAIS

O contínuo incremento da violência cotidiana configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização da vida social, especialmente nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas diversas esferas da vida societal. Mas assistimos, neste final de século, a uma profunda mudança nas formas de manifestação, de percepção e de abordagem de um fenômeno que parece ser uma das características marcantes da nossa época: a violência. Como assevera Wieviorka⁴, “mudanças tão profundas estão em jogo que é legítimo acentuar as inflexões e as rupturas da violência, mais do que as continuidades”. Efetivamente, assistimos, por um lado, a um incremento constante dos indicadores objetivos da violência: taxas de homicídios, conflitos étnicos, religiosos, raciais etc, índices de criminalidade, incluindo nessa categoria o narcotráfico. Mas também assistimos, nas últimas décadas, a um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização pelas suas peculiaridades atuais e pelos novos significados que o conceito assume, “(...) de modo a incluir e a nomear como violência acontecimentos que passavam anteriormente por práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais”⁵, como a

⁴ WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, V.9, nº1, 1997.

⁵ PORTO, M. S. G. *A violência entre a inclusão e a exclusão social*. VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia, Brasília, agosto, 1997.

violência intrafamiliar, contra a mulher ou as crianças, a violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias.

Ainda que existam dificuldades para definir o que se nomeia como violência, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: noção de coerção ou força; dano que se produz em indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes à determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. Concorde-se, neste trabalho, com o conceito de que “há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.”⁶.

Os estudos mais recentes sobre a violência têm se concentrado na área urbana, o que se explica pelo fato de que as grandes questões da sociedade se localizam principalmente nas grandes cidades. Segundo Dubet⁷, o espaço urbano aparece como sintoma, símbolo e representação “da civilização e da barbárie modernas”. Isso explica os níveis de desagregação das informações utilizados no presente estudo: Unidades Federadas, capitais dessas Unidades e Regiões Metropolitanas.

Também a definição de juventude pode adquirir conotações diversas e passíveis de ser identificada segundo os interesses de cada área do conhecimento. A alternativa fácil do recorte etário, se por um lado introduz uma referência concreta, não permite superar o problema da caracterização do conceito de juventude. Mas, inclusive em relação à faixa etária, também existem divergências na identificação da categoria juventude. Neste documento, seguiremos as definições da Organização Pan-americana da Saúde e da Organização Mundial da Saúde – OPS/OMS, nas quais adolescência e juventude se diferenciariam pelas

⁶ MICHAUD, Y. *A Violência*. São Paulo: Ática, 1989

⁷ DUBET, F. *Penser le sujet*. S/l. Fayard, 1995.

suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas. Para a OPS/OMS⁸ a adolescência constituiria um processo fundamentalmente biológico durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrangeria as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já o conceito juventude resumiria uma categoria essencialmente sociológica, que indicaria o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos.

Faltaria ainda apontar o porquê da utilização das mortes por violência como indicador geral de violência na sociedade e também ainda o sentido atribuído, neste trabalho, ao conceito. Dois grupos de argumentos justificam essa decisão de utilizar os óbitos violentos como indicador geral de violência. Em primeiro lugar, como já apontamos, a violência, da forma anteriormente definida, cobre um espectro significativamente mais amplo de comportamentos do que as mortes por violência. Nem toda, sequer a maior parte das violências cotidianas, conduzem necessariamente à morte de algum dos protagonistas implicados. Porém a morte revela, *per se*, a violência levada a seu grau extremo. Da mesma forma que a virulência de uma epidemia é indicada, freqüentemente, pela quantidade de mortes que originou, também a intensidade nos diversos tipos de violência guarda uma estreita relação com o número de mortes que origina.

Em segundo lugar, porque não existem muitas outras alternativas. O registro de queixas à polícia sobre diversas formas de violência, como ficou evidenciado em nossa pesquisa no DF⁹,

⁸ OPS/OMS. La salud del adolescente y el joven en las Américas. Washington, DC: 1985.

⁹ WASELFISZ, J.J. Juventude, Violência e Cidadania. Os Jovens de Brasília. S.Paulo: Cortez/UNESCO, 1998.

tem uma abrangência extremamente limitada. Nos casos de violência física, só 6,4% dos jovens denunciaram à polícia; nos casos de assalto/furto, só 4%; nos casos de violência no trânsito, só 15%. Já no campo dos óbitos, contamos com um Sistema de Informações sobre Mortalidade que centraliza informações sobre os óbitos em todo o país, e cobre um universo bem significativo das mortes acontecidas, e de suas causas.

Dada a utilização desse Sistema, entenderemos como morte violenta os óbitos acontecidos por acidentes de transporte, por homicídios ou agressões fatais e por suicídios. O que nos permite unificar, numa categoria única, circunstâncias aparentemente pouco semelhantes? Diferentemente das mortes por causas endógenas, que remetem a uma deterioração da saúde causada por algum tipo de enfermidade ou doença, nos casos aqui tratados, a morte é resultado de uma intervenção humana, ou seja, resultado de alguma ação dos indivíduos, seja contra si, como no caso dos suicídios, seja pela intervenção, intencional ou não, de outras pessoas.

Se cada uma dessas mortes tem sua história individual, seu conjunto de determinantes e causas, diferentes e específicas para cada caso, irreduzíveis em sua diversidade e compreensíveis só a partir de seu contexto específico, sociologicamente falando temos que notar, como será desenvolvida ao longo do trabalho, sua regularidade e constância. Um número determinado de mortes violentas acontece todos os anos, levemente maior ou menor que o número de mortes ocorridas no ano anterior. Sem muito esforço, a partir desses dados, poderíamos prognosticar, com certa margem de erro, quantos jovens morrerão em nosso país no próximo ano por causas violentas. E são essas regularidades as que nos possibilitam inferir que, longe de ser resultado de decisões individuais tomadas por indivíduos isolados, estamos perante fenômenos de natureza social, produto de conjuntos de determinantes que se originam na convivência dos grupos e nas estruturas da sociedade.

Durkheim¹⁰, em fins do século passado, escreveu um tratado sobre o tema do suicídio que pode ser considerado uma das pedras da moderna sociologia. Ressaltava o autor que a taxa de suicídios representa um excelente indicador da situação social, e que seus movimentos se encontram fortemente associados a problemas gerais que afetam o conjunto societal. Entendia ele que a sociedade não é simplesmente o produto da ação e da consciência individual. Pelo contrário, as maneiras coletivas de agir e de pensar resultam de uma realidade exterior aos indivíduos que, em cada momento, a elas se conformam. O tratamento do crime, da violência e do suicídio como fato social, permitir-lhe-ia reabilitar cientificamente esses fenômenos e demonstrar que a prática de um crime depende não tanto do indivíduo, senão das diversas formas de coesão e de solidariedade social. Do mesmo modo, ao longo deste trabalho, pretendemos indicar que as diversas formas de violência abordadas, longe de ser produtos aleatórios de atores isolados, configuram “tendências” que encontram sua explicação nas situações sociais, políticas e econômicas que o país atravessa.

1.2 NOTAS TÉCNICAS

A partir do ano de 1979, o Ministério da Saúde passou a implementar o Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) cujas bases de dados foram utilizadas para a elaboração do presente relatório.

Pela legislação vigente no Brasil (Lei nº 015, de 31/12/73, com as alterações introduzidas pela Lei nº 6.216, de 30/06/75), nenhum sepultamento pode ser feito sem a certidão de registro de óbito correspondente. Esse registro deve ser feito à

¹⁰ DURKHEIM, E. *O Suicídio: Estudo Sociológico*. Lisboa: Presença, 1996

vista de atestado médico ou, na falta de médico na localidade, por duas pessoas qualificadas que tenham presenciado ou constatado a morte.

A certidão, normalmente, fornece dados quanto à idade, sexo, estado civil, profissão, naturalidade e local de residência. Determina igualmente a legislação, que o registro do óbito seja sempre feito “no lugar do falecimento”, isto é, no local da ocorrência do evento. Visando o interesse de isolar áreas ou locais de “produção” de violência, utilizou-se no presente trabalho este último dado, o do local de ocorrência, para a localização espacial dos óbitos. Isto, porém, não deixa de trazer alguns problemas que, no formato atual da certidão de registro, não tem solução. É o caso das situações onde o “incidente” causador do óbito difere do local onde teve lugar o falecimento. Feridos em “incidentes” levados para hospitais localizados em outros municípios, ou até em outros Estados, aparecem contabilizados no “lugar do falecimento”.

Uma outra informação relevante para o nosso estudo, exigida pela legislação, é a causa da morte. Até 1995 tais causas eram classificadas pelo SIM seguindo os capítulos da nona revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-9). A partir daquela data o Ministério da Saúde adotou a décima revisão (CID-10). Como na época da elaboração do primeiro Mapa da Violência, que abrange desde 1979 até 1996, o SIM só tinha disponibilizado, com a nova classificação, os dados referentes a 1996, para simplificar a exposição e a comparabilidade dos dados, optou-se pela utilização das categorias do CID-9, re-tabulando, quando necessário, as informações de 1996.

Já para a segunda versão do Mapa da Violência (1989/1998), tendo três anos classificados com a CID-10 (1996 a 1998), optou-se por realizar pelo caminho inverso. Os dados do período 1989 a 1995 foram re-tabulados utilizando as categorias do CID-10. Desta re-classificação surgiram algumas diferenças numéricas entre os dois Mapas.

Já para a terceira versão do Mapa (1991/2000), foram utilizadas as re-tabulações do Mapa II (CID-10), incorporando os dados correspondentes aos anos de 1999 e 2000 já fornecidos no mesmo esquema classificatório.

Nesta quarta versão, que abrange o período 1993/2002 foram utilizados os resultados dos anos 1993 a 2000 do Mapa III, incorporando os anos de 2001 e 2002.

Os aspectos de interesse para o presente estudo estão contidos no que o CID-10, em seu Capítulo XX, classifica como “causas externas de morbidade e mortalidade”. Quando um óbito devido a causas externas (acidentes, envenenamento, queimadura, afogamento etc.) é registrado, descreve-se tanto a natureza da lesão como as circunstâncias que a originaram. Assim, para a codificação dos óbitos, foi utilizada a causa básica, entendida como o tipo de fato, violência ou acidente causador da lesão que levou à morte. Dentre as causas de óbito estabelecidas pelo CID-10 foram utilizadas as seguintes:

- **Acidentes de Transporte**, que corresponde às categorias V01 A V99 do CID-10 e incorpora, além dos comumente denominados “acidentes de trânsito”, outros acidentes derivados das atividades de transporte, como aéreo, por água etc.
- **Homicídios**, que corresponde à somatória das categorias X85 a Y09, recebendo o título genérico de *Agressões*. Tem como característica a presença de uma agressão de terceiros, que utilizam qualquer meio para provocar danos, lesões ou a morte da vítima.
- **Suicídios**, que corresponde às categorias X60 a X84, todas sob o título *Lesões Autoprovocadas Intencionalmente*.
- **Óbitos por uso de Armas de Fogo**, ou, simplesmente, como será denominado ao longo do trabalho, Armas de Fogo. Trata-se de todos aqueles óbitos acidentais, por agressão de terceiros, autoprovocadas intencionalmente ou de

intencionalidade desconhecida, cuja característica comum foi a morte causada por uma arma de fogo. Agrupa os casos de utilização de arma de fogo nas categorias W32 a W34 dos óbitos por traumatismos acidentais; X72 a X74 das Lesões Autoprovocadas Intencionalmente; X93 a X95 das Agressões e Y22 a Y24 do capítulo de Intenção Indeterminada.

As informações usadas sobre a cor/raça das vítimas são as que constam no sistema. O SIM começou a incorporar essa informação com a adoção, em 1996, do CID-10, utilizando o mesmo esquema classificatório do IBGE: branca, preta, amarela, parda e indígena. Mas, nos primeiros anos, até praticamente o ano de 2000, o sub-registro da cor/raça das vítimas era muito elevado. Por tal motivo, recém-começamos a considerar essa informação para o ano de 2002, quando 92% das vítimas de homicídios, acidentes de transporte e suicídio tinham a informação de raça/cor. Além disso, para simplificar as análises, as categorias preta e parda foram somadas para constituir a categoria negra, e foram desconsideradas as categorias amarela e indígena por seu baixo número na população (entre ambas, menos de 0,5%).

Nesta quarta versão do Mapa da Violência, da mesma forma que na primeira versão, foram desenvolvidas análises específicas relativas às regiões metropolitanas do país. Foram incorporadas, nessa análise, as nove regiões metropolitanas tradicionais – Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre – criadas ao longo da década de 70, agregando também a Região Metropolitana de Vitória que, apesar de ser bem mais recente, apresenta um interesse específico quando se trata de analisar a violência letal no país.

Para as comparações internacionais, foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da Organização Mundial da Saúde¹¹ – OMS – em cuja metodologia foi baseado o nosso SIM, pelo que

¹¹ WHOSIS, World Mortality Databases.

ambas as séries de dados são totalmente compatíveis, possibilitando as comparações internacionais. A partir dessas bases, foi possível completar os dados de mortalidade de 67 países do mundo que utilizam o CID-10. Mas, como os países demoram em atualizar essa base de dados, não foi possível nivelar todos os dados para o mesmo ano. Assim, foram utilizados os últimos dados disponibilizados pela OMS, que, segundo o país, variam de 1999 a 2001. Os dados da Colômbia, por estarem desatualizados, foram obtidos diretamente do Departamento Administrativo Nacional de Estatística – DANE – da Colômbia. Para a análise da incidência das armas de fogo, os dados dos Estados Unidos foram obtidos do U.S. National Center for Health Statistics (NCHS).

Não se pode negar que as informações do sistema de registro de óbitos ainda estão sujeitas a uma série de limitações e críticas, expostas pelo próprio SIM¹², e também por outros autores que trabalharam com o tema (MELLO JORGE¹³; RAMOS DE SOUZA et al¹⁴).

A primeira grande limitação, assumida pelo próprio SIM, é o sub-registro, devido, por um lado, à ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, determinando uma redução do número de óbitos declarados. Por outro lado, também a incompleta cobertura do sistema, fundamentalmente nas regiões norte e nordeste, faz com que a fidedignidade das informações diminua com a distância dos centros urbanos e com o tamanho e disponibilidades dos municípios. O próprio SIM¹⁵ estima que os dados apresentados em 1992 podem representar algo em torno de 80% dos óbitos acontecidos no país. Mas, pelas evidências

¹² SIM/DATASUS/MS. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. S/l, 1995.

¹³ MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

¹⁴ RAMOS de SOUZA, et. al. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*. Rio de Janeiro, v.2, n. 1, jan/jun 1996.

¹⁵ SIM/DATASUS/MS *op. cit.*

existentes, esse sub-registro afeta bem mais as mortes por causas naturais do que as mortes violentas.

Não só a quantidade, mas também as qualidades dos dados têm sofrido reparos: mortes sem assistência médica que impede o apontamento correto das causas e ou lesões; deficiências no preenchimento adequado da certidão etc. Apesar dessas limitações, existe ampla coincidência em indicar, por um lado, a enorme importância desse sistema e, por outro, a necessidade de seu aprimoramento.

Para o cálculo das taxas de mortalidade, foram utilizadas as estimativas intercensitárias disponibilizadas pelo DATASUS, baseado em estimativas populacionais do IBGE. Contudo, essas estimativas intercensitárias oficiais não estão desprovidas de uma certa margem de erro. Assim, por exemplo, as estimativas oficiais utilizadas para o ano 2000 (inclusive pelo TCU para os fundos de participação) davam conta de uma população total de 166,1 milhões de habitantes para o Brasil. Mas o Censo Demográfico daquele ano revelou que, na verdade, existiam 169,8 milhões, o que representa um erro de 2,2% nas estimativas. Quando da elaboração do Mapa II, as informações populacionais disponíveis e utilizadas foram as estimativas do IBGE. Já no Mapa III, foram utilizados os resultados preliminares do Censo 2000, e também foram re-estimados os dados populacionais a partir de 1996 para dar maior precisão às taxas, pelo que, entre a versão II e a III, podem existir pequenas diferenças nas taxas, fundamentalmente entre os anos de 1996 e 1998.

Já para a presente versão, foram novamente utilizadas as estimativas do IBGE disponibilizadas pelo DATASUS/MS.

Uma última ressalva deve ser ainda abordada. Refere-se à peculiar situação do Distrito Federal, cuja organização administrativa específica determina que os parâmetros da UF coincidam com os de Brasília como capital. Em muitos casos, quando tratada como UF, apresenta valores relativamente altos, devido a sua peculiar forma de organização.

2. MARCO DA MORTALIDADE JUVENIL NO BRASIL

Para o ano de 2002, segundo as estimativas do IBGE, o país contava com um contingente de 35,1 milhões de jovens na faixa de 15 a 24 anos, o que representa 20,1% do total dos 174,6 milhões de habitantes do país. Essa proporção já foi maior. Em 1980, existiam 25,1 milhões de jovens, no total dos 118,7 milhões de habitantes, o que representava 21,1% do total.

Nas capitais dos estados a proporção de jovens é muito semelhante à média nacional. Efetivamente, para o ano 2002, dos 41,6 milhões de moradores das capitais, 8,5 milhões eram jovens na faixa de 15 a 24 anos, o que representa 20,4% do total das capitais.

Mas esse crescimento no número absoluto de jovens – de 25 milhões em 1980 para 35 milhões em 2000- tenderá a declinar nos próximos anos, dadas as recentes mudanças nas curvas demográficas do país, resultado das quedas nas taxas de fecundidade e do aumento das taxas de mortalidade por causas externas, objeto do presente estudo,

Nas 10 Regiões Metropolitanas consideradas neste estudo, a proporção é levemente inferior. Em 2002, dos 53,6 milhões de habitantes 10,6 milhões eram jovens, o que representa 19,8% do total.

Se a taxa global de mortalidade da população brasileira caiu de 633 em 100.000 habitantes em 1980, para 561 em 2002, a taxa referente aos jovens cresceu, passando de 128 para 137 no mesmo período, fato que já deveria induzir uma profunda preocupação. Contudo a mortalidade entre os jovens não só aumentou

quantitativamente como também mudou sua configuração a partir do que se pode denominar como os “novos padrões de mortalidade juvenil”.

Estudos históricos realizados em São Paulo e Rio de Janeiro (VERMELHO e MELLO JORGE¹⁶) mostram que as epidemias e doenças infecciosas, que eram as principais causas de morte entre os jovens há cinco ou seis décadas, foram sendo progressivamente substituídas pelas denominadas “causas externas” de mortalidade, principalmente, os acidentes de trânsito e os homicídios. Os dados do SIM permitem verificar essa forte tendência. Em 1980 as “causas externas” já eram responsáveis por aproximadamente a metade (52,9%) do total de mortes dos jovens do país. Vinte e dois anos depois, em 2002, dos 47.885 óbitos juvenis registrados no SIM/DATASUS, 34.486 tiveram sua origem em causas externas, pelo que esse percentual elevou-se de forma drástica. No ano 2002 acima de 2/3 de nossos jovens (72%) morrem por causas externas e, como veremos ao longo deste trabalho, o maior responsável foi o homicídio.

Dividindo a população em dois grandes grupos: *os jovens* – 15 a 24 anos – e os *não-jovens* – 0 a 14 e 25 e mais anos- teremos a situação sintetizada na tabela 2.1. Na população *não-jovem*, só 9,8% do total de óbitos são atribuíveis a causas externas. Já entre os jovens, as causas externas são responsáveis por 72% das mortes. Se na população *não-jovem*, só 3,3% dos óbitos são resultado de homicídios, entre os jovens os homicídios são responsáveis por 39,9% das mortes. Mas em alguns estados como Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, algo em torno da metade, ou mais ainda, das mortes de jovens resultam de homicídios. Acidentes de Transporte são responsáveis por mais

¹⁶ VERMELHO, L.L. e MELLO JORGE, M.H.P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). Revista de Saúde Pública. 30 (4). 1996. Apud: MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

15,6% dos óbitos juvenis, e suicídios, por mais 3,4%. Em conjunto, essas três causas são responsáveis por bem mais da metade (59%) das mortes dos jovens brasileiros.

TABELA 2.1 – Estrutura da Mortalidade por UF e Região. População Jovem e não Jovem 15 a 24 anos. Ano: 2002 (em %)

UF/ REGIÃO	POPULAÇÃO JOVEM				POPULAÇÃO NÃO JOVEM			
	Causas Externas	Acid. Transp.	Homicí- dios	Suicí- dios	Causas Externas	Acid. Transp.	Homicí- dios	Suicí- dios
Acre	61,2	11,7	33,0	3,9	12,5	4,8	3,6	0,6
Amazonas	60,6	11,2	30,5	5,0	9,1	2,4	3,0	0,4
Amapá	76,4	16,8	42,7	7,3	15,0	5,1	5,0	1,1
Pará	55,4	15,1	27,2	3,6	10,2	3,2	3,6	0,4
Rondônia	76,1	17,0	38,9	3,4	20,8	5,4	8,0	0,6
Roraima	82,7	26,3	38,3	8,3	22,0	9,8	6,5	0,7
Tocantins	60,2	27,6	19,0	3,1	12,9	6,1	2,6	0,9
Norte	62,1	15,9	30,4	4,2	12,0	3,9	4,0	0,5
Alagoas	70,2	15,1	44,8	3,4	9,3	3,1	4,1	0,4
Bahia	62,9	10,4	22,5	1,9	8,9	1,7	1,8	0,3
Ceará	63,3	19,0	27,9	5,7	9,1	3,2	2,6	1,0
Maranhão	46,7	14,0	17,7	3,3	7,3	2,8	2,0	0,4
Paraíba	56,4	17,0	30,7	2,3	4,9	1,8	1,6	0,3
Pernambuco	75,7	10,5	56,6	2,0	10,3	2,3	5,4	0,4
Piauí	51,3	18,5	17,6	4,9	6,7	3,0	1,4	0,7
Rio Grande do Norte	66,1	18,0	17,3	4,2	8,3	2,4	1,5	0,6
Sergipe	71,5	19,5	41,3	3,3	10,0	3,4	3,5	0,7
Nordeste	64,7	13,9	33,7	3,0	8,7	2,4	2,8	0,5
Espírito Santo	82,0	17,5	55,7	2,0	13,7	4,5	5,8	0,6
Minas Gerais	63,8	17,4	30,2	4,6	7,7	2,5	2,0	0,7
Rio de Janeiro	78,3	10,1	55,7	1,3	10,5	2,0	4,6	0,3
São Paulo	79,5	12,3	49,0	2,5	10,2	2,2	3,8	0,6
Sudeste	76,8	12,9	48,0	2,5	9,9	2,3	3,7	0,5



►► **TABELA 2.1 – (continuação)**

UF/ REGIÃO	POPULAÇÃO JOVEM				POPULAÇÃO NÃO JOVEM			
	Causas Externas	Acid. Transp.	Homicí- dios	Suicí- dios	Causas Externas	Acid. Transp.	Homicí- dios	Suicí- dios
Paraná	75,1	23,0	35,8	4,9	9,9	3,8	2,5	0,9
Rio Grande do Sul	71,5	20,7	31,0	6,8	7,9	2,5	1,8	1,3
Santa Catarina	73,6	38,2	15,2	6,4	10,3	4,5	1,4	1,3
Sul	73,5	25,3	29,8	5,9	9,1	3,3	2,0	1,1
Distrito Federal	71,4	18,7	43,2	3,5	12,0	4,3	3,7	0,8
Goiás	75,1	25,7	34,2	5,9	12,9	5,2	3,6	1,3
Mato Grosso do Sul	74,9	22,9	35,1	9,1	13,1	4,6	4,5	1,1
Mato Grosso	74,1	25,7	31,1	4,0	17,5	5,9	6,1	1,0
Centro-Oeste	74,0	23,7	35,6	5,4	13,7	5,0	4,3	1,1
Brasil	72,0	15,6	39,9	3,4	9,8	2,7	3,3	0,7

Fonte: SIM/DATASUS.

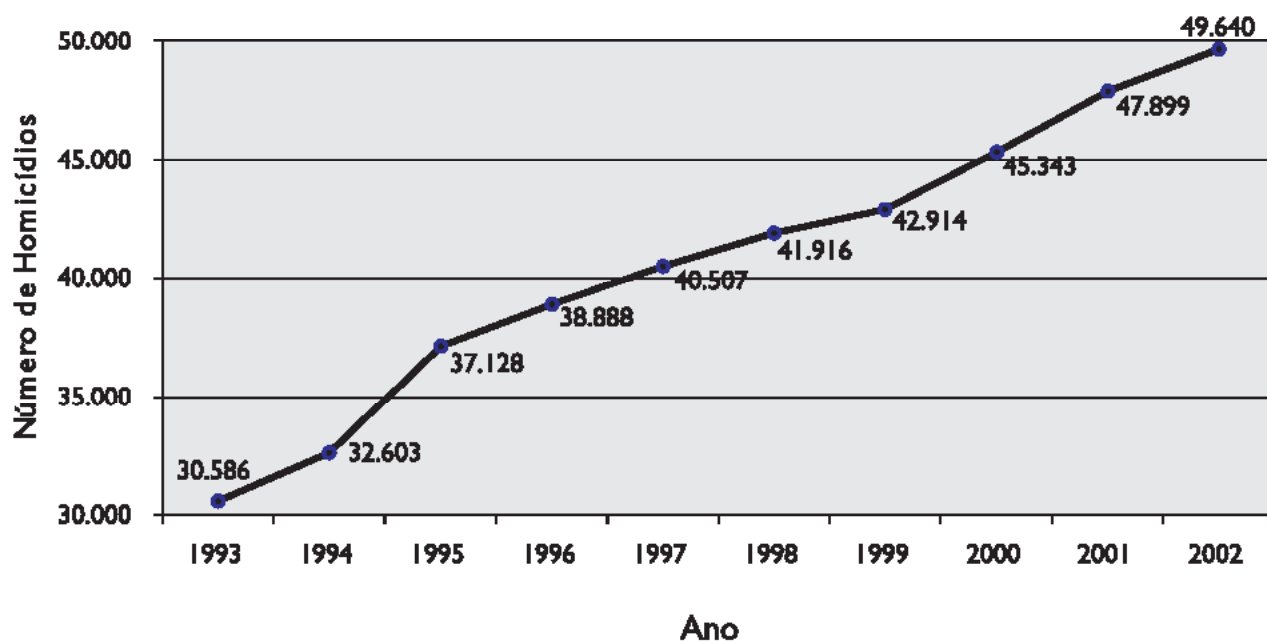
3. HOMICÍDIOS

3.1 EVOLUÇÃO DOS HOMICÍDIOS NO PAÍS

Na década decorrida entre os anos de 1993 e 2002 o número total de homicídios registrados pelo SIM no país passou de 30.586 para 49.640, o que representa um aumento de 62,3%, várias vezes superior ao incremento populacional, que foi de 15,2% no mesmo período.

Pelo gráfico a seguir, pode-se apreciar que, depois de pequenas oscilações nos dois anos iniciais do período considerado, o crescimento dos homicídios tem evidenciado uma assustadora regularidade, com incrementos bem elevados, em torno de 5,5% ao ano.

GRÁFICO 3.1.1 – Número de Homicídios – Brasil – 1993/2002



Em termos regionais (ver tabela 3.1.1), os maiores aumentos registram-se nas regiões centro-oeste (73%) e sul (69,8%).

Observando as Unidades Federadas, ficam evidentes modos de evolução altamente heterogêneos, com extremos que vão de Amapá, Ceará, Piauí, Minas Gerais e Mato Grosso, onde os índices decenais mais que duplicaram; até UFs como Rondônia, Rio Grande do Norte, Bahia ou Distrito Federal, onde o incremento decenal ficou em torno de 20%.

Já a tabela 3.1.2 permite acompanhar a evolução do número de homicídios na população jovem do país. Em primeiro lugar, podemos verificar que o aumento decenal nessa faixa etária (88,6%) foi bem superior ao experimentado pela população total (62,3%). Essa é uma primeira evidência que permite afirmar que a escalada da violência homicida no país avança vitimando preferentemente a sua juventude. Em todas as regiões do país o aumento decenal das vítimas jovens é maior do que o aumento registrado na população total.

Pela mesma tabela pode-se apreciar que, se não existem grandes diferenças regionais quanto ao incremento no número de homicídios juvenis na década, há unidades federadas nas quais o incremento decenal foi bem acentuado. Goiás e Mato Grosso, na região Centro-Oeste; Paraná, na região Sul; Minas Gerais, no sudeste; Alagoas, Ceará, Piauí, Paraíba e Sergipe, no nordeste e Amapá, Pará, Roraima e Tocantins, na região norte, são os estados que mais que duplicaram o volume absoluto de homicídios juvenis na última década.

TABELA 3.1.1 – Número de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: População Total. Local: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Acre	114	88	103	102	100	109	51	108	122	151	32,5
Amazonas	347	382	424	449	467	536	527	559	478	512	47,6
Amapá	65	122	125	164	137	163	193	155	184	181	178,5
Pará	625	716	696	688	746	769	637	806	955	1.183	89,3
Rondônia	494	397	327	300	357	489	434	466	565	606	22,7
Roraima	72	78	88	107	90	132	154	128	107	121	68,1
Tocantins	93	107	75	128	121	136	148	178	221	177	90,3
NORTE	1.810	1.890	1.838	1.938	2.018	2.334	2.144	2.400	2.632	2.931	61,9



► TABELA 3.1.1 – (continuação)

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Alagoas	619	616	731	740	642	585	552	724	836	989	59,8
Bahia	1.504	1.743	1.533	1.880	1.975	1.251	890	1.223	1.573	1.731	15,1
Ceará	703	630	845	881	1.021	941	1.108	1.229	1.298	1.443	105,3
Maranhão	395	309	382	350	320	266	251	344	536	576	45,8
Paraíba	363	394	455	628	491	420	404	519	490	608	67,5
Pernambuco	2.746	2.569	2.710	3.015	3.710	4.428	4.200	4.262	4.685	4.406	60,5
Plaúí	121	103	121	126	153	141	131	234	279	315	160,3
Rio Grande do N.	244	209	249	237	237	223	226	251	316	301	23,4
Sergipe	313	346	257	238	190	176	338	416	532	549	75,4
NORDESTE	7.008	6.919	7.283	8.095	8.739	8.431	8.100	9.202	10.545	10.918	55,8
Espírito Santo	1.104	1.173	1.162	1.199	1.426	1.692	1.543	1.449	1.472	1.639	48,5
Minas Gerais	1.199	1.096	1.186	1.225	1.307	1.471	1.546	2.055	2.343	2.977	148,3
Rio de Janeiro	5.362	6.414	8.226	8.049	7.966	7.570	7.249	7.337	7.352	8.321	55,2
São Paulo	9.219	9.995	11.566	12.350	12.552	14.001	15.810	15.631	15.745	14.494	57,2
SUDESTE	16.884	18.678	22.140	22.823	23.251	24.734	26.148	26.472	26.912	27.431	62,5
Paraná	1.238	1.265	1.388	1.373	1.586	1.633	1.698	1.766	2.039	2.226	79,8
Rio Grande do S.	1.169	1.331	1.430	1.466	1.633	1.514	1.523	1.662	1.848	1.906	63,0
Santa Catarina	358	337	404	404	415	399	381	423	458	563	57,3
SUL	2.765	2.933	3.222	3.243	3.634	3.546	3.602	3.851	4.345	4.695	69,8
Distrito Federal	604	610	687	698	668	720	723	770	773	744	23,2
Goiás	698	739	732	705	695	636	800	1.008	1.087	1.272	82,2
Mato Grosso do S.	459	514	626	727	735	669	572	644	619	686	49,5
Mato Grosso	358	320	600	659	767	846	825	996	986	963	169,0
CENTRO OESTE	2.119	2.183	2.645	2.789	2.865	2.871	2.920	3.418	3.465	3.665	73,0
BRASIL	30.586	32.603	37.128	38.888	40.507	41.916	42.914	45.343	47.899	49.640	62,3

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 3.1.2 – Número de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Acre	47	36	37	34	43	51	14	50	50	68	44,7
Amazonas	129	170	176	186	213	256	241	249	201	218	69,0
Amapá	27	49	53	59	73	70	90	81	90	94	248,1
Pará	191	249	215	230	263	298	195	289	361	421	120,4
Rondônia	114	108	93	71	97	146	113	139	150	174	52,6
Roraima	14	21	30	35	26	45	53	53	40	51	264,3
Tocantins	23	27	24	40	36	39	48	62	59	56	143,5
NORTE	545	660	628	655	751	905	754	923	951	1.082	98,5

► TABELA 3.1.2 – (continuação)

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Alagoas	164	152	172	216	169	172	196	279	336	386	135,4
Bahia	572	671	535	697	777	452	331	464	588	683	19,4
Ceará	232	187	268	278	322	313	347	432	442	480	106,9
Maranhão	101	83	110	99	93	77	70	133	208	194	92,1
Paraíba	112	129	165	194	150	138	137	212	198	231	106,3
Pernambuco	903	911	920	1.007	1.407	1.810	1.640	1.739	1.934	1.749	93,7
Piauí	37	37	37	33	54	54	52	89	94	126	240,5
Rio Grande do N.	69	75	63	77	77	89	57	76	99	99	43,5
Sergipe	96	120	71	85	72	53	112	152	195	212	120,8
NORDESTE	2.286	2.365	2.341	2.686	3.121	3.158	2.942	3.576	4.094	4.160	82,0
Espírito Santo	343	333	392	402	492	593	573	533	558	681	98,5
Minas Gerais	322	329	355	348	381	456	520	776	872	1.120	247,8
Rio de Janeiro	1.725	2.106	2.886	2.773	2.895	2.749	2.710	2.817	2.746	3.184	84,6
São Paulo	3.484	4.006	4.225	4.450	4.676	5.376	6.133	6.430	6.242	5.991	72,0
SUDESTE	5.874	6.774	7.858	7.973	8.444	9.174	9.936	10.556	10.418	10.976	86,9
Paraná	342	356	424	446	472	510	546	615	690	849	148,2
Rio Grande do S.	383	423	461	434	520	465	511	533	604	664	73,4
Santa Catarina	89	91	101	117	113	106	97	105	139	176	97,8
SUL	814	870	986	997	1.105	1.081	1.154	1.253	1.433	1.689	107,5
Distrito Federal	255	245	275	284	259	294	332	341	369	356	39,6
Goiás	185	218	200	187	212	227	257	354	390	437	136,2
Mato Grosso do S.	124	141	192	219	193	201	172	213	177	208	67,7
Mato Grosso	90	57	123	185	179	227	218	278	289	280	211,1
CENTRO OESTE	654	661	790	875	843	949	979	1.186	1.225	1.281	95,9
BRASIL	10.173	11.330	12.603	13.186	14.264	15.267	15.765	17.494	18.121	19.188	88,6

Fonte: SIM/DATASUS.

As taxas de homicídios (por grupo de 100.000 habitantes) permitem relacionar o número de homicídios com o total da população, do que resulta um indicador sobre os níveis relativos de incidência, quando comparadas áreas com diferentes magnitudes populacionais.

Pela tabela 3.1.3 é possível observar que a taxa do país, em 1993, foi de 20,3 homicídios por 100.000 habitantes. Essa taxa experimentou um aumento gradual, com diversas oscilações ao longo do período, passando já, em 2002, para 28,4 homicídios em 100.000 habitantes.

As maiores taxas de homicídios (acima de 50 em cada 100.000 habitantes) no ano 2002, registram-se nos estados de Rio de Janeiro, Pernambuco e Espírito Santo. As menores (em torno de 10 homicídios em 100.000 habitantes) em Santa Catarina, Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte.

Se as taxas de homicídios de jovens em 1993 já eram bem mais elevadas do que as da população total (20,3 em 100.000 para a população total, 34,5 para os jovens), dez anos depois as diferenças cresceram mais ainda. Se as taxas da população total cresceram 39,4% na década, as taxas juvenis cresceram a um ritmo superior: 58,2%. Com isto, entre os jovens, a taxa elevou-se para 54,7 homicídios em 100.000 no ano 2002.

Entretanto, como pode ser visto pela tabela 3.1.4, a situação entre estados e regiões é altamente heterogênea. Num extremo, em estados como Rio de Janeiro, Espírito Santo e Pernambuco, a taxa de mortalidade juvenil supera o marco dos 100 óbitos por 100.000 jovens. Num outro extremo, em estados como Santa Catarina, Rio Grande do Norte e Maranhão, a taxa é pouco superior a 15 homicídios em 100.000 jovens.

Tabela 3.1.3 – Taxa de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: Todas. Locais: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Acre	25,9	19,4	22,0	20,6	19,6	20,7	9,4	19,4	21,2	25,7
Amazonas	15,8	17,0	18,4	18,0	18,1	20,2	19,3	19,9	16,5	17,3
Amapá	20,2	35,9	35,0	41,7	33,1	37,4	42,3	32,5	36,9	35,0
Pará	12,1	13,5	12,9	12,2	12,9	13,0	10,5	13,0	15,1	18,3
Rondônia	42,6	33,6	27,2	23,6	27,5	36,9	32,1	33,8	40,1	42,3
Roraima	31,8	33,6	36,9	38,6	31,2	43,9	49,3	39,5	31,7	34,9
Tocantins	9,6	10,8	7,4	12,2	11,2	12,3	13,1	15,4	18,7	14,7
Norte	17,3	17,6	16,7	16,7	16,9	19,0	17,0	18,6	19,9	21,7



► Tabela 3.1.3 – (continuação)

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Alagoas	24,3	23,9	28,1	27,6	23,6	21,2	19,8	25,6	29,3	34,3
Bahia	12,4	14,3	12,4	15,0	15,6	9,7	6,8	9,4	11,9	13,0
Ceará	10,8	9,5	12,6	12,7	14,4	13,1	15,2	16,5	17,2	18,9
Maranhão	7,8	6,1	7,4	6,6	5,9	4,8	4,5	6,1	9,4	9,9
Paraíba	11,2	12,1	13,9	18,8	14,6	12,4	11,8	15,1	14,1	17,4
Pernambuco	37,6	34,7	36,1	39,8	48,5	57,2	53,6	53,8	58,5	54,5
Piauí	4,6	3,9	4,6	4,6	5,6	5,1	4,7	8,2	9,7	10,9
Rio Grande do N.	9,9	8,4	9,9	9,1	8,9	8,3	8,3	9,0	11,2	10,6
Sergipe	20,4	22,1	16,2	14,4	11,3	10,2	19,3	23,3	29,3	29,7
Nordeste	16,2	15,8	16,4	17,8	19,0	19,7	19,6	19,3	21,8	22,4
Espírito Santo	41,3	43,3	42,2	41,7	48,6	56,6	50,7	46,8	46,7	51,2
Minas Gerais	7,5	6,7	7,2	7,2	7,6	8,4	8,8	11,5	12,9	16,2
Rio de Janeiro	41,2	48,9	62,2	58,8	57,5	53,9	51,0	51,0	50,5	56,5
São Paulo	28,4	30,3	34,6	35,7	35,6	39,1	43,4	42,2	41,8	38,0
Sudeste	26,3	28,7	33,6	33,5	33,6	35,2	36,7	36,6	36,6	36,8
Paraná	14,3	14,4	15,7	15,1	17,3	17,5	18,0	18,5	21,0	22,7
Rio Grande do Sul	12,6	14,2	15,0	15,1	16,6	15,2	15,1	16,3	17,9	18,3
Santa Catarina	7,7	7,1	8,4	8,1	8,2	7,7	7,2	7,9	8,4	10,2
Sul	12,2	12,8	13,9	13,6	15,1	14,5	14,5	15,3	17,1	18,2
Distrito Federal	35,9	35,4	38,9	37,7	35,1	36,9	36,1	37,5	36,9	34,7
Goiás	16,6	17,2	16,7	15,4	14,9	13,3	16,3	20,1	21,2	24,4
Mato Grosso do Sul	25,1	27,6	33,1	37,4	37,1	33,3	28,0	31,0	29,3	32,0
Mato Grosso	17,1	15,0	27,5	28,7	32,7	35,3	33,7	39,8	38,5	37,0
Centro-Oeste	21,6	21,8	25,9	26,2	26,3	25,8	25,6	29,4	29,2	30,3
Brasil	20,3	21,4	24,0	24,4	25,0	25,9	26,3	26,7	27,8	28,4

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 3.1.4 – Taxa de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Locais: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Acre	50,6	37,1	36,6	31,9	38,8	44,3	11,7	40,5	39,3	52,3
Amazonas	27,6	35,1	35,0	34,4	37,9	43,9	39,9	39,8	31,2	33,1
Amapá	39,0	66,1	67,1	68,6	80,0	72,6	88,5	75,8	80,6	81,2
Pará	17,7	22,4	18,8	19,1	21,1	23,3	14,8	21,3	26,0	29,8
Rondônia	46,5	43,2	36,5	26,3	35,2	51,8	39,2	47,2	50,0	57,0
Roraima	29,6	43,1	59,9	59,3	42,1	69,8	78,8	75,7	55,0	68,2
Tocantins	11,5	13,1	11,2	18,1	15,8	16,6	19,8	24,9	23,1	21,5
Norte	24,8	29,0	26,8	26,3	29,2	34,1	27,5	32,7	32,8	36,6

► TABELA 3.1.4 – (continuação)

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Alagoas	30,5	28,0	31,3	37,8	29,1	29,2	32,8	46,0	54,8	62,2
Bahia	22,8	26,2	20,5	26,0	28,6	16,5	11,9	16,0	20,1	23,1
Ceará	18,1	14,4	20,3	20,0	22,7	21,6	23,5	28,7	28,9	31,0
Maranhão	10,1	8,1	10,5	8,8	8,1	6,5	5,7	10,6	16,3	15,0
Paraíba	17,2	19,6	24,9	28,5	21,8	19,8	19,5	29,8	27,6	32,0
Pernambuco	60,4	60,1	59,9	64,3	88,7	112,6	100,7	105,4	115,9	103,4
Piauí	6,9	6,8	6,7	5,7	9,2	9,0	8,5	14,3	15,0	19,9
Rio Grande do N.	14,0	15,0	12,5	14,5	14,2	16,2	10,2	13,4	17,2	16,9
Sergipe	29,6	36,4	21,1	24,2	20,1	14,5	29,9	39,8	50,1	53,7
Nordeste	25,9	26,3	25,7	28,3	32,4	35,5	34,0	35,1	39,6	39,9
Espírito Santo	64,6	61,5	71,0	69,4	82,9	97,7	92,3	83,9	86,3	103,7
Minas Gerais	10,3	10,3	11,0	10,4	11,2	13,2	14,9	21,8	24,2	30,7
Rio de Janeiro	73,2	88,4	120,0	111,9	115,2	107,9	105,0	107,7	103,7	118,9
São Paulo	56,6	63,8	65,9	67,3	69,2	78,0	87,2	89,6	85,6	81,0
Sudeste	48,2	54,7	62,4	61,3	63,7	68,0	72,3	75,5	73,4	76,3
Paraná	20,0	20,7	24,5	25,3	26,5	28,4	30,2	33,8	37,4	45,5
Rio Grande do Sul	23,6	25,8	27,8	25,2	29,8	26,2	28,4	29,2	32,7	35,6
Santa Catarina	10,0	10,1	11,1	12,2	11,6	10,8	9,7	10,4	13,5	16,8
Sul	19,2	20,4	22,9	22,4	24,6	23,8	25,1	26,9	30,3	35,3
Distrito Federal	67,9	63,2	68,8	68,9	61,1	67,5	74,2	74,3	78,6	74,1
Goiás	21,0	24,2	21,7	19,8	22,0	23,0	25,6	34,5	37,2	40,9
Mato Grosso do Sul	34,0	38,1	51,1	56,6	49,0	50,3	42,3	51,6	42,2	48,9
Mato Grosso	20,4	12,7	26,8	38,5	36,4	45,2	42,5	53,2	54,0	51,4
Centro-Oeste	31,7	31,3	36,6	39,3	37,1	40,9	41,3	49,0	49,5	50,9
Brasil	34,5	37,7	41,3	41,7	44,3	47,5	48,5	51,3	52,4	54,7

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

Melhor visualização da situação dos homicídios nos estados pode ser obtida na tabela 3.1.5, que ordena as UFs pela taxa de homicídios (em 100.000) por habitantes, tanto para a população total quanto para a faixa de 15 a 24 anos de idade, nos anos extremos da década analisada. Em geral, pode-se perceber que não existem diferenças dramáticas de posição relativa das UFs. Estados que tinham, em 1993, as maiores taxas do país, continuam em 2002, o mesmo acontecendo com as UFs que tinham baixas taxas. As exceções podem ser as escaladas de Mato Grosso e Amapá.

TABELA 3.1.5 – Ordenamento das UF por Taxa de Homicídios. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Ano: 1993/2002

UF	População Total		
	Posição em		Taxa em 2002
	1993	2002	
Rio de Janeiro	3º	1º	56,5
Pernambuco	4º	2º	54,5
Espírito Santo	2º	3º	51,2
Rondônia	1º	4º	42,3
São Paulo	7º	5º	38,0
Mato Grosso	13º	6º	37,0
Amapá	12º	7º	35,0
Roraima	6º	8º	34,9
Distrito Federal	5º	9º	34,7
Alagoas	10º	10º	34,3
Mato Grosso do Sul	9º	11º	32,0
Sergipe	11º	12º	29,7
Acre	8º	13º	25,7
Goiás	14º	14º	24,4
Paraná	16º	15º	22,7
Ceará	21º	16º	18,9
Pará	19º	17º	18,3
Rio Grande do Sul	17º	18º	18,3
Paraíba	20º	19º	17,4
Amazonas	15º	20º	17,3
Minas Gerais	26º	21º	16,2
Tocantins	23º	22º	14,7
Bahia	18º	23º	13,0
Piauí	27º	24º	10,9
Rio Grande do N.	22º	25º	10,6
Santa Catarina	25º	26º	10,2
Maranhão	24º	27º	9,9

UF	15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa em 2002
	1993	2002	
Rio de Janeiro	1º	1º	118,9
Espírito Santo	3º	2º	103,7
Pernambuco	4º	3º	103,4
Amapá	8º	4º	81,2
São Paulo	5º	5º	81,0
Distrito Federal	2º	6º	74,1
Roraima	12º	7º	68,2
Alagoas	10º	8º	62,2
Rondônia	7º	9º	57,0
Sergipe	11º	10º	53,7
Acre	6º	11º	52,3
Mato Grosso	17º	12º	51,4
Mato Grosso do Sul	9º	13º	48,9
Paraná	18º	14º	45,5
Goiás	16º	15º	40,9
Rio Grande do Sul	14º	16º	35,6
Amazonas	13º	17º	33,1
Paraíba	21º	18º	32,0
Ceará	19º	19º	31,0
Minas Gerais	24º	20º	30,7
Pará	20º	21º	29,8
Bahia	15º	22º	23,1
Tocantins	23º	23º	21,5
Piauí	27º	24º	19,9
Rio Grande do N.	22º	25º	16,9
Santa Catarina	26º	26º	16,8
Maranhão	25º	27º	15,0

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

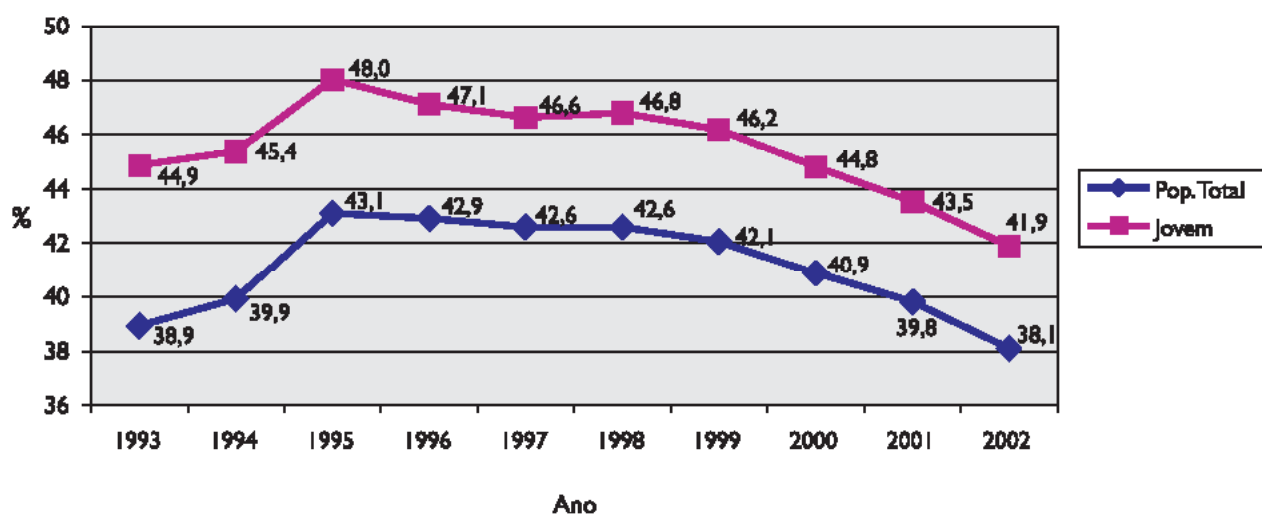
3.2 EVOLUÇÃO DOS HOMICÍDIOS NAS CAPITALS

Considerando exclusivamente as capitais dos estados é possível verificar que o aumento decenal no número de homicídios foi levemente inferior ao experimentado nas UFs como um todo. Com 11.911 homicídios em 1993, as capitais passam para 18.915 em

2002, o que implica um incremento de 58,8% na década considerada (contra 62,3% de aumento nas UFs). No ano de 2002 as capitais, que representam 23,8% da população, foram responsáveis por 38,1% do total de homicídios do país. Essa participação das capitais já foi maior. Historicamente sua participação foi crescendo até 1995, quando atinge o patamar de 43,1% do total de homicídios do país. A partir daquela data, a participação começa a cair gradualmente.

Quando se trata de homicídios juvenis, a participação das capitais é ainda maior, representando em 1995 quase a metade do total de homicídios juvenis do país, caindo gradualmente até 41,9% em 2002.

GRÁFICO 3.2.1 – Participação das Capitais nos Homicídios Totais e Juvenis – Brasil – 1993/2002



Considerando exclusivamente as capitais, a região sul foi a que experimentou o maior aumento da década, mais que duplicando o número bruto de homicídios (133,3%). Já a região nordeste foi a de menor incremento absoluto (43%).

TABELA 3.2.1 – Número de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: População Total. Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	222	307	274	260	284	341	179	332	352	420	89,2
Boa Vista	56	63	70	83	55	84	86	81	67	82	46,4
Macapá	51	91	99	136	109	125	164	131	131	135	164,7
Manaus	314	358	383	409	421	498	443	465	366	395	25,8
Palmas	6	7	10	8	7	14	24	30	40	33	450,0
Porto Velho	120	121	72	97	115	214	172	204	229	220	83,3
Rio Branco	103	76	80	82	88	96	44	92	102	120	16,5
Norte	872	1.023	988	1.075	1.079	1.372	1.112	1.335	1.287	1.405	61,1
Aracaju	145	202	123	124	84	76	157	184	285	258	77,9
Fortaleza	389	388	555	482	543	419	529	604	609	707	81,7
João Pessoa	127	130	180	200	187	216	210	226	251	263	107,1
Maceió	287	286	331	357	287	255	243	360	485	511	78,0
Natal	103	98	114	115	121	110	66	74	113	102	-1,0
Recife	937	848	955	1.061	1.430	1.559	1.368	1.383	1.392	1.311	39,9
Salvador	701	863	653	846	935	351	182	315	530	585	-16,5
São Luís	138	145	194	180	178	135	107	144	244	194	40,6
Teresina	67	61	77	87	113	121	97	159	169	206	207,5
Nordeste	2.894	3.021	3.182	3.452	3.878	3.850	3.760	3.449	4.078	4.137	43,0
Belo Horizonte	274	261	373	396	436	436	574	779	791	979	257,3
Rio de Janeiro	1.802	2.236	3.474	3.742	3.665	3.497	2.998	3.316	3.274	3.728	106,9
São Paulo	4.352	4.606	5.722	5.686	5.607	6.065	6.890	6.764	6.669	5.575	28,1
Vitória	206	238	250	223	277	284	293	231	252	240	16,5
Sudeste	6.634	7.341	9.819	10.047	9.985	10.282	10.755	11.090	10.986	10.522	58,6
Curitiba	256	270	299	326	404	352	410	416	453	530	107,0
Florianópolis	23	14	28	30	26	26	25	35	60	88	282,6
Porto Alegre	226	308	373	382	483	410	432	534	501	560	147,8
Sul	505	592	700	738	913	788	867	985	1.014	1.178	133,3
Brasília	604	610	687	698	667	733	723	770	773	744	23,2
Campo Grande	129	153	192	255	259	259	200	261	231	239	85,3
Cuiabá	43	32	165	192	244	341	311	336	379	260	504,7
Goiânia	230	247	276	237	226	235	318	313	327	430	87,0
C.Oeste	1.006	1.042	1.320	1.382	1.396	1.568	1.552	1.680	1.710	1.673	66,3
Brasil (Capitais)	11.911	13.019	16.009	16.694	17.251	17.860	18.046	18.539	19.075	18.915	58,8

Fonte: SIM/DATASUS.

Excluindo Palmas, recentemente criada, pelo que não podem ser tomadas em conta suas taxas, foram Belo Horizonte e Cuiabá as capitais que evidenciaram os maiores índices de crescimento no número de homicídios.

Se os homicídios nas capitais cresceram num ritmo significativo (58,8%), entre os jovens esse ritmo foi bem maior: 76,1% de aumento decenal, tendo algumas capitais, como Cuiabá ou Belo Horizonte, apresentado ritmos verdadeiramente vertiginosos.

TABELA 3.2.2 – Número de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	87	137	112	114	103	147	81	152	176	183	110,3
Boa Vista	11	17	27	32	19	34	37	41	29	42	281,8
Macapá	23	41	45	50	59	57	76	64	70	69	200,0
Manaus	120	161	165	176	200	242	217	209	160	168	40,0
Palmas	3	2	2	2	1	5	4	5	12	11	266,7
Porto Velho	40	51	33	30	42	82	48	82	78	85	112,5
Rio Branco	43	30	33	30	37	45	45	45	49	56	30,2
Norte	327	439	417	434	461	612	508	598	574	614	148,787
Aracaju	55	88	45	55	40	29	56	84	123	116	110,9
Fortaleza	150	127	203	169	197	162	184	237	240	260	73,3
João Pessoa	45	52	84	84	66	86	88	111	105	114	153,3
Maceió	88	79	93	128	88	91	113	163	228	229	160,2
Natal	39	55	38	50	49	45	25	23	52	48	23,1
Recife	361	355	401	424	640	716	595	640	628	560	55,1
Salvador	349	408	296	390	438	172	94	150	234	284	-18,6
São Luís	52	56	77	68	63	46	35	59	102	69	32,7
Teresina	28	23	32	25	47	46	44	71	72	101	260,7
Nordeste	1.167	1.243	1.269	1.393	1.628	1.672	1.604	1.538	1.784	1.781	52,6
Belo Horizonte	92	91	133	138	140	140	241	353	334	442	380,4
Rio de Janeiro	613	722	1.218	1.307	1.328	1.352	1.137	1.342	1.261	1.508	146,0
São Paulo	1.732	1.970	2.163	2.122	2.134	2.335	2.666	2.797	2.707	2.339	35,0
Vitória	73	78	110	81	111	109	142	97	114	122	67,1
Sudeste	2.510	2.861	3.624	3.648	3.713	3.936	4.186	4.589	4.416	4.411	75,7



► TABELA 3.2.2 – (continuação)

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Curitiba	82	89	111	107	148	122	152	171	181	239	191,5
Florianópolis	12	4	8	10	10	14	10	9	25	38	216,7
Porto Alegre	78	109	149	119	176	156	176	217	176	224	187,2
Sul	172	202	268	236	334	292	338	397	382	501	191,3
Brasília	255	245	275	284	283	339	332	341	369	356	39,6
Campo Grande	41	54	62	85	83	83	80	107	86	80	95,1
Cuiabá	20	10	48	63	85	133	110	140	153	121	505,0
Goiânia	74	88	88	69	65	79	122	128	124	179	141,9
C.Oeste	390	397	473	501	516	634	644	716	732	736	88,7
Brasil (Capitais)	4.566	5.142	6.051	6.212	6.652	7.146	7.280	7.838	7.888	8.043	76,1

Fonte: SIM/DATASUS.

A tabela 3.2.3, que relaciona o número de homicídios e a população existente nas capitais, permite verificar que:

- as taxas das capitais são bem maiores que as taxas das UFs (a taxa nacional, em 2002, foi de 28,4 homicídios em 100.000 habitantes, enquanto que a taxa das capitais 45,5);
- regionalmente, as maiores taxas concentram-se no sudeste do país;
- as menores taxas são encontradas na Regiões Sul e Norte;
- Natal é a capital que apresenta as menores taxas do país, enquanto Recife e Vitória no outro extremo, são as que se destacam pelos seus elevados índices.

TABELA 3.2.3 – Taxa de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: Todas. Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	18,9	26,8	24,6	22,7	24,1	28,1	46,0	56,1	27,0	31,8
Boa Vista	37,1	40,5	43,7	50,1	31,6	45,9	44,8	40,4	32,1	38,2
Macapá	25,6	43,3	44,9	61,5	46,1	49,6	61,3	46,2	44,3	44,0
Manaus	29,6	32,9	34,3	35,3	34,5	38,9	33,0	33,2	25,2	26,5
Palmas	12,6	11,7	13,9	9,3	7,1	12,5	19,3	21,8	26,5	20,5
Porto Velho	39,7	38,9	22,5	33,0	37,8	68,1	53,0	47,5	66,9	63,2
Rio Branco	48,2	34,1	34,5	35,8	37,5	39,8	17,8	36,4	39,0	44,8
Norte	27,7	32,0	30,5	32,6	31,3	38,1	40,2	43,1	32,1	34,2

► TABELA 3.2.3 – (continuação)

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Aracaju	35,3	48,6	29,2	29,0	19,2	17,1	34,6	39,4	60,9	54,4
Fortaleza	21,2	20,7	29,0	24,5	27,0	20,4	25,2	28,2	27,9	31,8
João Pessoa	24,6	24,7	33,6	36,4	33,3	37,7	35,8	37,8	41,3	42,5
Maceió	43,4	42,0	47,3	49,4	38,7	33,5	31,2	45,1	59,3	61,3
Natal	16,5	15,5	17,7	17,5	18,1	16,1	9,5	10,4	15,6	13,9
Recife	69,4	61,6	68,0	78,8	104,7	112,6	97,5	95,8	96,9	90,0
Salvador	33,1	40,2	30,0	38,3	41,2	15,4	7,9	41,2	21,3	23,2
São Luís	18,5	18,7	24,2	23,1	22,2	16,4	12,6	16,6	27,4	21,4
Teresina	10,8	9,7	12,0	13,3	16,9	17,7	13,8	22,2	23,2	27,8
Nordeste	32,6	33,4	34,5	37,1	40,7	39,5	37,8	40,5	39,4	39,3
Belo Horizonte	13,4	12,7	18,0	18,9	20,5	20,1	8,1	14,8	35,0	42,9
Rio de Janeiro	32,8	40,6	62,9	67,4	65,1	61,3	51,9	56,5	55,5	62,8
São Paulo	44,9	47,3	58,6	57,8	56,1	59,8	67,0	64,8	63,5	52,6
Vitória	79,0	90,7	94,7	83,9	101,7	101,8	102,6	78,7	85,1	80,2
Sudeste	37,9	41,8	55,7	56,6	55,4	56,2	55,8	56,5	58,0	55,0
Curitiba	18,6	19,2	20,8	22,1	26,9	23,0	26,3	26,2	28,0	32,2
Florianópolis	8,8	5,3	10,5	11,1	9,0	8,5	7,7	10,2	17,0	24,4
Porto Alegre	17,8	24,1	29,1	29,6	37,0	30,9	32,2	39,2	36,5	40,5
Sul	17,4	20,1	23,4	24,3	29,5	24,9	26,9	29,9	30,3	34,8
Brasília	35,9	35,4	38,9	38,3	35,5	37,9	36,3	37,5	36,9	34,7
Campo Grande	23,4	27,0	33,1	42,5	42,0	41,0	30,9	39,3	34,0	34,5
Cuiabá	10,4	7,7	38,9	44,3	54,7	74,4	66,1	69,5	76,9	52,0
Goiânia	24,2	25,5	28,1	23,6	22,0	22,4	29,7	28,6	29,4	38,1
C.Oeste	28,0	28,4	35,1	35,8	35,2	38,5	37,1	39,2	39,0	37,4
Brasil (Capitais)	33,1	35,7	43,5	44,8	45,3	46,0	45,5	47,2	46,5	45,5

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

Pode ser observado na tabela 3.2.4 que a taxa de homicídios juvenis das capitais (95 homicídios em 100.000 jovens) mais que duplica a taxa de homicídios total (45,5 homicídios em 100.000 habitantes), dando-nos uma idéia da gravidade da situação juvenil.

TABELA 3.2.4 – Taxa de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos.
Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	32,0	51,8	43,6	42,8	37,9	53,0	28,6	52,7	59,9	61,4
Boa Vista	33,3	49,9	76,9	88,6	49,5	83,8	86,4	91,0	61,9	87,2
Macapá	52,0	86,7	89,4	97,3	107,7	98,0	123,5	98,6	103,3	98,2
Manaus	49,2	63,9	63,5	65,3	70,7	81,6	70,0	64,9	47,9	49,0
Palmas	27,1	14,2	11,7	9,7	4,2	18,4	13,2	14,9	32,6	28,0
Porto Velho	62,6	77,3	48,5	47,6	64,3	121,4	68,7	91,5	105,7	113,4
Rio Branco	92,2	61,2	64,3	58,7	70,4	83,4	81,2	79,2	83,4	93,1
Norte	45,8	60,4	56,4	57,3	58,4	74,5	59,6	65,9	62,9	65,8
Aracaju	59,3	93,7	47,3	57,0	40,7	29,0	55,0	80,1	117,0	109,0
Fortaleza	38,8	32,3	50,8	41,5	47,1	37,8	41,8	52,6	52,2	55,6
João Pessoa	41,3	46,8	74,1	72,5	55,7	71,0	71,1	87,8	81,8	87,1
Maceló	59,6	52,4	60,3	81,0	54,7	55,6	67,8	96,2	131,3	129,4
Natal	29,9	41,6	28,4	36,8	35,2	31,5	17,0	15,3	34,1	31,0
Recife	130,4	126,8	141,7	153,9	230,3	255,5	210,5	221,3	218,1	192,9
Salvador	75,5	86,2	61,1	78,4	85,5	33,6	18,2	85,5	41,3	49,4
São Luís	28,8	29,6	38,9	36,3	32,6	23,1	17,1	28,0	47,4	31,5
Teresina	20,1	16,2	22,0	16,7	30,6	29,2	27,2	42,7	42,5	58,7
Nordeste	60,6	63,2	63,2	68,9	78,6	78,8	73,9	83,6	79,0	77,7
Belo Horizonte	22,6	22,0	31,7	32,4	32,3	31,8	53,9	75,4	72,9	95,4
Rio de Janeiro	65,6	76,8	128,7	137,2	136,9	136,9	113,1	131,1	122,5	145,5
São Paulo	94,9	106,7	115,8	112,2	111,0	119,5	134,3	138,8	133,5	114,2
Vitória	142,0	149,7	208,4	151,2	200,7	191,2	241,8	160,5	186,3	197,1
Sudeste	78,0	88,0	110,3	109,7	109,8	114,5	119,8	128,8	123,5	122,2
Curitiba	30,1	31,9	38,7	36,3	49,5	40,2	49,4	54,8	56,8	73,9
Florianópolis	23,5	7,7	15,1	18,5	17,2	22,6	15,2	12,9	34,7	51,5
Porto Alegre	36,2	49,6	66,7	52,2	75,5	65,4	72,2	87,2	70,1	88,5
Sul	31,9	36,7	47,6	40,9	56,6	48,3	54,7	62,9	59,5	77,0
Brasília	67,9	63,2	68,8	68,7	66,6	77,7	74,1	74,3	78,6	74,1
Campo Grande	37,1	47,5	53,1	70,7	67,0	65,1	61,0	79,4	62,3	56,9
Cuiabá	22,7	11,1	51,9	66,2	86,6	131,6	105,7	130,8	140,2	109,2
Goiânia	35,1	41,1	40,5	31,2	28,7	34,2	51,8	53,3	50,7	72,1
C.Oeste	49,7	49,3	57,2	58,9	59,1	70,8	70,1	76,1	76,2	75,1
Brasil (Capitais)	63,6	70,4	81,5	82,5	86,3	90,7	90,4	98,8	94,5	95,0

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

Quando se ordenam as capitais segundo sua posição relativa, pode ser observado que Natal, São Luís e Palmas apresentam as menores taxas de homicídios, tanto na população total quanto no setor jovem. Já Vitória, Recife e Rio de Janeiro são as capitais com maiores índices de homicídios juvenis, tendo que agregar também Porto Velho quando falamos do total da população.

TABELA 3.2.5 – Ordenamento das UF's por Taxa de Homicídios. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Ano: 2000

UF	População Total	
	Taxa	Posição
Recife	90,5	1º
Vitória	80,2	2º
Porto Velho	63,2	3º
Rio de Janeiro	62,8	4º
Maceió	61,3	5º
Aracaju	54,4	6º
São Paulo	52,6	7º
Cuiabá	52,0	8º
Rio Branco	44,8	9º
Macapá	44,0	10º
Belo Horizonte	42,9	11º
João Pessoa	42,5	12º
Porto Alegre	40,5	13º
Boa Vista	38,2	14º
Goiânia	38,1	15º
Brasília	34,7	16º
Campo Grande	34,5	17º
Curitiba	32,2	18º
Fortaleza	31,8	19º
Belém	31,8	20º
Teresina	27,8	21º
Manaus	26,5	22º
Florianópolis	24,4	23º
Salvador	23,2	24º
São Luís	21,4	25º
Palmas	20,5	26º
Natal	13,9	27º

UF	15 a 24 anos	
	Taxa	Posição
Vitória	197,1	1º
Recife	192,9	2º
Rio de Janeiro	145,5	3º
Maceió	129,4	4º
São Paulo	114,2	5º
Porto Velho	113,4	6º
Cuiabá	109,2	7º
Aracaju	109,0	8º
Macapá	98,2	9º
Belo Horizonte	95,4	10º
Rio Branco	93,1	11º
Porto Alegre	88,5	12º
Boa Vista	87,2	13º
João Pessoa	87,1	14º
Brasília	74,1	15º
Curitiba	73,9	16º
Goiânia	72,1	17º
Belém	61,4	18º
Teresina	58,7	19º
Campo Grande	56,9	20º
Fortaleza	55,6	21º
Florianópolis	51,5	22º
Salvador	49,4	23º
Manaus	49,0	24º
São Luís	31,5	25º
Natal	31,0	26º
Palmas	28,0	27º

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

3.3 EVOLUÇÃO DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES METROPOLITANAS

As 10 regiões metropolitanas consideradas no presente estudo, representando 30,7% da população do país no ano de 2002, concentravam mais da metade - 53,1% - dos homicídios acontecidos naquele ano. Essa proporção já foi maior: entre 1995 e 1997 oscilou na casa de 60%, caindo progressivamente até o ano 2002. Porém, cinco regiões metropolitanas – São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte e Vitória – foram responsáveis por 45,3% do total de homicídios acontecidos no ano de 2002.

Algumas regiões metropolitanas, como Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre, evidenciaram um preocupante incremento nos homicídios, mais que duplicando suas vítimas no lapso de 10 anos. Já a região metropolitana de Salvador mostra oscilações francamente desconcertantes, ora apresentando valores relativamente elevados, ora quedas extremamente bruscas.

TABELA 3.3.1 – Número de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: População Total. Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										%Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	272	367	331	317	362	403	212	339	398	491	80,5
Belo Horizonte	474	424	588	624	727	870	899	1.254	1.413	1.788	277,2
Curitiba	364	386	434	481	611	554	658	694	767	832	128,6
Fortaleza	475	438	644	589	657	493	658	781	759	858	80,6
Porto Alegre	526	686	744	810	886	812	820	1.002	1.006	1.078	104,9
Recife	1.482	1.390	1.487	1.643	2.240	2.788	2.568	2.572	2.868	2.510	69,4
Rio de Janeiro	4.319	5.263	7.047	6.853	6.875	6.464	6.086	6.074	6.081	7.012	62,4
Salvador	802	967	733	971	1.069	435	205	358	599	689	-14,1
São Paulo	6.887	7.535	8.903	9.247	9.202	10.122	11.499	11.321	11.214	9.855	43,1
Vitória	747	839	827	855	1.103	1.273	1.171	1.059	1.074	1.216	62,8
TOTAL 10 RM	16.348	18.295	21.738	22.390	23.732	24.214	24.776	25.454	26.179	26.329	61,1
BRASIL	30.586	32.603	37.128	38.888	40.507	42.661	44.041	45.919	47.899	49.640	62,3
%	53,4	56,1	58,5	57,6	58,6	56,8	56,3	55,4	54,7	53,1	

Fonte: SIM/DATASUS (2002: Dados Preliminares).

Entre os jovens, a concentração de vítimas nas regiões metropolitanas é ainda maior. Na década considerada, se o total de homicídios cresceu 62,3%, entre os jovens esse crescimento foi de 88,6%. Considerando a população total, 53,1% dos homicídios aconteceram nas regiões metropolitanas, mas entre os jovens a participação é ainda maior: 56,9% dos homicídios juvenis aconteceram nessas 10 regiões metropolitanas. Essa participação das regiões metropolitanas já foi maior: ainda em 1997 dois de cada três homicídios registrados aconteciam numa dessas 10 regiões metropolitanas.

TABELA 3.3.2 – Número de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	104	157	127	133	144	173	92	155	186	209	101,0
Belo Horizonte	164	145	194	214	241	289	351	563	585	770	369,5
Curitiba	116	127	152	152	204	176	234	281	283	353	204,3
Fortaleza	180	141	226	204	224	196	226	311	297	313	73,9
Porto Alegre	197	247	278	264	325	276	306	375	368	426	116,2
Recife	546	558	578	621	970	1.285	1.125	1.162	1.308	1.122	105,5
Rio de Janeiro	1.461	1.786	2.553	2.456	2.591	2.438	2.329	2.430	2.303	2.741	87,6
Salvador	387	450	332	443	509	209	104	168	265	343	-11,4
São Paulo	2.713	3.150	3.370	3.428	3.506	3.910	4.434	4.639	4.464	4.138	52,5
Vitória	254	262	301	314	423	497	466	421	453	563	121,7
TOTAL 10 RM	6.122	7.023	8.111	8.229	9.137	9.449	9.667	10.505	10.512	10.978	79,3
BRASIL	10.173	11.330	12.603	13.186	14.270	15.606	16.233	17.762	18.121	19.188	88,6
%	60,2	62,0	64,4	62,4	64,0	60,5	59,6	59,1	58,0	56,9	

Fonte: SIM/DATASUS (2002: Dados Preliminares).

As situações até aqui descritas ficam mais evidentes ao analisarmos as taxas de homicídios de cada região.

A taxa média das 10 regiões metropolitanas (49,1 homicídios em 100.000 habitantes) resulta 73,5% superior à média nacional (28,4 homicídios em 100.000 habitantes) e ainda levemente superior à das capitais (45,5 homicídios em 100.000 habitantes).

TABELA 3.3.3 – Taxa de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: População Total. Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	18,6	24,5	21,6	20,1	22,4	24,3	12,5	18,9	21,6	26,1
Belo Horizonte	13,0	11,5	15,7	16,0	18,3	21,4	21,8	28,8	31,7	39,4
Curitiba	16,6	17,5	19,5	19,5	23,9	21,1	24,5	25,1	26,9	28,6
Fortaleza	18,8	17,1	24,9	21,9	23,8	17,5	22,8	26,2	24,9	27,6
Porto Alegre	15,8	20,4	21,9	23,6	25,4	23,0	22,9	26,9	26,6	28,2
Recife	49,3	45,7	48,4	53,2	71,6	88,1	80,2	77,1	84,7	73,3
Rio de Janeiro	44,0	53,2	70,6	68,6	67,9	63,3	59,2	56,7	56,2	64,2
Salvador	30,6	36,4	27,2	35,8	38,7	15,5	7,2	11,8	19,4	22,0
São Paulo	43,3	46,6	54,3	55,8	54,6	59,2	66,4	63,3	61,9	53,6
Vitória	62,2	68,7	66,7	67,5	84,9	95,9	86,5	73,6	72,8	81,0
TOTAL	35,8	39,5	46,4	46,9	48,8	49,1	49,6	48,9	49,5	49,1

Fonte: SIM/DATASUS (2002: Dados Preliminares).

Nas regiões metropolitanas, as taxas de homicídios juvenis – 103,4 homicídios em 100.000 jovens – mais que duplicam as taxas do total da população. Além disso, os homicídios juvenis nas regiões metropolitanas são 90% superiores às médias de homicídios juvenis nacionais.

3.4 VISÃO CONJUNTA DAS ÁREAS

O estudo conjunto das três áreas geográficas até aqui analisadas de forma independente: Unidades Federadas, Capitais e Regiões Metropolitanas, permite evidenciar algumas outras peculiaridades da evolução recente da violência homicida no país.

Na tabela 3.4.1 podemos observar que as três áreas apresentam um crescimento bem semelhante: algo em torno de 60% de aumento no número total de homicídios registrados.

TABELA 3.3.4 – Taxa de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	31,0	45,8	36,2	36,6	38,5	45,2	23,5	38,3	44,8	49,4
Belo Horizonte	22,8	19,9	26,3	26,6	29,3	34,5	41,1	62,7	63,8	82,4
Curitiba	26,7	29,0	34,4	30,6	39,7	33,4	43,2	51,3	50,2	61,3
Fortaleza	34,1	26,4	41,8	36,8	39,4	33,8	38,1	49,9	46,7	48,2
Porto Alegre	34,2	42,4	47,2	42,8	51,9	43,4	47,5	54,4	52,6	60,1
Recife	85,8	86,8	89,0	95,4	147,0	192,6	166,7	169,0	187,5	159,0
Rio de Janeiro	83,8	101,5	143,8	136,7	142,1	132,6	125,7	125,9	118,1	139,1
Salvador	69,6	79,7	57,9	72,3	81,6	33,0	16,2	24,2	37,4	47,6
São Paulo	90,5	103,5	109,1	105,7	106,2	116,8	130,6	131,9	125,1	114,3
Vitória	108,8	110,4	124,9	121,7	159,8	183,9	169,0	141,1	148,0	180,7
TOTAL	69,9	79,1	90,3	87,6	95,4	97,2	98,0	102,1	100,5	103,4

Fonte: SIM/DATASUS (2002: Dados Preliminares).

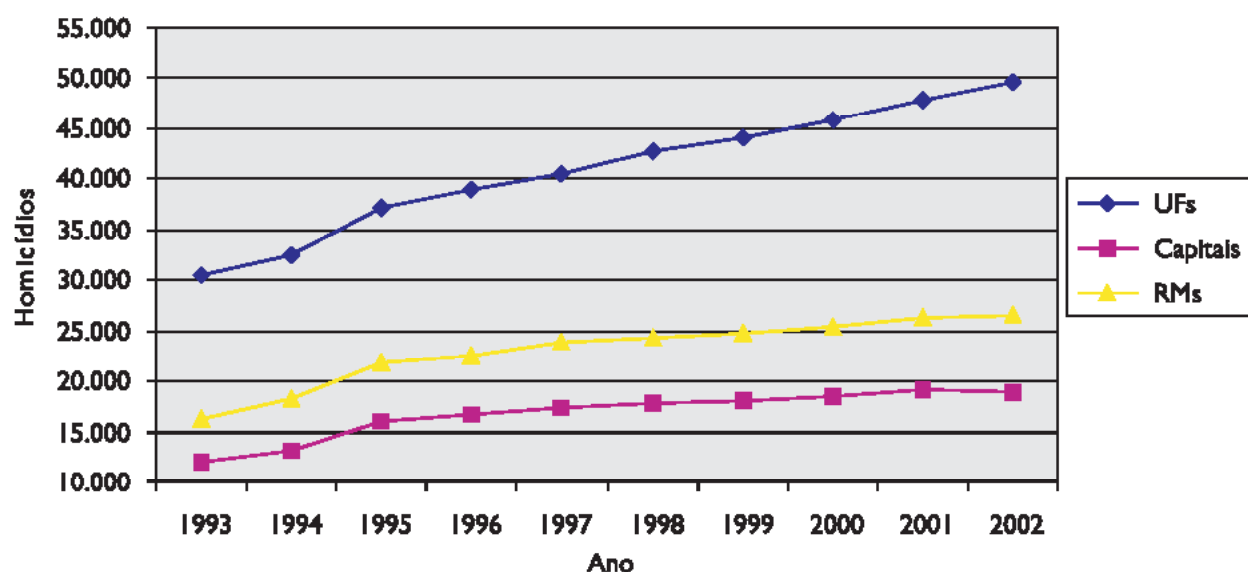
TABELA 3.4.1 – Número de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: População Total. Local: Unidades Federadas, Capitais e Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

Área	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Unidades Federadas	30.586	32.603	37.128	38.888	40.507	42.661	44.041	45.919	47.899	49.640	62,3
Capitais	11.911	13.019	16.009	16.694	17.251	17.860	18.046	18.539	19.075	18.915	58,8
Regiões Metropol.	16.348	18.295	21.738	22.390	23.732	24.214	24.776	25.454	26.179	26.374	61,3

Fonte: SIM/DATASUS.

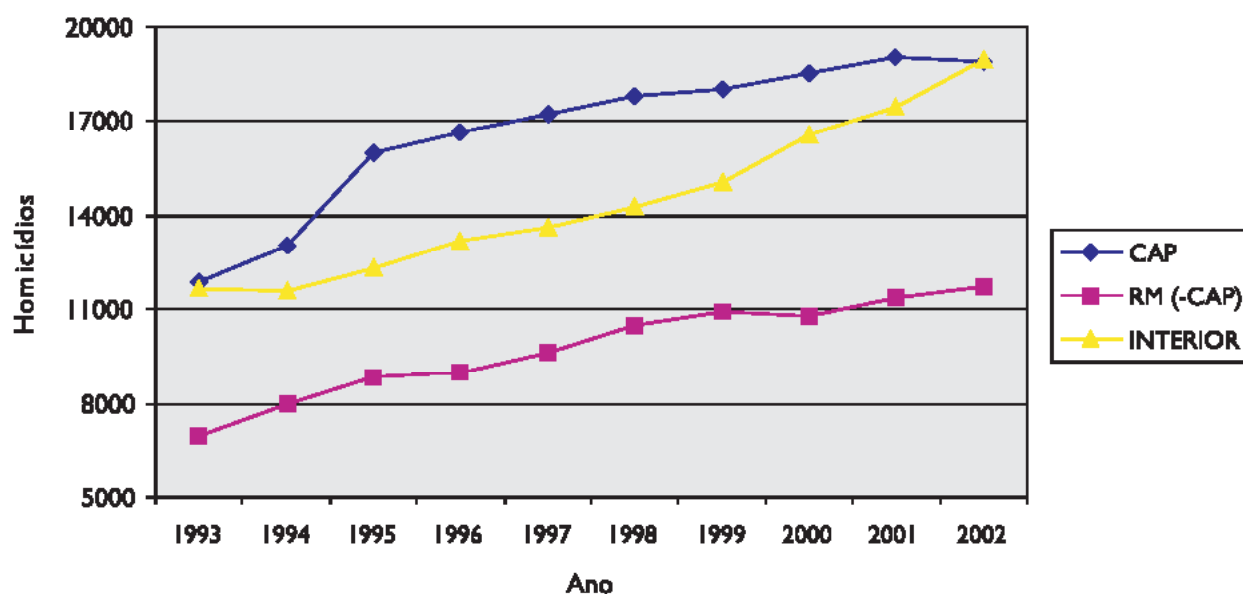
Mas essa aparente semelhança evolutiva se quebra se observamos o gráfico a seguir. Nos últimos anos do período considerado, capitais e regiões metropolitanas arrefecem seu crescimento, enquanto as Unidades Federadas (isto é, o país) continuam a crescer de forma acelerada e sustentada, indicando o aparecimento de novos fenômenos independentes das capitais ou das grandes regiões metropolitanas do país.

GRÁFICO 3.4.1– Evolução dos Homicídios. UFs, Capitais e RMs. 1993/2002



Para verificar essa hipótese foi necessário re-tabular os dados de homicídios até aqui trabalhados, procurando desagregar as capitais, as 10 regiões metropolitanas e o interior dos estados.

GRÁFICO 3.4.2 – Evolução dos Homicídios. Capitais, RM e Interior. 1993/2002



Vemos, pelo Gráfico 3.4.2, que a década considerada pode ser dividida em dois grandes momentos. No primeiro, que vai de 1993 a 1998, registra-se um significativo crescimento de homicídios nas capitais e nas regiões metropolitanas, com crescimento moderado dos homicídios no interior. No segundo, de 1999 até 2002 acontece o contrário: o crescimento dos homicídios no interior é significativamente maior do que o experimentado pelas capitais e regiões metropolitanas.

TABELA 3.4.2 – Número de Óbitos por Homicídios. Faixa Etária: População Total. Local: Capitais, Regiões Metropolitanas (Sem Capitais) e Interior. Período: 1993/2002

Área	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Capitais	11911	13019	16009	16694	17251	17860	18046	18539	19075	18915
RM (sem capitais)	6983	7970	8810	8986	9668	10500	10921	10780	11356	11739
Interior	11692	11614	12309	13208	13588	14301	15074	16600	17468	18986

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 3.4.3 – Taxas Anuais de Crescimento dos Homicídios. Faixa Etária: População Total. Local: Capitais, Regiões Metropolitanas (Sem Capitais) e Interior. Período: 1993/2002

ÁREA	Crescimento anual 1993/1998 (%)	Crescimento anual 1999/2002 (%)	Crescimento anual 1993/2002 (%)
Capitais	8,4	1,6	5,3
RM (sem capitais)	8,5	2,4	5,9
Interior	4,1	8,0	5,5

Fonte: SIM/DATASUS.

Podemos ver que, na década, o crescimento anual das três áreas é muito parecido: algo em torno de 5,5% aa. Desmembrando os dois períodos, no primeiro, de 1993 a 1999,

os índices de crescimento dos homicídios nas capitais e municípios das regiões metropolitanas mais que duplicam as taxas do interior dos estados. Já no segundo período – 1999 a 2002 – aumentam drasticamente as taxas anuais de crescimento dos homicídios no interior para 8% aa, caindo de forma drástica as taxas das capitais e regiões metropolitanas. Isso estaria a indicar uma forte tendência de *interiorização* da violência homicida. Mas, quais podem ser as causas?

Em primeiro lugar, a emergência de pólos de crescimento em municípios do interior de diversos estados do país que, junto com migrações, emprego e renda, convertem-se em pólos atrativos da criminalidade.

Em segundo lugar, investimentos nas capitais e grandes regiões metropolitanas a partir da nova Lei de Segurança Nacional, principalmente para aparelhamento das polícias, que dificulta a ação da criminalidade organizada, que se locomove para áreas de menor risco.

3.5 A QUESTÃO ETÁRIA

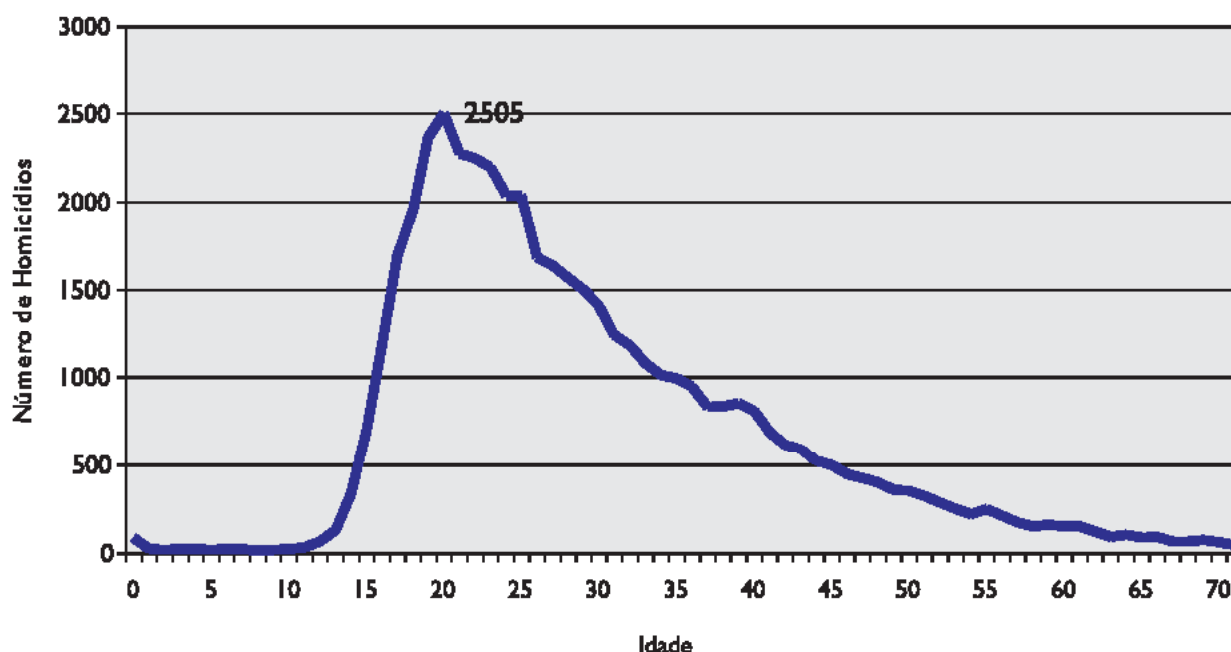
Um fato relevante, que já foi destacado nos itens anteriores, é a estrutura etária dos óbitos por homicídio. Em primeiro lugar, de acordo com os dados contidos na tabela 3.5.1, existem marcadas diferenças no número de óbitos por homicídio nas diversas idades. Até os 13 anos registram-se poucos casos de morte por homicídio (uma média de 36 casos anuais por idade simples). A partir dos 14 anos o número de vítimas de homicídio vai crescendo rapidamente até atingir o pico de 2.505 mortes na idade de 20 anos. A partir desse ponto, o número de homicídios vai caindo gradualmente. Essa distribuição pode ser visualizada no gráfico 3.5.1.

TABELA 3.5.1 – Número de Homicídios por Idade Simples. Brasil 2002

Idade (anos)	Número de Homicídios	Idade (anos)	Número de Homicídios	Idade (anos)	Número de Homicídios
0	90	24	2.041	48	404
1	25	25	2.041	49	359
2	21	26	1.686	50	357
3	26	27	1.640	51	325
4	27	28	1.571	52	285
5	23	29	1.502	53	253
6	25	30	1.413	54	224
7	27	31	1.241	55	254
8	19	32	1.183	56	214
9	21	33	1.084	57	176
10	26	34	1.015	58	154
11	34	35	998	59	161
12	67	36	948	60	154
13	132	37	834	61	152
14	333	38	839	62	123
15	698	39	854	63	95
16	1.196	40	811	64	106
17	1.693	41	688	65	88
18	1.955	42	620	66	95
19	2.368	43	593	67	68
20	2.505	44	525	68	70
21	2.278	45	499	69	75
22	2.253	46	451	70	65
23	2.201	47	428	71	48

Fonte: SIM/DATASUS.

GRÁFICO 3.5.1 – Número de Homicídios por Idade. Brasil – 2002



As taxas de homicídios (em 100.000) estabelecidas para as diversas idades (tabela 3.5.2) confirmam estas evidências:

- a) é na faixa “jovem”, dos 15 aos 24 anos, que os homicídios atingem sua maior incidência.
- b) o “momento” crítico, de maior risco de ser vítima de homicídio, é na idade de 20 anos, com uma elevada taxa de 69,1 homicídios em 100.000 jovens de 20 anos de idade.

No país os homicídios foram responsáveis por 39,9% das mortes de jovens, mas em várias Unidades Federadas, como Pernambuco, Espírito Santo e Rio de Janeiro, foram causa de mais da metade dos óbitos juvenis durante o ano de 2002. Esse fato de os homicídios serem responsáveis por mais da metade das mortes juvenis verifica-se também para várias idades simples num bom número de Estados, como pode ser visualizado na tabela 3.5.3.

**TABELA 3.5.2 – Taxa de Homicídios
(em 100.000). Por Idades e Faixas
Etárias. Brasil - 2002**

Idade/ Faixa	Taxa de Homicídios
0 a 4 anos	1,1
5 a 9 anos	0,7
10 a 14 anos	3,3
15 a 19 anos	42,7
15 anos	19,2
16 anos	32,9
17 anos	44,6
18 anos	50,4
19 anos	65,8
20 a 24 anos	67,7
20 anos	69,1
21 anos	67,4
22 anos	66,9
23 anos	68,7
24 anos	66,1
25 a 29 anos	58,9
30 a 34 anos	44,1
35 a 39 anos	35,3
40 a 44 anos	29,7
45 a 49 anos	23,8
50 a 59 anos	18,6
60 a 69 anos	12,1
70 e mais anos	8,1

Fonte: SIM/DATASUS (2002: Dados Preliminares).

TABELA 3.5.3 – Participação (%) dos Homicídios no Total de Óbitos por Idade Simples. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: UF. Ano: 2002

UF	IDADE (anos)										Total 15 a 24
	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	
AC	20,0	26,3	36,4	57,1	24,1	34,8	30,0	32,0	33,3	42,9	33,0
AL	20,6	49,2	35,5	45,8	49,0	51,0	49,1	45,0	43,5	42,1	44,8
AM	18,8	28,3	26,6	40,5	42,4	22,7	31,8	25,6	26,6	33,3	30,5
AP	7,1	41,7	37,0	52,4	36,0	48,0	53,6	44,4	55,6	34,8	42,7
BA	11,8	19,9	23,7	22,8	26,4	23,0	24,4	23,7	22,4	20,2	22,5
CE	15,8	21,8	27,6	26,8	29,1	28,2	32,2	27,9	35,6	25,7	27,9
DF	24,4	50,9	56,5	38,8	42,4	54,5	40,2	47,5	39,1	34,1	43,2
ES	45,3	48,6	57,4	57,6	58,6	59,9	61,9	46,6	55,2	57,6	55,7
GO	27,0	28,6	43,3	38,4	35,9	36,6	29,7	34,0	31,3	34,7	34,2
MA	9,1	9,2	14,0	19,4	15,9	22,8	15,8	22,7	20,0	20,5	17,7
MG	17,8	23,0	31,1	35,1	34,0	31,2	33,3	27,8	31,3	27,9	30,2
MS	29,4	33,3	34,5	36,2	37,7	39,7	23,5	31,1	47,1	38,0	35,1
MT	32,8	35,6	41,9	27,8	29,2	32,5	30,4	26,1	31,1	27,8	31,1
PA	16,9	21,0	23,1	33,3	28,4	24,2	25,9	33,0	28,2	30,6	27,2
PB	30,8	30,2	36,1	31,6	31,2	36,1	32,1	25,4	27,5	23,7	30,7
PE	49,0	41,5	55,1	61,9	62,8	60,0	55,1	60,8	54,6	54,7	56,6
PI	5,2	18,9	11,5	21,7	21,6	27,5	14,9	20,5	14,5	17,1	17,6
PR	19,8	30,2	35,1	36,9	40,1	39,9	32,0	40,6	34,4	37,2	35,8
RJ	45,4	58,1	54,2	57,7	58,9	56,5	54,7	56,4	55,7	53,9	55,7
RN	12,0	7,7	14,3	16,7	19,7	22,0	28,4	17,2	14,5	10,8	17,3
RO	24,0	29,4	48,6	34,2	40,4	45,7	44,3	42,2	29,5	40,3	38,9
RR	20,0	40,0	50,0	80,0	29,4	23,5	50,0	38,1	47,1	36,8	38,3
RS	25,7	21,3	24,1	33,0	37,6	31,7	34,1	30,7	31,3	30,7	31,0
SC	4,3	16,4	17,2	10,1	16,8	16,7	15,9	17,5	11,9	20,7	15,2
SE	40,0	23,5	37,3	46,2	37,5	53,8	40,0	44,9	36,1	49,0	41,3
SP	40,7	48,9	52,1	51,7	52,3	51,6	50,1	48,3	46,8	43,1	49,0
TO	5,0	4,8	18,8	21,9	32,1	22,9	16,7	10,7	28,1	19,4	19,0
BR	28,6	36,5	41,1	42,4	43,0	42,6	40,4	40,3	39,4	37,8	39,9

Fonte: SIM/DATASUS (2002: Dados Preliminares).

Pela tabela 3.5.4 é possível perceber que, se nos estados, as magnitudes da violência homicida contra os jovens já são graves, nas capitais essa situação é ainda mais séria. Efetivamente, nas capitais, 44,4% das mortes jovens são resultado de homicídios, com muitos casos de idades simples, quando esse percentual ultrapassa 50%.

TABELA 3.5.4 – Participação (%) dos Homicídios no Total de Óbitos por Idade Simples. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Capitais. Ano: 2000

UF	IDADE (anos)										Total 15 a 24
	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	
Aracaju	15,4	14,3	14,8	33,3	36,4	26,3	27,3	29,0	33,3	50,0	30,1
Belo Horizonte	30,8	35,7	41,7	48,2	37,4	29,4	36,7	36,5	44,6	37,6	38,0
Belém	16,3	34,8	25,6	30,0	31,0	36,1	28,1	22,9	28,6	20,4	28,0
Boa Vista	50,0	66,7	44,4	27,3	57,1	43,8	36,4	50,0	20,0	45,5	44,6
Brasília	37,8	27,3	62,0	50,6	50,0	50,0	41,5	47,4	35,2	41,0	45,2
Campo Grande	22,2	15,8	46,2	61,1	51,7	46,2	50,0	60,0	25,0	34,3	42,5
Cuiabá	18,2	46,9	43,5	54,3	46,9	35,5	44,2	48,4	38,7	52,4	45,0
Curitiba	17,6	32,7	38,6	36,4	44,4	37,3	27,5	30,9	29,4	18,5	32,0
Florianópolis	25,0	28,6	0,0	0,0	0,0	0,0	8,3	16,7	6,7	33,3	10,1
Fortaleza	25,0	25,5	29,7	36,5	35,4	29,2	33,8	32,7	36,0	27,0	31,6
Goiânia	17,9	20,0	26,7	37,5	26,4	27,9	19,6	32,2	24,1	25,0	26,4
João Pessoa	25,0	38,5	35,5	43,8	54,3	31,0	43,3	54,5	39,3	40,0	42,2
Macapá	27,3	71,4	33,3	41,7	58,8	45,5	40,0	25,0	46,7	23,1	42,7
Maceió	15,8	26,1	50,0	48,8	40,0	50,0	40,9	38,1	38,2	31,7	40,0
Manaus	27,8	29,0	42,0	46,8	52,4	40,7	36,8	39,7	45,1	31,7	40,4
Natal	3,8	7,1	11,1	0,0	14,8	7,4	11,1	13,2	21,7	0,0	8,7
Palmas	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	16,7	14,3	20,0	0,0	20,0	9,6
Porto Alegre	23,1	37,8	41,7	34,5	38,0	40,3	40,9	40,6	33,3	33,9	37,3
Porto Velho	0,0	8,3	50,0	56,3	81,3	36,8	62,5	44,4	42,1	41,2	45,8
Recife	42,6	44,8	54,3	54,6	58,3	61,5	52,6	53,2	44,2	50,7	52,7



►► **TABELA 3.5.4 – (continuação)**

UF	IDADE (anos)										Total 15 a 24
	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	
Rio Branco	12,5	44,4	22,2	70,6	66,7	10,0	62,5	28,6	38,5	35,7	40,5
Rio de Janeiro	44,8	51,1	58,9	60,5	61,9	56,0	52,0	53,1	52,0	54,8	55,0
Salvador	0,0	2,2	2,9	8,6	9,2	7,9	5,9	5,9	4,3	3,6	5,6
São Luís	6,9	21,2	11,1	20,8	21,6	15,8	9,8	18,6	21,7	18,8	16,9
São Paulo	49,3	60,3	65,2	69,3	65,8	61,9	62,4	60,2	62,5	56,0	61,9
Teresina	23,8	7,4	21,9	28,1	32,0	29,0	18,6	7,5	28,6	32,0	22,3
Vitória	18,8	58,3	36,0	37,9	40,9	56,0	37,1	44,4	34,6	38,5	39,9
BRASIL (Capitais)	31,3	40,1	47,3	49,8	49,9	45,8	43,7	43,6	43,2	41,5	44,4

Fonte: SIM/DATASUS.

3.6 HOMICÍDIOS POR RAÇA/COR

Como foi explicado no capítulo metodológico, as diversas categorias de cor/raça contidas na PNAD foram reduzidas a duas: branco, de um lado, e negro do outro, juntando nesta última os classificados como pretos ou como pardos. As duas categorias: brancos e negros, abrangem 99,5% do universo pesquisado.

Pelos dados disponibilizados pelo Subsistema de Informações de Mortalidade, foi possível verificar que:

- a) a taxa de homicídios da população negra é bem superior à taxa de homicídios da população branca. Se na população branca a taxa de homicídios é de 20,6 em 100.000, na população negra é de 34,0 em 100.000, isto é, a proporção de vítimas de homicídios entre a população parda ou preta é 65,3% superior à branca.
- b) Se em três unidades federadas: Acre, Roraima e Paraná, verifica-se uma proporção levemente maior de vítimas brancas, nas restantes prevalece a vitimização de negros e, em alguns casos, como o Distrito Federal, Paraíba e Pernambuco, essa vitimização é severa, ultrapassando a casa de 300% (o Distrito Federal exhibe, proporcionalmente ao tamanho dos grupos, 5 vítimas negras a cada vítima branca).

TABELA 3.6.1 – Homicídios (Número e Taxas) por Raça/Cor. Faixa Etária: População Total. Local: UF e Regiões. Período: 2002

UF/ REGIÃO	N. Homicídios		População		Taxa Homicídios		Vitimiz- ção Cor
	Branco	Negro	Branco	Negro	Branco	Negro	
Acre	46	100	113.511	283.394	40,5	35,3	-12,9
Amazonas	53	442	637.105	1.610.883	8,3	27,4	229,8
Amapá	16	157	125.460	344.474	12,8	45,6	257,4
Pará	138	1.027	1.231.383	3.255.513	11,2	31,5	181,5
Rondônia	182	370	329.719	609.748	55,2	60,7	9,9
Roraima	21	91	48.052	221.809	43,7	41,0	-6,1
Tocantins	39	136	291.225	918.715	13,4	14,8	10,5
NORTE	495	2.323	2.776.455	7.244.536	17,8	32,1	79,9
Alagoas	107	650	901.256	1.989.903	11,9	32,7	175,1
Bahia	137	1.280	3.024.770	10.269.212	4,5	12,5	175,2
Ceará	130	704	2.612.131	5.047.665	5,0	13,9	179,8
Maranhão	92	465	1.486.700	4.249.439	6,0	10,7	78,9
Paraíba	49	432	1.317.353	2.181.512	3,3	16,3	388,6
Pernambuco	529	3.576	3.110.693	4.955.113	16,9	71,4	321,5
Piauí	40	239	677.117	2.224.721	5,9	10,7	81,9
Rio Grande do N.	65	217	1.235.752	1.621.254	5,3	13,2	150,9
Sergipe	65	380	453.366	1.393.936	14,3	27,2	89,6
NORDESTE	1.214	7.943	14.819.138	33.932.755	8,2	23,4	185,7
Espírito Santo	287	809	1.495.181	1.704.896	19,2	47,5	147,2
Minas Gerais	888	1.916	9.432.595	8.915.285	9,4	21,4	127,9
Rio de Janeiro	2.863	4.907	9.078.705	5.661.551	31,5	86,3	174,3
São Paulo	8.220	5.988	27.159.640	10.691.132	30,3	56,0	85,1
SUDESTE	12.258	13.620	47.166.121	26.972.864	26,0	50,5	94,3
Paraná	1.780	400	7.446.072	2.289.629	23,9	17,5	-26,9
Rio Grande do S.	1.555	322	8.946.316	1.446.910	17,4	22,3	28,0
Santa Catarina	433	84	4.954.368	581.813	8,7	14,4	65,2
SUL	3.768	806	21.346.756	4.318.352	17,7	18,7	5,7
Distrito Federal	103	632	951.350	1.189.477	10,8	53,1	390,8
Goiás	394	645	2.317.872	2.881.139	16,9	22,1	30,5
Mato Grosso do S.	299	333	1.123.828	990.812	26,6	33,6	26,3
Mato Grosso	321	613	1.027.294	1.542.766	31,2	39,7	27,2
CENTRO OESTE	1.117	2.223	5.420.344	6.604.194	20,6	33,7	63,3
BRASIL	18.852	26.915	91.528.814	79.072.701	20,6	34,0	65,3

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

Se no conjunto da população a vitimização de negros já é severa, entre os jovens de 15 a 24 anos o problema agrava-se ainda mais. A taxa de homicídios dos jovens negros (68,4 em 100.000) é 74% superior à taxa dos jovens brancos (39,3 em 100.000). Com referência aos jovens, o único estado com maior taxa de homicídios entre brancos é Paraná. Nos restantes estados a vitimização de jovens negros é um fato preocupante, mais ainda com casos como os do Distrito Federal, Paraíba ou Pernambuco, onde as chances de um jovem negro ser vítima de homicídio é mais de 5 vezes maior que a de um jovem branco.

TABELA 3.6.2 – Homicídios (Número e Taxas) Por Raça/Cor. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: UF e Regiões. Período: 2002

UF/ REGIÃO	N. Homicídios		População		Taxa Homicídios		Vitimiza- ção Cor
	Branco	Negro	Branco	Negro	Branco	Negro	
Acre	18	47	26.296	64.621	68,5	72,7	6,3
Amazonas	18	195	135.299	358.391	13,3	54,4	309,0
Amapá	6	82	26.965	80.145	22,3	102,3	359,8
Pará	32	381	253.286	724.069	12,6	52,6	316,5
Rondônia	37	125	68.516	128.249	54,0	97,5	80,5
Roraima	5	45	8.851	50.222	56,5	89,6	58,6
Tocantins	8	48	55.930	192.739	14,3	24,9	74,1
NORTE	124	923	575.143	1.598.436	21,6	57,7	167,8
Alagoas	25	274	166.362	411.784	15,0	66,5	342,8
Bahia	39	520	621.752	2.264.954	6,3	23,0	266,0
Ceará	32	223	495.015	1.034.354	6,5	21,6	233,5
Maranhão	26	164	309.197	964.434	8,4	16,6	97,3
Paraíba	16	167	256.960	459.798	5,8	31,5	440,2
Pernambuco	165	1.463	589.683	1.025.086	27,8	141,5	409,0
Piauí	6	103	145.422	515.847	4,1	20,0	383,9
Rio Grande do N.	20	75	254.032	346.348	7,9	21,4	171,4
Sergipe	18	157	91.307	302.756	19,7	51,9	163,1
NORDESTE	347	3.146	2.929.730	7.325.361	11,8	42,9	262,6



►► TABELA 3.6.2 – (continuação)

UF/ REGIÃO	N. Homicídios		População		Taxa Homicídios		Vitimiz- ção Cor
	Branco	Negro	Branco	Negro	Branco	Negro	
Espírito Santo	87	352	294.509	362.737	29,5	97,0	228,5
Minas Gerais	294	785	1.749.908	1.851.837	16,8	42,3	152,0
Rio de Janeiro	951	2.160	1.453.289	1.034.785	65,3	208,2	218,8
São Paulo	3.178	2.732	4.936.634	2.136.161	64,4	127,9	98,7
SUDESTE	4.510	6.029	8.434.340	5.385.520	53,5	111,9	109,4
Paraná	666	166	1.339.364	470.566	49,7	35,3	-29,1
Rio Grande do S.	505	149	1.526.452	262.847	33,1	56,7	71,3
Santa Catarina	128	33	911.736	116.025	14,0	28,4	102,6
SUL	1.299	348	3.777.552	849.438	34,4	41,0	19,1
Distrito Federal	42	312	184.141	249.103	22,8	125,2	449,1
Goiás	125	227	453.948	581.046	27,3	38,7	41,8
Mato Grosso do S.	75	121	220.634	212.902	34,0	56,8	67,2
Mato Grosso	70	202	187.018	319.975	37,4	63,1	68,7
CENTRO OESTE	312	862	1.045.741	1.363.026	29,8	63,2	112,0
BRASIL	6.592	11.308	16.762.506	16.521.781	39,3	68,4	74,0

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

3.7 HOMICÍDIOS SEGUNDO SEXO

Diversos estudos, tanto nacionais quanto internacionais (MELLO; MINAYO, UNICEF)¹⁷ já alertaram que as mortes por homicídios, inclusive entre os jovens, são ocorrências notadamente masculinas, e os dados disponibilizados pelo SIM permitem confirmar esse fato (tabelas 3.7.1 e 3.7.2).

¹⁷ MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.
MINAYO, M.C. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. *Cadernos de Saúde Pública* (10) 1. Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, 1994.
UNICEF. *Retrato Estatístico das Mortes de Crianças e Jovens por Causas Violentas: Brasil 1979-1993*. Brasília, 1995.

Só 7,8% das vítimas dos homicídios acontecidos no país durante o ano de 2002 pertencem ao sexo feminino. Entre os jovens, essa proporção é ainda menor: 6,2%.

Com poucas variações, essa parece ser uma constante em todas as Unidades Federadas. Os extremos vão do Pará, onde 93,9% das vítimas de homicídios pertencem ao sexo masculino, até Santa Catarina, com 86,7%. Entre os jovens, a dispersão é ainda menor.

Isso origina a existência de taxas de homicídios enormemente díspares entre ambos os sexos, o que já está originando um forte desequilíbrio demográfico na distribuição da população por sexos, principalmente a partir dos 20 anos de idade. Só por homicídios, sem contar ainda acidentes de transporte que será visto mais adiante, temos anualmente a “perda” de um contingente de mais de 40 mil homens, que desequilibra a composição sexual da população adulta, como ficou evidente nos dados do Censo Demográfico do ano 2000, divulgados pelo IBGE.

TABELA 3.7.1 – Homicídios por Sexo. Faixa Etária: Todas. Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Número		% Masc	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Acre	140	11	92,7	47,3	3,8
Amazonas	477	35	93,2	32,0	2,4
Amapá	169	12	93,4	65,2	4,7
Pará	1111	72	93,9	34,0	2,3
Rondônia	561	43	92,9	76,3	6,2
Roraima	109	12	90,1	61,4	7,1
Tocantins	156	21	88,1	25,3	3,6
NORTE	2.723	206	93,0	39,8	3,1



► TABELA 3.7.1 – (continuação)

UF/ REGIÃO	Número		% Masc	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Alagoas	919	70	92,9	65,2	4,7
Bahia	1610	119	93,1	24,4	1,8
Ceará	1319	124	91,4	35,3	3,1
Maranhão	539	37	93,6	18,2	1,2
Paraíba	554	44	92,6	27,1	2,0
Pernambuco	4123	279	93,7	104,4	6,5
Piauí	285	28	91,1	20,0	1,9
Rio Grande do N.	278	23	92,4	19,6	1,6
Sergipe	512	37	93,3	56,5	3,9
NORDESTE	10.139	761	93,0	42,3	3,1
Espírito Santo	1489	149	90,9	93,9	9,2
Minas Gerais	2.684	293	90,2	29,5	3,2
Rio de Janeiro	7.731	563	93,2	109,1	7,3
São Paulo	13.441	1.051	92,7	71,9	5,4
SUDESTE	25.345	2.056	92,5	69,6	5,4
Paraná	2.023	202	90,9	41,7	4,1
Rio Grande do S.	1.709	197	89,7	33,5	3,7
Santa Catarina	488	75	86,7	17,7	2,7
SUL	4.220	474	89,9	33,2	3,6
Distrito Federal	688	56	92,5	67,0	5,0
Goiás	1132	140	89,0	43,2	5,4
Mato Grosso do S.	606	78	88,6	56,6	7,3
Mato Grosso	870	93	90,3	65,0	7,3
CENTRO OESTE	3.296	367	90,0	54,6	6,0
BRASIL	45.723	3.864	92,2	53,2	4,4

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 3.7.2 – Homicídios por Sexo. Faixa Etária: 15 a 24 Anos.
Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Número		% Masc	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Acre	63	5	92,6	96,9	7,7
Amazonas	204	14	93,6	62,2	4,2
Amapá	90	4	95,7	159,2	6,8
Pará	400	21	95,0	56,2	3,0
Rondônia	165	9	94,8	106,8	6,0
Roraima	45	6	88,2	120,5	16,0
Tocantins	51	5	91,1	37,8	3,9
NORTE	1.018	64	94,1	68,5	4,3
Alagoas	368	18	95,3	119,4	5,8
Bahia	640	43	93,7	42,9	0,3
Ceará	436	44	90,8	56,7	5,5
Maranhão	186	8	95,9	27,9	1,3
Paraíba	214	16	93,0	52,1	3,9
Pernambuco	1674	74	95,8	197,5	8,6
Piauí	119	7	94,4	37,6	2,2
Rio Grande do N.	93	6	93,9	31,1	2,4
Sergipe	204	8	96,2	103,7	4,0
NORDESTE	3.934	224	94,6	75,3	4,3
Espírito Santo	630	51	92,5	191,2	15,6
Minas Gerais	1.041	79	92,9	56,5	4,4
Rio de Janeiro	3.033	150	95,3	227,6	11,1
São Paulo	5.613	378	93,7	152,2	10,2
SUDESTE	10.317	658	94,0	143,5	9,1
Paraná	793	56	93,4	84,5	6,0
Rio Grande do S.	608	56	91,6	64,6	6,1
Santa Catarina	155	21	88,1	29,3	4,1
SUL	1.556	133	92,1	64,6	5,6
Distrito Federal	332	24	93,3	145,3	9,5
Goiás	405	32	92,7	75,6	6,0
Mato Grosso do S.	190	18	91,3	88,8	8,5
Mato Grosso	251	29	89,6	90,8	10,8
CENTRO OESTE	1.178	103	92,0	94,2	8,1
BRASIL	18.003	1.182	93,8	102,5	6,7

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

3.8 SAZONALIDADE DOS HOMICÍDIOS

Com a finalidade de verificar em que medida os homicídios apresentam flutuações ou padrões temporais previsíveis, os óbitos foram discriminados segundo sua data de ocorrência. Tem de ser salientado que esse é só um *proxi* da possível sazonalidade dos incidentes, dado que a data de óbito nem sempre, nem necessariamente, coincide com a data do fato ou incidente que originou as lesões que levaram à morte do indivíduo.

Ao longo dos anos, se bem que existe uma certa flutuação mensal de homicídios, resulta difícil estabelecer padrões sistemáticos. Dependendo do ano, aparecem diferentes meses que concentram um número de homicídios levemente superior à média. Neste campo, o único padrão mais ou menos reconhecível ao longo dos anos, tanto na população total quanto nos jovens, é o aumento dos homicídios no mês de dezembro.

Mas onde a sazonalidade dos homicídios parece atuar de forma bem mais consistente é quando consideramos os dias da semana. Pela tabela 3.8.1 podemos conferir que o maior número de óbitos por homicídio é registrado durante os sábados e domingos. Se em cada um dos primeiros cinco dias da semana foi registrada uma média de 5.960 homicídios na população total e de 2.287 entre os jovens, nos sábados essas médias pulam para 9.806 e 3.846 nos finais de semana. Isto é, os homicídios crescem, em média, perto de 70% com relação aos dias da semana¹⁸. O gráfico 3.8.1 ajuda a visualizar melhor a situação.

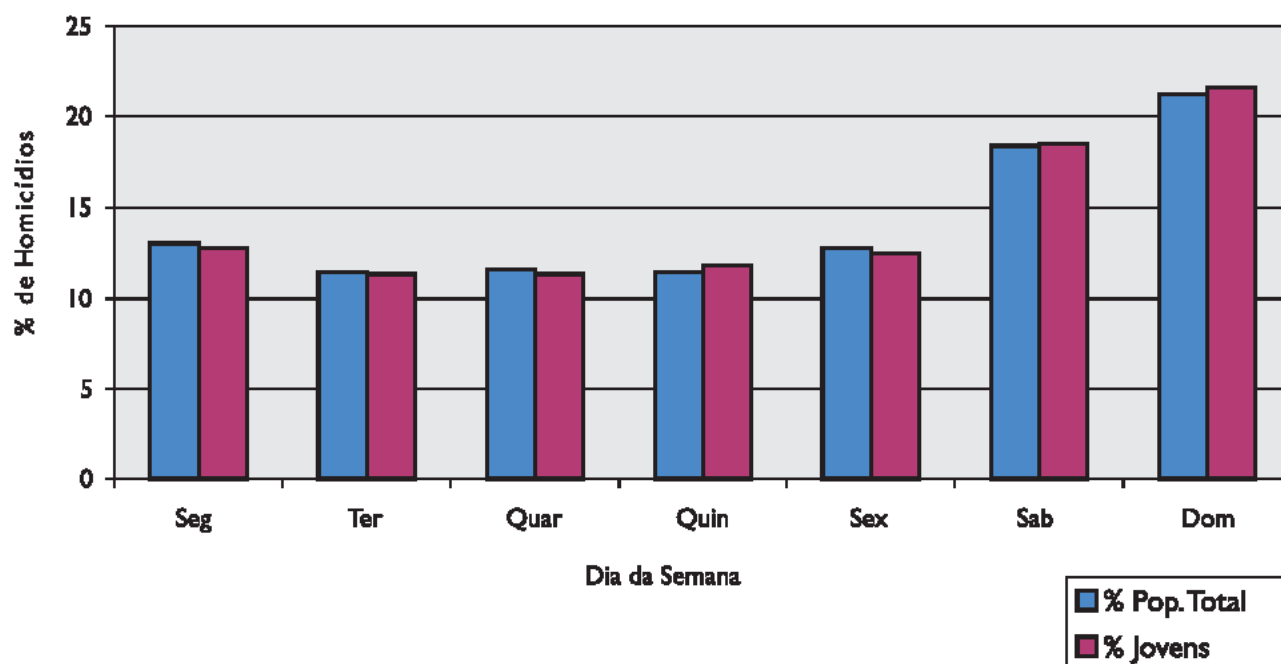
¹⁸ Por carecer de informação sobre horários, não foram considerados como acontecidos nos finais de semana os homicídios da sexta à noite ou da madrugada de domingo para segunda. Com isto, a concentração nos finais de semana seria maior ainda, como é possível ver na tabela, na qual segundas e sextas feiras os homicídios também se incrementam.

TABELA 3.8.1 – Distribuição dos Homicídios nos Dias da Semana.
Local: Brasil. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Ano: 2000

Dia da Semana	População Total		15 a 24 Anos	
	Número de Homicídios	% Homicídios	Número de Homicídios	% Homicídios
Segunda	6.435	13,0	2.441	12,8
Terça	5.651	11,4	2.172	11,4
Quarta	5.727	11,6	2.173	11,4
Quinta	5.665	11,5	2.261	11,8
Sexta	6.323	12,8	2.386	12,5
Sábado	9.083	18,4	3.544	18,5
Domingo	10.528	21,3	4.147	21,7
Total	49.412	100,0	19.124	100,0
Média dias úteis	5.960		2.287	
Média fim de semana	9.806		3.846	
Diferença	64,5%		68,2%	

Fonte: SIM/DATASUS.

GRÁFICO 3.8.1 – Distribuição dos Homicídios nos Dias da Semana.
Brasil. 2002



3.9 COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS.

É possível observar (tabela 3.9.1) que, com uma taxa global de 27,1 homicídios por 100.000 habitantes, no ano 2000, o Brasil localiza-se entre os quatro países com maior taxa de homicídios entre os 67 países do mundo que disponibilizaram no Whosis/OMS as correspondentes informações (ver capítulo de notas técnicas). Embora as taxas do Brasil sejam bem menores que as da Colômbia, e semelhantes às da Federação Russa, ainda assim são índices extremamente elevados no contexto internacional. Já com referência à sua população jovem, o Brasil, com sua taxa de 52,2 homicídios em 100.000 jovens, ocupa o quinto lugar, bem distante do grupo de 12 países cujas taxas não chegam a 1 homicídio em cada 100.000 jovens.

TABELA 3.9.1 – Ordenamento de Países por Taxa de Homicídios. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Local: Diversos Países. Anos: Último Ano Disponível

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Pos.	Taxa	País	Ano	Pos.	Taxa
Colômbia	2000	1º	68,0	Colômbia	2000	1º	116,0
El Salvador	1999	2º	37,0	Ilhas Virgens (USA)	1999	2º	66,7
Federação Russa	2000	3º	28,4	El Salvador	1999	3º	61,0
BRASIL	2000	4º	27,1	Venezuela	2000	4º	57,1
Venezuela	2000	5º	26,2	BRASIL	2000	5º	52,2
Ilhas Virgens (USA)	1999	6º	24,8	Puerto Rico	1999	6º	48,3
Puerto Rico	1999	7º	17,4	Equador	2000	7º	24,4
Equador	2000	8º	16,8	Federação Russa	2000	8º	21,2
Cazaquistão	1999	9º	16,4	Panamá	2000	9º	19,4
Estônia	2000	10º	13,9	Estados Unidos	1999	10º	13,2
Ucrânia	2000	11º	13,1	Cuba	2000	11º	13,2
Letônia	2000	12º	12,5	Cazaquistão	1999	12º	12,9
Moldávia	2000	13º	11,9	México	2000	13º	12,5
Bielorrússia	2000	14º	11,4	Nicaragua	2000	14º	12,2
México	2000	15º	10,9	Ucrânia	2000	15º	10,1
Panamá	2000	16º	9,8	Estônia	2000	16º	8,5



► TABELA 3.9.I – (continuação)

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Pos.	Taxa	País	Ano	Pos.	Taxa
Lituânia	2000	17º	9,3	Bielorússia	2000	17º	8,4
Quirguistão	2000	18º	8,0	Costa Rica	2000	18º	8,0
Nicarágua	2000	19º	6,7	Urugual	2000	19º	7,6
Estados Unidos	1999	20º	6,1	Moldávia	2000	20º	7,5
Costa Rica	2000	21º	6,1	Irlanda do Norte	2000	21º	7,1
Uruguai	2000	22º	5,5	Letônia	2000	22º	7,0
Cuba	2000	23º	5,2	Malta	1999	23º	6,9
Albânia	2000	24º	4,2	Quirguistão	2000	24º	6,5
Bulgária	2000	25º	3,5	Albânia	2000	25º	5,8
Romênia	2001	26º	3,5	Lituânia	2000	26º	5,7
Irlanda do Norte	2000	27º	3,3	Azerbaijão	2000	27º	4,4
Geórgia	2000	28º	3,3	Finlândia	2000	28º	3,8
Azerbaijão	2000	29º	3,1	Bulgária	2000	29º	3,7
Macedônia	2000	30º	3,0	Chile	1999	30º	3,7
Chile	1999	31º	2,9	Escócia	2001	31º	3,4
Maurício	2000	32º	2,8	Macedônia	2000	32º	3,3
Finlândia	2000	33º	2,6	Geórgia	2000	33º	2,2
Croácia	2000	34º	2,6	Itália	1999	34º	2,1
Hungria	2001	35º	2,4	Maurício	2000	35º	1,9
Malta	1999	36º	2,4	Romênia	2001	36º	1,9
Armênia	2000	37º	2,3	Peru	2000	37º	1,7
Eslováquia	2000	38º	2,2	Singapura	2000	38º	1,7
Polônia	2000	39º	2,1	Austrália	1999	39º	1,6
Luxemburgo	2001	40º	2,0	Armênia	2000	40º	1,6
Escócia	2001	41º	1,8	Irlanda	1999	41º	1,5
Peru	2000	42º	1,7	Hong Kong	2000	42º	1,5
Coréia	2000	43º	1,7	Suíça	1999	43º	1,4
Austrália	1999	44º	1,6	Eslováquia	2000	44º	1,3
Eslovênia	1999	45º	1,5	Kuwait	2000	45º	1,3
República Checa	2000	46º	1,5	Noruega	1999	46º	1,3
Nova Zelândia	1999	47º	1,3	Polônia	2000	47º	1,2
Barein	2000	48º	1,3	Portugal	2000	48º	1,2
Grécia	1999	49º	1,2	Inglaterra e Wales	2000	49º	1,2
Itália	1999	50º	1,2	Croácia	2000	50º	1,2
Suécia	1999	51º	1,2	Suécia	1999	51º	1,2
Kuwait	2000	52º	1,1	Nova Zelândia	1999	52º	1,1

►► **TABELA 3.9.1 – (continuação)**

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Pos.	Taxa	País	Ano	Pos.	Taxa
Singapura	2000	53°	1,1	Reino Unido	1999	53°	1,1
Sulça	1999	54°	1,0	Coréia	2000	54°	1,0
Irlanda	1999	55°	1,0	Alemanha	1999	55°	1,0
Portugal	2000	56°	0,9	República Checa	2000	56°	0,9
Áustria	2001	57°	0,9	Grécia	1999	57°	0,9
Hong Kong	2000	58°	0,9	Espanha	1999	58°	0,8
Alemanha	1999	59°	0,9	Eslovênia	1999	59°	0,7
Espanha	1999	60°	0,9	Hungria	2001	60°	0,7
Noruega	1999	61°	0,9	Áustria	2001	61°	0,5
Reino Unido	1999	62°	0,7	França	1999	62°	0,5
Inglaterra e Wales	2000	63°	0,7	Japão	1999	63°	0,4
França	1999	64°	0,7	Egito	2000	64°	0,2
Japão	1999	65°	0,6	Barein	2000	65°	0,0
Egito	2000	66°	0,1	Luxemburgo	2001	66°	0,0
São Marino	2000	67°	0,0	São Marino	2000	67°	0,0

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE. Colômbia: DANE.

Se agruparmos os países analisados segundo as grandes regiões geopolíticas a que pertencem (tabela 3.9.2) é possível verificar outros fatos:

- América Latina e Caribe, como região, destacam-se pelos elevados índices de homicídios, principalmente devido à incidência de países como Colômbia, Brasil, Venezuela, Equador, El Salvador.
- Também com elevadas taxas, os países da Europa Central e do Leste, resultante do desmembramento da ex-União Soviética, principalmente devido ao peso da Federação Russa.
- Já os Países Árabes – só foi possível aceder aos dados de dois: Egito e Kuwait, os da Ásia Central e Pacífico – como Coreia, Japão, Singapura e Hong Kong – e os da União Européia, apresentam taxas bem baixas e extremamente diferenciadas das anteriores.

- d) A América seja Latina ou do Norte, é a única região na qual os homicídios juvenis são significativamente superiores às taxas que se observam na população em geral.

TABELA 3.9.2 – Taxa de Homicídios (em 100.000). Segundo Regiões Geopolíticas

REGIÃO GEOPOLÍTICA	Taxa de Homicídios	
	Total	Jovem
Países Árabes	0,1	0,2
Ásia Central e Pacífico	0,9	0,6
América Latina e Caribe	23,4	41,7
América do Norte	6,3	13,8
Europa Central e Leste	15,0	11,1
OCDE	0,9	1,2

Fonte: Oms/Whosis/Wmd. Brasil: Sim/Datasus,Ibge. Colômbia: Dane.

3. 10 VITIMIZAÇÃO JUVENIL POR HOMICÍDIOS.

Os dados até aqui trabalhados possibilitam construir um indicador sintético em condições de evidenciar em que medida existe concentração de homicídios na população jovem de uma área geográfica determinada. Para tal fim, foi elaborado o índice de vitimização juvenil por homicídios, entendido como a relação entre a taxa de óbitos por homicídio na população de 15 a 24 anos (população jovem) e as taxas correspondentes ao restante da população, isto é, a de 0 a 14 anos e de 25 e mais anos (população não-jovem). Quanto maior for o índice de vitimização, maior concentração de homicídios na população jovem. Se o índice de vitimização for próximo de zero, os homicídios atingem por igual tanto a faixa jovem quanto o resto da população. Índices negativos estão a indicar que a juventude se encontra relativamente preservada, dado que as taxas incidem de forma mais pesada nos outros setores etários da população.

Pela tabela 3.10.1 é possível verificar que em todas as regiões e UFs do país existe um forte componente de sobrevivitização juvenil. Inclusive nos estados com menor grau de vitimização, Rondônia e Mato Grosso, a proporção de vítimas juvenis já é aproximadamente 50% superior à do resto da população. Num outro extremo, em estados como Amapá e Distrito Federal, as taxas de vítimas jovens mais que triplicam as taxas do resto da população.

Nas capitais, o problema é mais sério ainda. O índice de vitimização de jovens (189,6%) nos indica que nas capitais os homicídios juvenis quase triplicam os índices do restante da população. Só em Palmas e São Luís as taxas são relativamente baixas, mas, ainda assim, as mortes de jovens estão mais de 50% acima do restante da população. Nas outras capitais, os elevados índices de vitimização juvenil são francamente preocupantes.

As regiões metropolitanas, neste tema, apresentam-se muito semelhante ao das capitais: o mesmo índice global de vitimização juvenil por homicídios (189%), e oscilações que acompanham de perto os índices das capitais.

TABELA 3.10.1 – Vitimização Juvenil por Homicídios. Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Taxas de Óbitos		Índice de Vitimização
	Não Jovem	Jovem	
Acre	18,2	52,3	188,1
Amazonas	12,8	33,1	159,5
Amapá	21,7	81,2	274,3
Pará	15,1	29,8	97,2
Rondônia	38,4	57,0	48,6
Roraima	25,7	68,2	164,9
Tocantins	12,8	21,5	68,1
Norte	17,5	36,6	108,7



►► TABELA 3.10.1 – (continuação)

UF/ REGIÃO	Taxas de Óbitos		Índice de Vitimização
	Não Jovem	Jovem	
Alagoas	26,6	62,2	134,1
Bahia	10,1	23,1	128,5
Ceará	15,8	31,0	96,3
Maranhão	8,5	15,0	77,7
Paraíba	13,6	32,0	135,0
Pernambuco	41,5	103,4	149,0
Piauí	8,3	19,9	138,3
Rio Grande do N.	8,9	16,9	90,1
Sergipe	23,2	53,7	131,1
Nordeste	17,6	39,9	126,5
Espírito Santo	37,6	103,7	175,6
Minas Gerais	12,6	30,7	143,3
Rio de Janeiro	42,6	118,9	178,8
São Paulo	27,6	81,0	193,0
Sudeste	27,4	76,3	178,6
Paraná	17,4	45,5	161,9
Rio Grande do Sul	14,5	35,6	145,2
Santa Catarina	8,6	16,8	94,4
Sul	14,3	35,3	146,4
Distrito Federal	23,3	74,1	218,1
Goiás	20,2	40,9	102,9
Mato Grosso do Sul	27,9	48,9	75,5
Mato Grosso	33,1	51,4	55,2
Centro-Oeste	24,9	50,9	104,5
Brasil	21,8	54,7	150,7

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 3.10.2 – Vitimização Juvenil por Homicídios. Local: Capitais e Regiões. Ano: 2002

CAPITAL/ REGIÃO	Taxas de Óbitos		Índice de Vitimização
	Não Jovem	Jovem	
Belém	23,1	61,4	165,6
Boa Vista	24,0	87,2	262,7
Macapá	27,9	98,2	251,7
Manaus	19,8	49,0	147,5
Palmas	18,1	28,0	54,9
Porto Velho	49,5	113,4	129,2
Rio Branco	30,8	93,1	202,0
Norte	24,9	65,8	164,1
Aracaju	38,6	109,0	182,1
Fortaleza	25,4	55,6	119,1
João Pessoa	30,5	87,1	185,5
Maceió	43,0	129,4	201,2
Natal	9,3	31,0	232,5
Recife	64,2	192,9	200,4
Salvador	15,5	49,4	219,2
São Luís	18,2	31,5	73,0
Teresina	18,5	58,7	217,9
Nordeste	28,6	77,7	171,5
Belo Horizonte	29,5	95,4	223,7
Rio de Janeiro	45,3	145,5	221,0
São Paulo	37,8	114,2	201,9
Vitória	49,7	197,1	296,7
Sudeste	39,4	122,2	210,2
Curitiba	22,0	73,9	235,3
Florianópolis	17,4	51,5	195,7
Porto Alegre	29,7	88,5	197,7
Sul	24,7	77,0	211,5
Brasília	23,3	74,1	218,1
Campo Grande	28,8	56,9	97,5
Cuiabá	35,7	109,2	206,1
Goiânia	28,5	72,1	153,1
C.Oeste	26,9	75,1	179,5
Brasil (Capitais)	32,8	95,0	189,6

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

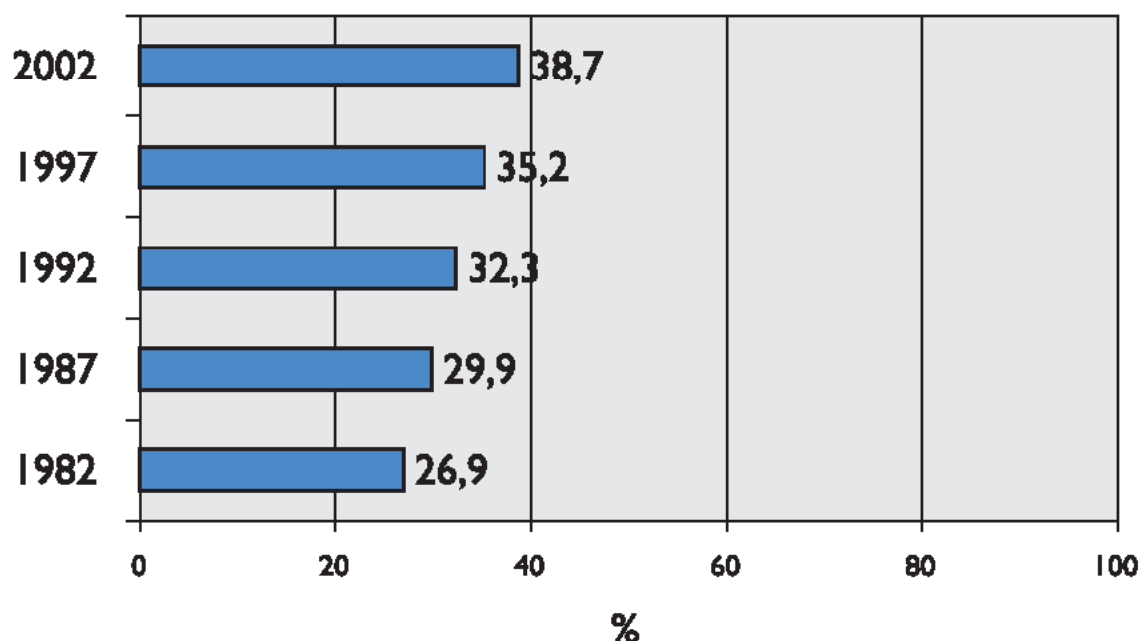
TABELA 3.10.3 – Vitimização Juvenil por Homicídios. Local: Regiões Metropolitanas. Ano: 2002

REGIÃO METROPOLITANA	Taxas de Óbitos		Índice de Vitimização
	Não Jovem	Jovem	
Belém	19,4	49,4	155,0
Belo Horizonte	28,3	82,4	191,4
Curitiba	20,5	61,3	198,8
Fortaleza	22,2	48,2	117,4
Porto Alegre	20,9	60,1	187,3
Recife	51,0	159,0	211,5
Rio de Janeiro	47,7	139,1	191,7
Salvador	14,3	47,6	232,0
São Paulo	38,7	114,3	195,3
Vitória	54,8	180,7	229,5
TOTAL	35,7	103,4	189,6

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

Se tomarmos como ponto de partida que, para o ano 2002, os jovens de 15 a 24 anos representavam aproximadamente 20% da população do país, seria esperável a mesma relação percentual entre os homicídios juvenis e os da população total. Contudo, pelos dados expostos nos itens anteriores, podemos perceber que a proporção de homicídios juvenis representa 38,7% do total de homicídios, isto é, mais do duplo do que será esperável, numa escalada progressiva que deu início em fins da década de 70. Em 1982 os jovens já respondem por 26,9% dos homicídios, participação que aumenta gradualmente até os dias de hoje, quando praticamente 40% dos homicídios centram-se na população jovem.

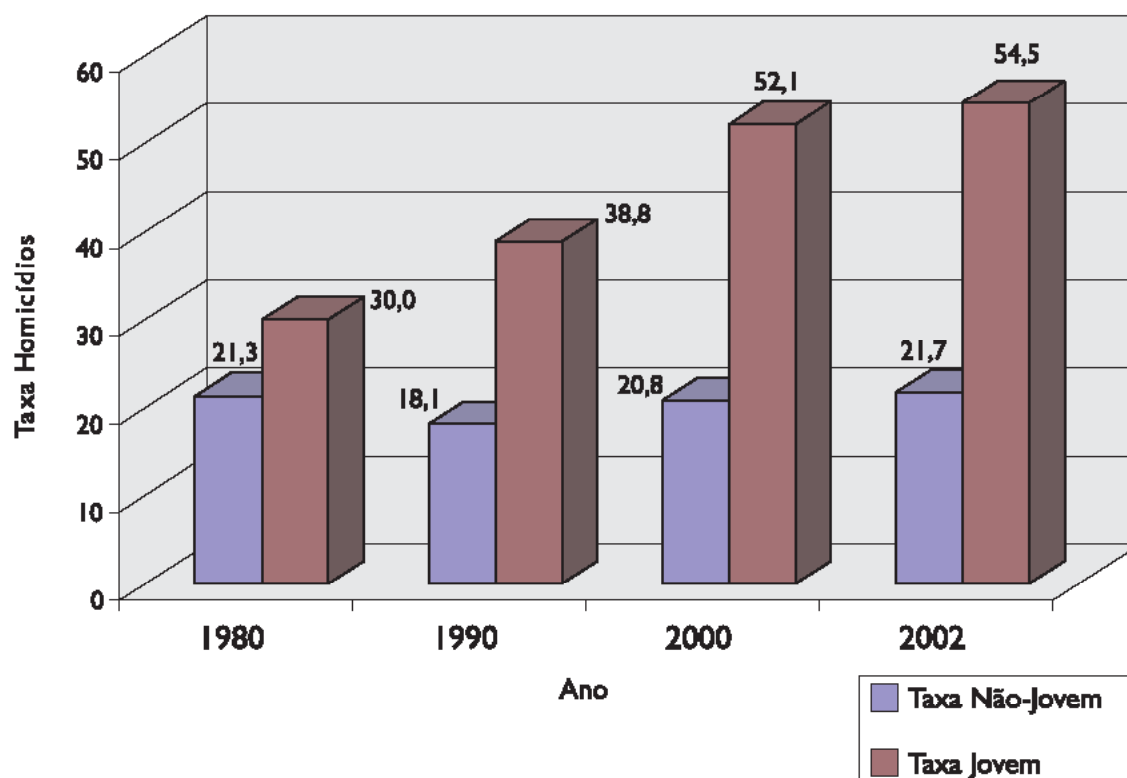
GRÁFICO 3.10.1 – Participação dos Homicídios juvenis no total de homicídios. Brasil – 1982/2002



Uma melhor evidência sobre o significado dessa vitimização pode ser obtida comparando a evolução diferenciada das taxas de homicídios da população jovem e da não-jovem ao longo do tempo. No ano de 1980¹⁹ foram registrados 27.464 homicídios dos quais 7.524 corresponderam a jovens e 19.940 a não-jovens. Para o ano 2002, foram registrados 49.413 homicídios dos quais, 19.124 foram jovens e 30.289 no resto da população. Relativizando esses dados segundo população, teríamos que a taxa de homicídios entre os jovens passou de 30,0 (em 100.000 jovens) em 1980 para 54,5 no ano 2002. Já a taxa no restante da população (não-jovem) permaneceu praticamente inalterada: passou de 21,3 em 100.000 para 21,7 no mesmo período. Isso evidencia, de forma clara, que os avanços da violência homicida no Brasil, das últimas décadas, tiveram como eixo exclusivo a vitimização juvenil.

¹⁹ Ver Mapa da Violência I que abrange as séries históricas de 1979 a 1986.

**GRÁFICO 3.10.2 – Taxas de Homicídios Jovem e Não-Jovem
Brasil – 1980/2002**



Essas situações, que demarcam complexos problemas de violência juvenil, aparecem, tanto na mídia como em boa parte da bibliografia, como uma constante de nossa modernidade. A “crise” de nossa juventude, ou a violência juvenil começa a aparecer como uma categoria explicativa quase universal de nossa cultura globalizada.

4. ACIDENTES DE TRANSPORTE

4.1 EVOLUÇÃO DOS ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE NO PAÍS

Na década considerada, o número de óbitos causados por acidentes de transporte passou de 27.839 em 1993 para 33.265 no ano 2002, o que representa um aumento de 19,5%. Semelhante ao incremento populacional do país, que foi de 17,5% no mesmo período.

Podemos verificar, pela tabela 4.1.1, a existência de uma inflexão na evolução dos óbitos por acidentes de transporte. Entre 1993 e 1996 os números crescem significativamente. Desde 1997, com a promulgação da nova Lei de Trânsito, até o ano 2000, os valores absolutos decrescem a um ritmo de aproximadamente 6% ao ano. A partir daquela data, os números de vítimas de acidentes de transporte crescem, e novamente com um ritmo de aproximadamente 6% aa.

A região norte é a que evidenciou as maiores taxas de incremento no número de óbitos, com um aumento de 69,8% entre 1993 e 2002 devido, fundamentalmente, ao significativo crescimento dos quantitativos nos estados de Roraima, Acre e Tocantins, que mais que duplicaram seus números no período considerado.

Num outro extremo, a região sudeste apresenta o melhor saldo, com um crescimento no período de só 3,1% devido, principalmente, às quedas absolutas observadas no estado de São Paulo.

Além de Acre, Roraima e Tocantins também Piauí e Mato Grosso destacam-se por ter, na década considerada, mais do que duplicado seu número de vítimas de acidentes de transporte.

A tabela 4.1.2 possibilita acompanhar a evolução no número de mortes por acidentes de transporte na população jovem. Em primeiro lugar, podemos verificar que o aumento decenal de 30,5% foi superior ao da população total, com situações regionais bem mais contrastantes. As regiões norte, nordeste e centro-oeste apresentam elevado crescimento decenal (74,5; 65,9 e 50,1% respectivamente), bem maior que o crescimento das regiões sul e sudeste.

TABELA 4.1.1 – Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População Total. Local: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Acre	65	77	73	66	84	77	72	90	102	134	106,2
Amazonas	237	321	380	322	343	314	282	347	275	315	32,9
Amapá	79	85	75	88	94	90	79	96	112	127	60,8
Pará	542	483	511	627	743	781	554	690	763	909	67,7
Rondônia	267	242	272	299	268	321	288	322	307	367	37,5
Roraima	70	87	88	98	119	130	151	136	129	141	101,4
Tocantins	129	98	106	113	188	230	256	342	331	365	182,9
NORTE	1.389	1.393	1.505	1.613	1.839	1.943	1.682	2.023	2.019	2.358	69,8
Alagoas	520	566	558	600	688	672	596	558	554	590	13,5
Bahia	739	927	906	1.188	1.334	1.038	1.097	1.213	1.217	1.344	81,9
Ceará	800	812	990	1.130	1.229	1.064	1.151	1.267	1.373	1.525	90,6
Maranhão	462	346	377	424	442	407	369	441	519	682	47,6
Paraíba	430	431	502	133	307	375	431	430	440	675	57,0
Pernambuco	1.239	1.315	1.406	1.605	1.584	1.533	1.440	1.442	1.333	1.493	20,5
Piauí	265	280	262	268	244	307	315	449	444	536	102,3
Rio Grande do N.	431	403	366	392	387	483	396	472	423	429	-0,5
Sergipe	319	365	339	325	234	189	310	373	363	434	36,1
NORDESTE	5.205	5.445	5.706	6.065	6.449	6.068	6.105	6.645	6.666	7.708	48,1



► TABELA 4.1.1 – (continuação)

UF/ REGIÃO	ANO										%Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Espírito Santo	703	785	810	834	778	818	787	836	849	954	35,7
Minas Gerais	2.680	2.891	3.280	3.620	3.490	3.065	2.750	2.500	2.802	2.947	10,0
Rio de Janeiro	1.891	2.215	3.696	3.737	3.599	2.926	2.394	2.617	2.744	2.832	49,8
São Paulo	7.467	7.470	8.364	9.158	9.307	7.561	7.585	6.006	6.909	6.404	-14,2
SUDESTE	12.741	13.361	16.150	17.349	17.174	14.370	13.516	11.959	13.304	13.137	3,1
Paraná	2.595	2.939	2.855	3.200	3.037	2.670	2.636	2.492	2.510	2.647	2,0
Rio Grande do S.	1.652	1.851	1.985	2.151	2.183	1.801	1.794	1.883	1.793	2.094	26,8
Santa Catarina	1.571	1.678	1.811	1.979	1.927	1.424	1.531	1.503	1.560	1.664	5,9
SUL	5.818	6.468	6.651	7.330	7.147	5.895	5.961	5.878	5.863	6.405	10,1
Distrito Federal	654	685	791	743	621	593	584	582	554	604	-7,6
Goiás	1.104	1.320	1.258	1.155	1.331	1.099	1.188	1.378	1.351	1.538	39,3
Mato Grosso do S.	545	550	545	631	601	414	443	414	506	626	14,9
Mato Grosso	383	305	547	659	594	612	639	761	742	889	132,1
CENTRO OESTE	2.686	2.860	3.141	3.188	3.147	2.718	2.854	3.135	3.153	3.657	36,2
BRASIL	27.839	29.527	33.153	35.545	35.756	30.994	30.118	29.640	31.005	33.265	19,5

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 4.1.2 – Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										%Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Acre	15	16	20	17	29	13	16	12	18	24	60,0
Amazonas	54	78	87	73	81	75	69	90	64	80	48,1
Amapá	18	21	18	15	27	27	18	23	23	37	105,6
Pará	125	106	110	144	175	161	123	165	201	234	87,2
Rondônia	64	38	61	66	65	73	70	71	73	76	18,8
Roraima	19	14	20	21	26	34	43	27	26	35	84,2
Tocantins	30	22	16	21	42	52	75	74	69	81	170,0
NORTE	325	295	332	357	445	435	414	462	474	567	74,5

► TABELA 4.1.2 – (continuação)

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Alagoas	102	101	111	117	164	154	123	119	103	130	27,5
Bahia	138	203	185	248	253	177	220	279	264	317	129,7
Ceará	161	155	165	224	252	248	245	274	327	326	102,5
Maranhão	100	59	70	85	98	116	74	114	112	152	52,0
Paraíba	90	76	98	26	64	90	104	106	101	161	78,9
Pernambuco	246	232	279	338	358	346	305	315	268	334	35,8
Piauí	51	62	63	71	41	61	77	96	99	133	160,8
Rio Grande do N.	95	80	70	88	92	109	85	99	87	103	8,4
Sergipe	76	74	70	70	44	39	69	83	78	101	32,9
NORDESTE	1.059	1.042	1.111	1.267	1.366	1.340	1.302	1.485	1.439	1.757	65,9
Espírito Santo	120	160	174	141	161	155	166	178	183	214	78,3
Minas Gerais	547	599	703	747	703	623	555	532	576	646	18,1
Rio de Janeiro	323	417	622	628	647	501	445	494	477	578	78,9
São Paulo	1.533	1.845	1.864	2.126	2.209	1.792	1.823	1.327	1.571	1.509	-1,6
SUDESTE	2.523	3.021	3.363	3.642	3.720	3.071	2.989	2.531	2.807	2.947	16,8
Paraná	579	687	630	728	645	552	543	522	528	546	-5,7
Rio Grande do S.	345	344	444	489	480	352	354	379	370	445	29,0
Santa Catarina	391	427	457	492	465	334	395	376	392	442	13,0
SUL	1.315	1.458	1.531	1.709	1.590	1.238	1.292	1.277	1.290	1.433	9,0
Distrito Federal	148	140	162	158	122	125	140	133	130	154	4,1
Goiás	245	310	277	283	317	272	294	333	294	329	34,3
Mato Grosso do S.	94	125	111	133	122	85	99	80	96	136	44,7
Mato Grosso	80	53	122	121	134	151	141	185	171	232	190,0
CENTRO OESTE	567	628	672	695	695	633	674	731	691	851	50,1
BRASIL	5.789	6.444	7.009	7.670	7.816	6.717	6.671	6.486	6.701	7.555	30,5

Fonte: SIM/DATASUS.

Relacionando estes números com as respectivas populações, obtemos as taxas de óbitos por acidentes de transporte (em 100.000 habitantes), detalhadas nas tabelas 4.1.3 e 4.1.4.

TABELA 4.1.3 – Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: Todas. Local: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Acre	14,7	17,0	15,6	13,3	16,4	14,6	13,1	16,1	17,8	22,8
Amazonas	10,8	14,3	16,5	12,9	13,3	11,9	10,5	12,3	9,5	10,6
Amapá	24,5	25,0	21,0	22,4	22,7	20,7	17,3	20,1	22,5	24,6
Pará	10,5	9,1	9,4	11,1	12,9	13,2	9,5	11,1	12,0	14,1
Rondônia	23,0	20,5	22,6	23,5	20,7	24,2	23,7	23,3	21,8	25,6
Roraima	30,9	37,5	36,9	35,4	41,2	43,2	47,4	41,9	38,3	40,6
Tocantins	13,4	9,9	10,4	10,7	17,3	20,9	19,1	29,6	27,9	30,2
Norte	13,3	13,0	13,7	13,9	15,4	15,9	13,5	15,7	15,2	17,5
Alagoas	20,4	22,0	21,5	22,3	25,3	24,5	21,0	19,8	19,4	20,4
Bahia	6,1	7,6	7,3	9,5	10,5	8,1	8,4	9,3	9,2	10,1
Ceará	12,3	12,3	14,8	16,2	17,4	14,8	15,8	17,1	18,2	19,9
Maranhão	9,2	6,8	7,3	8,0	8,2	7,4	7,5	7,8	9,1	11,8
Paraíba	13,3	13,3	15,3	4,0	9,1	11,1	12,4	12,5	12,7	19,3
Pernambuco	17,0	17,7	18,7	21,2	20,7	19,8	18,9	18,2	16,6	18,5
Piauí	10,2	10,7	9,9	9,8	8,9	11,1	9,7	15,8	15,5	18,5
Rio Grande do N.	17,5	16,2	14,5	15,0	14,6	17,9	14,4	17,0	15,0	15,0
Sergipe	20,8	23,4	21,3	19,6	13,9	11,1	17,3	20,9	20,0	23,5
Nordeste	12,0	12,4	12,9	13,4	14,0	13,0	12,9	13,9	13,8	15,8
Espírito Santo	26,3	29,0	29,4	29,0	26,5	27,3	25,8	27,0	26,9	29,8
Minas Gerais	16,7	17,8	20,0	21,4	20,3	20,1	15,4	14,0	15,5	16,1
Rio de Janeiro	14,5	16,9	27,9	27,3	26,0	20,9	16,9	18,2	18,8	19,2
São Paulo	23,0	22,7	25,0	26,5	26,4	21,1	20,7	16,2	18,4	16,8
Sudeste	19,8	20,5	24,5	25,5	24,8	21,1	18,9	16,5	18,1	17,6
Paraná	30,0	33,6	32,2	35,3	33,1	28,7	27,9	26,1	25,9	27,0
Rio Grande do Sul	17,8	19,7	20,9	22,1	22,2	18,1	18,6	18,5	17,4	20,1
Santa Catarina	33,8	35,6	37,9	39,6	38,0	27,5	29,0	28,1	28,6	30,1
Sul	25,7	28,3	28,7	30,8	29,7	24,1	24,4	23,4	23,0	24,9
Distrito Federal	38,9	39,7	44,7	40,1	32,7	30,8	26,4	28,4	26,4	28,1
Goiás	26,3	30,7	28,6	25,3	28,5	23,0	25,5	27,5	26,4	29,5
Mato Grosso do Sul	29,8	29,6	28,9	32,4	30,4	29,9	21,5	19,9	24,0	29,2
Mato Grosso	18,3	14,3	25,1	28,7	25,3	25,4	25,3	30,4	29,0	34,1
Centro-Oeste	27,4	28,6	30,7	29,9	28,9	26,1	24,9	26,9	26,5	30,2
Brasil	18,5	19,4	21,4	22,3	22,1	19,2	18,0	17,5	18,0	19,0

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 4.1.4 – Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Acre	16,1	16,5	19,8	16,0	26,2	11,3	13,4	9,7	14,2	18,5
Amazonas	11,6	16,1	17,3	13,5	14,6	13,0	11,8	14,4	9,9	12,2
Amapá	26,0	28,3	22,8	17,4	31,8	27,0	17,7	21,5	20,6	32,0
Pará	11,6	9,5	9,6	11,9	13,9	12,3	9,8	12,2	14,5	16,6
Rondônia	26,1	15,2	23,9	24,5	22,1	26,6	25,7	24,1	24,3	24,9
Roraima	40,2	28,7	39,9	35,6	42,1	52,7	64,0	38,6	35,7	46,8
To cantins	15,0	10,6	7,5	9,5	20,2	26,4	25,6	29,7	27,0	31,1
Norte	14,8	13,0	14,1	14,3	17,3	16,7	15,1	16,4	16,3	19,2
Alagoas	19,0	18,6	20,2	20,5	28,1	27,2	19,7	19,6	16,8	21,0
Bahia	5,5	7,9	7,1	9,2	9,3	6,4	7,9	9,6	9,0	10,7
Ceará	12,5	11,9	12,5	16,1	18,0	16,8	16,7	18,2	21,4	21,0
Maranhão	10,0	5,7	6,7	7,6	7,8	8,4	6,9	9,1	8,8	11,8
Paraíba	13,8	11,6	14,8	3,8	9,7	12,9	14,8	14,9	14,1	22,3
Pernambuco	16,5	15,3	18,2	21,6	22,4	21,2	19,0	19,1	16,1	19,8
Piauí	9,5	11,4	11,4	12,3	7,6	12,8	11,6	15,5	15,8	21,0
Rio Grande do N.	19,2	16,0	13,9	16,5	16,6	19,6	15,5	17,4	15,1	17,6
Sergipe	23,5	22,4	20,8	19,9	12,8	10,9	18,7	21,7	20,1	25,6
Nordeste	12,0	11,6	12,2	13,4	14,1	13,6	13,0	14,6	13,9	16,8
Espírito Santo	22,6	29,6	31,5	24,3	27,5	26,2	26,2	28,0	28,3	32,6
Minas Gerais	17,4	18,8	21,8	22,4	21,0	20,7	16,2	15,0	16,0	17,7
Rio de Janeiro	13,7	17,5	25,9	25,3	25,9	20,2	17,0	18,9	18,0	21,6
São Paulo	24,9	29,4	29,1	32,2	32,6	26,1	25,7	18,5	21,5	20,4
Sudeste	20,7	24,4	26,7	28,0	28,1	23,6	21,7	18,1	19,8	20,5
Paraná	33,8	39,9	36,4	41,2	36,5	29,9	30,2	28,7	28,6	29,2
Rio Grande do Sul	21,2	20,9	26,8	28,4	26,5	19,6	20,8	20,8	20,1	23,9
Santa Catarina	43,8	47,5	50,4	51,5	48,1	33,7	39,1	37,1	38,0	42,2
Sul	31,1	34,2	35,6	38,5	35,1	26,7	28,5	27,4	27,3	30,0
Distrito Federal	39,4	36,1	40,5	38,3	31,8	32,1	27,5	29,0	27,7	32,1
Goiás	27,8	34,4	30,0	29,9	32,0	26,0	31,0	32,5	28,0	30,8
Mato Grosso do Sul	25,7	33,7	29,5	34,4	31,3	30,8	24,4	19,4	22,9	32,0
Mato Grosso	18,1	11,8	26,5	25,2	27,3	30,5	26,3	35,4	32,0	42,6
Centro-Oeste	27,5	29,7	31,1	31,2	30,8	28,9	28,2	30,2	27,9	33,8
Brasil	19,6	21,5	23,0	24,2	24,2	20,8	19,9	19,0	19,4	21,5

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

Por essas tabelas é possível verificar que, apesar das quedas acontecidas entre 1998 e 2000, resultado da entrada em vigor da nova Lei de Trânsito, no final do período analisado as taxas não só recuperaram seu fôlego, mas superaram, inclusive, o patamar de início da década.

As taxas acima detalhadas permitem ordenar as UF's segundo a gravidade da incidência de mortes por acidentes de transporte, tanto para a população jovem quanto para a total.

TABELA 4.1.5 – Ordenamento das UF por Taxa de Óbitos com Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Ano: 1993/2002

UF	População Total		
	Posição em		Taxa em 2002
	1993	2002	
Roraima	3º	1º	40,6
Mato Grosso	13º	2º	34,1
Tocantins	20º	3º	30,2
Santa Catarina	2º	4º	30,1
Espírito Santo	6º	5º	29,8
Goiás	7º	6º	29,5
Mato Grosso do Sul	5º	7º	29,2
Distrito Federal	1º	8º	28,1
Paraná	4º	9º	27,0
Rondônia	9º	10º	25,6
Amapá	8º	11º	24,6
Sergipe	11º	12º	23,5
Acre	18º	13º	22,8
Alagoas	12º	14º	20,4
Rio Grande do Sul	14º	15º	20,1
Ceará	22º	16º	19,9
Paraíba	21º	17º	19,3
Rio de Janeiro	19º	18º	19,2
Piauí	25º	19º	18,5
Pernambuco	16º	20º	18,5
São Paulo	10º	21º	16,8

UF	15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa em 2002
	1993	2002	
Roraima	2º	1º	46,8
Mato Grosso	15º	2º	42,6
Santa Catarina	1º	3º	42,2
Espírito Santo	11º	4º	32,6
Distrito Federal	3º	5º	32,1
Mato Grosso do Sul	8º	6º	32,0
Amapá	7º	7º	32,0
Tocantins	19º	8º	31,1
Goiás	5º	9º	30,8
Paraná	4º	10º	29,2
Sergipe	10º	11º	25,6
Rondônia	6º	12º	24,9
Rio Grande do Sul	12º	13º	23,9
Paraíba	20º	14º	22,3
Rio de Janeiro	21º	15º	21,6
Ceará	22º	16º	21,0
Piauí	26º	17º	21,0
Alagoas	14º	18º	21,0
São Paulo	9º	19º	20,4
Pernambuco	17º	20º	19,8
Acre	18º	21º	18,5



►► **TABELA 4.1.5 – (continuação)**

UF	População Total		
	Posição em		Taxa em 2002
	1993	2002	
Minas Gerais	17º	22º	16,1
Rio Grande do N.	15º	23º	15,0
Pará	24º	24º	14,1
Maranhão	26º	25º	11,8
Amazonas	23º	26º	10,6
Bahia	27º	27º	10,1

UF	15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa em 2002
	1993	2002	
Minas Gerais	16º	22º	17,7
Rio Grande do N.	13º	23º	17,6
Pará	24º	24º	16,6
Amazonas	23º	25º	12,2
Maranhão	25º	26º	11,8
Bahia	27º	27º	10,7

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

4.2 EVOLUÇÃO DOS ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE NAS CAPITALS.

Se no país como um todo houve um aumento absoluto de 19,5% no número de óbitos por acidentes de transporte entre 1993 e 2002, nas capitais dos estados esse aumento foi significativamente menor: 3,8%.

Descontando Palmas, dada sua recente criação que distorce as estatísticas, surpreendem os elevados aumentos evidenciados em duas capitais: Rio de Janeiro e Cuiabá. Mas, compensando esses incrementos, oito capitais apresentam um decréscimo em termos absolutos. Neste último campo destaca-se São Paulo, cujas magnitudes absolutas caíram para menos da metade dos números de 1993.

Considerando a faixa de 15 a 24 anos das capitais (tabela 4.2.2), vemos que o crescimento do número de óbitos nas capitais foi maior que no total da população: 15,2%, destacando-se novamente Rio de Janeiro e Cuiabá pelos elevados incrementos.

TABELA 4.2.I – Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População Total. Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	235	215	217	302	328	276	124	235	236	287	22,1
Boa Vista	61	72	66	80	87	83	99	86	78	104	70,5
Macapá	66	76	66	76	83	72	76	85	101	111	68,2
Manaus	221	298	349	287	304	287	238	258	225	231	4,5
Palmas	5	10	12	5	25	22	34	79	57	70	1300,0
Porto Velho	114	84	61	96	83	111	117	125	88	131	14,9
Rio Branco	52	68	61	62	69	61	50	72	81	97	86,5
Norte	754	823	832	908	979	912	738	940	866	1031	36,7
Aracaju	173	214	166	148	108	83	139	171	174	181	4,6
Fortaleza	441	469	575	607	583	434	469	442	518	635	44,0
João Pessoa	156	157	199	37	123	184	191	173	171	202	29,5
Maceió	322	347	309	383	366	334	319	245	305	280	-13,0
Natal	204	161	160	160	135	187	129	158	149	111	-45,6
Recife	532	585	608	704	653	560	545	513	496	521	-2,1
Salvador	133	157	86	134	252	74	62	124	170	178	33,8
São Luís	150	136	168	142	115	73	96	110	156	190	26,7
Teresina	161	156	179	171	140	188	203	223	254	277	72,0
Nordeste	2.272	2.382	2.450	2.486	2475	2301	2356	2159	2393	2575	13,3
Belo Horizonte	508	556	671	701	699	699	569	525	629	581	14,4
Rio de Janeiro	453	370	1.726	1.675	1603	1314	958	1025	1133	1147	153,2
São Paulo	1.990	1.990	2.321	2.421	2182	1577	1658	727	1676	827	-58,4
Vitória	184	202	199	186	163	143	178	143	152	162	-12,0
Sudeste	3.135	3.118	4.917	4.983	4647	3733	3363	2420	3590	2717	-13,3
Curitiba	608	662	532	615	531	437	488	463	461	464	-23,7
Florianópolis	137	146	130	122	114	68	81	94	85	99	-27,7
Porto Alegre	320	463	564	452	498	350	375	365	315	379	18,4
Sul	1.065	1.271	1.226	1.189	1143	855	944	922	861	942	-11,5
Brasília	654	685	791	743	618	600	584	582	554	604	-7,6
Campo Grande	200	235	215	248	227	227	164	143	177	201	0,5
Cuiabá	56	58	187	182	150	159	137	169	154	226	303,6
Goiânia	376	401	511	405	467	424	463	488	445	536	42,6
C.Oeste	1.286	1.379	1.704	1.578	1462	1410	1348	1382	1330	1567	21,9
Brasil (Capitais)	8.512	8.973	11.129	11.144	10706	9211	8749	7823	9040	8832	3,8

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 4.2.2 – Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	50	54	44	75	80	54	30	56	57	63	26,0
Boa Vista	18	13	16	18	18	20	31	12	16	26	44,4
Macapá	15	20	15	12	27	22	18	20	20	34	126,7
Manaus	50	74	83	65	70	72	58	68	49	62	24,0
Palmas	1	2	2	0	1	5	12	15	12	22	2100,0
Porto Velho	32	8	15	25	14	21	21	26	13	27	-15,6
Rio Branco	12	14	17	16	27	11	11	8	16	12	0,0
Norte	178	185	192	211	237	205	181	205	183	246	38,2
Aracaju	42	45	31	32	23	19	27	41	35	50	19,0
Fortaleza	90	100	100	125	111	90	93	90	129	106	17,8
João Pessoa	35	33	37	6	27	43	43	39	31	45	28,6
Maceió	59	60	52	74	81	71	68	51	60	68	15,3
Natal	42	27	29	33	24	39	21	25	21	17	-59,5
Recife	100	100	125	141	115	123	104	90	93	126	26,0
Salvador	24	20	22	26	45	10	12	31	34	38	58,3
São Luís	33	28	34	29	24	17	15	31	36	41	24,2
Teresina	27	33	38	44	27	53	48	43	58	69	155,6
Nordeste	452	446	468	510	477	501	467	441	497	560	23,9
Belo Horizonte	101	115	137	130	171	171	135	109	141	153	51,5
Rio de Janeiro	90	87	284	280	274	198	173	184	207	241	167,8
São Paulo	423	503	541	564	561	365	394	177	424	223	-47,3
Vitória	27	39	37	26	35	32	35	34	33	38	40,7
Sudeste	641	744	999	1.000	1041	766	737	504	805	655	2,2
Curitiba	114	147	102	138	111	81	91	86	98	112	-1,8
Florianópolis	31	33	35	31	32	16	21	23	25	28	-9,7
Porto Alegre	76	107	137	92	106	74	75	75	67	71	-6,6
Sul	221	287	274	261	249	171	187	184	190	211	-4,5
Brasília	148	140	162	158	134	140	140	133	130	154	4,1
Campo Grande	27	63	39	63	46	46	43	31	32	49	81,5
Cuiabá	16	8	48	38	36	43	25	47	34	57	256,3
Goiânia	97	100	138	109	125	95	131	128	99	119	22,7
C.Oeste	288	311	387	368	341	324	339	339	295	379	31,6
Brasil (Capitais)	1.780	1.973	2.320	2.350	2345	1967	1911	1673	1970	2051	15,2

Fonte: SIM/DATASUS.

A seguir, (tabelas 4.2.3 e 4.2.4) os mesmos dados foram relativizados segundo as respectivas populações.

TABELA 4.2.3 – Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: Todas. Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	20,0	18,8	19,5	26,4	27,8	22,8	45,6	18,4	18,1	21,7
Boa Vista	40,4	46,2	41,2	48,3	49,9	45,3	51,6	42,9	37,4	48,5
Macapá	33,1	36,2	29,9	34,4	35,1	28,6	28,4	30,0	34,1	36,2
Manaus	20,8	27,4	31,2	24,8	24,9	22,4	17,7	18,4	15,5	15,5
Palmas	10,5	16,7	16,7	5,8	25,3	19,7	27,3	57,5	37,8	43,4
Porto Velho	37,7	27,0	19,1	32,6	27,3	35,3	36,0	37,4	25,7	37,7
Rio Branco	24,3	30,5	26,3	27,1	29,4	25,3	20,2	28,5	31,0	36,2
Norte	23,9	25,8	25,7	27,5	28,4	25,4	31,6	24,1	21,6	25,1
Aracaju	42,1	51,5	39,5	34,6	24,7	18,7	30,7	37,1	37,2	38,2
Fortaleza	24,0	25,0	30,0	30,9	29,0	21,1	22,4	20,6	23,7	28,6
João Pessoa	30,3	29,9	37,1	6,7	21,9	32,1	32,6	28,9	28,2	32,6
Maceió	48,6	51,0	44,2	53,0	49,3	43,9	40,9	30,7	37,3	33,6
Natal	32,7	25,4	24,9	24,4	20,1	27,3	18,5	22,2	20,6	15,1
Recife	39,4	42,5	43,3	52,3	47,8	40,4	38,8	36,1	34,5	36,0
Salvador	6,3	7,3	4,0	6,1	11,1	11,1	11,1	5,1	6,8	7,1
São Luís	20,1	17,6	21,0	18,2	14,3	8,8	11,3	12,6	17,5	21,0
Teresina	26,1	24,8	27,9	26,1	20,9	27,4	29,0	31,2	34,8	37,4
Nordeste	25,6	26,3	26,5	26,7	26,0	23,6	23,7	21,2	23,1	24,5
Belo Horizonte	24,9	27,0	32,4	33,5	32,8	32,3	5,6	23,5	27,8	25,4
Rio de Janeiro	8,2	6,7	31,3	30,2	28,5	23,0	16,6	17,5	19,2	19,3
São Paulo	20,5	20,5	23,8	24,6	21,8	15,6	16,1	7,0	16,0	7,8
Vitória	70,5	77,0	75,4	70,0	59,8	51,2	62,3	48,9	51,3	54,1
Sudeste	17,9	17,8	27,9	28,1	25,8	20,4	15,7	12,9	18,9	14,2
Curitiba	44,3	47,1	37,0	41,7	35,3	28,5	31,3	29,2	28,5	28,2
Florianópolis	52,6	55,3	48,7	45,0	39,4	22,2	25,0	27,5	24,1	27,5
Porto Alegre	25,2	36,3	44,0	35,1	38,1	26,4	27,9	26,8	22,9	27,4
Sul	36,7	43,2	41,1	39,2	36,9	27,0	29,3	28,0	25,7	27,8
Brasília	38,9	39,7	44,7	40,8	32,9	31,0	29,3	28,4	26,4	28,1
Campo Grande	36,3	41,5	37,0	41,3	36,9	35,9	25,3	21,5	26,1	29,0
Cuiabá	13,6	13,9	44,0	42,0	33,6	34,7	29,1	35,0	31,2	45,2
Goiânia	39,5	41,5	52,0	40,4	45,5	40,4	43,2	44,6	40,0	47,5
C.Oeste	35,8	37,5	45,4	40,9	36,9	34,6	32,2	32,2	30,4	35,1
Brasil (Capitais)	23,6	24,6	30,2	29,9	28,1	23,7	22,1	19,3	22,0	21,2

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 4.2.4 – Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	18,4	20,4	17,1	28,2	29,4	19,5	10,6	19,4	19,4	21,1
Boa Vista	54,5	38,2	45,6	49,8	46,9	49,3	72,4	26,6	34,2	54,0
Macapá	33,9	42,3	29,8	23,3	49,3	37,8	29,3	30,8	29,5	48,4
Manaus	20,5	29,4	31,9	24,1	24,7	24,3	18,7	21,0	14,7	18,1
Palmas	9,0	14,2	11,7	0,0	4,2	18,4	39,6	44,8	32,6	56,0
Porto Velho	50,1	12,1	22,0	39,7	21,4	31,1	30,1	36,0	17,6	36,0
Rio Branco	25,7	28,6	33,1	31,3	51,4	20,4	19,8	14,1	27,2	20,0
Norte	24,9	25,5	26,0	27,8	30,0	25,0	21,2	23,2	20,1	26,4
Aracaju	45,3	47,9	32,6	33,2	23,4	19,0	26,5	39,6	33,3	47,0
Fortaleza	23,3	25,4	25,0	30,7	26,6	21,0	21,1	20,0	28,1	22,7
João Pessoa	32,2	29,7	32,7	5,2	22,8	35,5	34,7	30,9	24,1	34,4
Maceió	40,0	39,8	33,7	46,8	50,4	43,4	40,8	30,1	34,6	38,4
Natal	32,2	20,4	21,7	24,3	17,2	27,3	14,3	16,6	13,8	11,0
Recife	36,1	35,7	44,2	51,2	41,4	43,9	36,8	31,6	32,3	41,0
Salvador	5,2	4,2	4,5	5,2	8,8	8,8	8,8	5,6	6,0	6,6
São Luís	18,3	14,8	17,2	15,5	12,4	8,6	7,3	14,7	16,7	18,7
Teresina	19,4	23,2	26,1	29,5	17,6	33,6	29,6	25,9	34,3	40,1
Nordeste	23,5	22,7	23,3	25,2	23,0	23,6	21,5	19,9	22,0	24,1
Belo Horizonte	24,8	27,8	32,7	30,5	39,5	38,9	30,2	24,0	30,8	33,0
Rio de Janeiro	9,6	9,2	30,0	29,4	28,2	20,0	17,2	18,0	20,1	23,2
São Paulo	23,2	27,2	29,0	29,8	29,2	18,7	19,9	8,8	20,9	10,9
Vitória	52,5	74,9	70,1	48,5	63,3	56,1	59,6	56,3	53,9	61,4
Sudeste	19,9	22,9	30,4	30,1	30,8	22,3	21,1	14,2	22,5	18,1
Curitiba	41,9	52,6	35,6	46,8	37,1	26,7	29,5	27,5	30,7	34,6
Florianópolis	60,7	63,5	66,1	57,4	55,2	25,8	31,8	32,9	34,7	38,0
Porto Alegre	35,2	48,7	61,3	40,4	45,5	31,0	30,8	30,1	26,7	28,1
Sul	41,0	52,1	48,7	45,3	42,2	28,3	30,3	29,1	29,6	32,4
Brasília	39,4	36,1	40,5	38,2	31,5	32,1	31,3	29,0	27,7	32,1
Campo Grande	24,4	55,4	33,4	52,4	37,1	36,1	32,8	23,0	23,2	34,8
Cuiabá	18,2	8,9	51,9	39,9	36,7	42,5	24,0	43,9	31,2	51,5
Goiânia	46,1	46,7	63,5	49,2	55,3	41,2	55,6	53,3	40,5	47,9
C.Oeste	36,7	38,6	46,8	43,3	39,1	36,2	36,9	36,0	30,7	38,7
Brasil (Capitais)	24,8	27,0	31,3	31,2	30,4	25,0	23,7	20,3	23,6	24,1

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

Vemos que, relativizando o número de óbitos pela população correspondente, as taxas de mortes juvenis (24,1 em 100.000) são levemente maiores do que as taxas da população total (21,2 em 100.000). Só que, se na população global a tendência nas capitais é de queda, entre os jovens, no global do período considerado, praticamente permanece inalterado (passa de 24,8 óbitos em 100.000 jovens para 24,1).

Em várias capitais, como Boa Vista, Palmas, Cuiabá e Vitória as taxas juvenis superam os 50 óbitos em 100.000 jovens, encabeçando o ranking de capitais com maiores taxas de jovens mortos em acidentes de transporte. Na população total a distribuição é semelhante, tendo que agregar Goiânia entre as capitais com maiores taxas de mortalidade.

TABELA 4.2.5 – Ordenamento das Capitais Segundo Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Período: 1991/2000

UF	População Total		
	Posição em		Taxa 2002
	1993	2002	
Vitória	1º	1º	54,1
Boa Vista	6º	2º	48,5
Goiânia	7º	3º	47,5
Cuiabá	24º	4º	45,2
Palmas	25º	5º	43,4
Aracaju	5º	6º	38,2
Porto Velho	10º	7º	37,7
Teresina	15º	8º	37,4
Macapá	12º	9º	36,2
Rio Branco	18º	10º	36,2
Recife	8º	11º	36,0
Maceió	3º	12º	33,6
João Pessoa	14º	13º	32,6

UF	População 15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa 2002
	1993	2002	
Vitória	3º	1º	61,4
Palmas	26º	2º	56,0
Boa Vista	2º	3º	54,0
Cuiabá	24º	4º	51,5
Macapá	12º	5º	48,4
Goiânia	5º	6º	47,9
Aracaju	6º	7º	47,0
Recife	10º	8º	41,0
Teresina	21º	9º	40,1
Maceió	8º	10º	38,4
Florianópolis	1º	11º	38,0
Porto Velho	4º	12º	36,0
Campo Grande	17º	13º	34,8



► TABELA 4.2.5 – (continuação)

UF	População Total		
	Posição em		Taxa 2002
	1993	2002	
Campo Grande	11º	14º	29,0
Fortaleza	19º	15º	28,6
Curitiba	4º	16º	28,2
Brasília	9º	17º	28,1
Florianópolis	2º	18º	27,5
Porto Alegre	16º	19º	27,4
Belo Horizonte	17º	20º	25,4
Belém	23º	21º	21,7
São Luís	22º	22º	21,0
Rio de Janeiro	26º	23º	19,3
Manaus	20º	24º	15,5
Natal	13º	25º	15,1
São Paulo	21º	26º	7,8
Salvador	27º	27º	7,1

UF	População 15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa 2002
	1993	2002	
Curitiba	7º	14º	34,6
João Pessoa	13º	15º	34,4
Belo Horizonte	16º	16º	33,0
Brasília	9º	17º	32,1
Porto Alegre	11º	18º	28,1
Rio de Janeiro	25º	19º	23,2
Fortaleza	18º	20º	22,7
Belém	22º	21º	21,1
Rio Branco	15º	22º	20,0
São Luís	23º	23º	18,7
Manaus	20º	24º	18,1
Natal	14º	25º	11,0
São Paulo	19º	26º	10,9
Salvador	27º	27º	6,6

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

4.3 EVOLUÇÃO DOS ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE NAS REGIÕES METROPOLITANAS

Nas Regiões Metropolitanas consideradas no presente estudo a evolução dos óbitos por acidentes de transporte se assemelha mais ao acontecido nas capitais do que nas UFs como um todo. Efetivamente, se nas UFs houve, na década, um incremento de 19% no número de mortes, nas Capitais foi de só de 3,8%. Já nas Regiões Metropolitanas registra-se uma queda bem reduzida: 1,5%.

Entre os jovens, nos três âmbitos estudados, o crescimento das taxas são maiores e de forma mais marcada nas capitais e nas regiões metropolitanas, onde se registram aumentos de

mortes juvenis bem maiores. Destacam-se, neste campo, os elevados incrementos de óbitos no Rio de Janeiro e Fortaleza, e as notáveis quedas em São Paulo. Entre os jovens, a esses estados com elevado crescimento, devem ser agregadas também as regiões metropolitanas de Belém, Vitória e Salvador.

Também é possível observar que a participação das regiões metropolitanas no total de mortes por acidentes de transporte foi crescendo até 1996/97, e a partir dessa data, foi caindo lentamente, até representar, em 2002, pouco menos de 25% do total nacional de óbitos atribuídos a acidentes de transporte.

TABELA 4.3.1 – Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População Total. Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	264	240	247	341	395	340	146	245	279	324	22,7
Belo Horizonte	839	897	1.112	1.091	1.085	988	801	737	843	833	-0,7
Curitiba	819	909	829	945	827	715	752	690	665	700	-14,5
Fortaleza	513	543	692	697	704	494	549	544	644	761	48,3
Porto Alegre	648	791	870	845	883	649	693	678	655	766	18,2
Recife	691	716	773	866	830	737	678	681	622	679	-1,7
Rio de Janeiro	1.048	1.170	2.512	2.557	2.448	1.902	1.447	1.533	1.640	1.745	66,5
Salvador	144	158	89	166	295	95	76	138	201	203	41,0
São Paulo	3.071	3.030	3.596	3.846	3.597	2.742	2.797	1.683	2.732	1.821	-40,7
Vitória	382	427	426	431	408	372	402	397	391	458	19,9
TOTAL 10 RM	8.419	8.881	11.146	11.785	11.472	9.034	8.341	7.326	8.672	8.290	-1,5
BRASIL	27.839	29.527	33.153	35.545	35.756	30.994	30.118	29.640	31.005	33.265	19,5
%	30,2	30,1	33,6	33,2	32,1	29,1	27,7	24,7	28,0	24,9	

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 4.3.2 – Número de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	52	57	51	85	95	66	33	59	66	72	38,5
Belo Horizonte	165	175	224	215	256	213	184	145	186	210	27,3
Curitiba	162	195	156	214	164	127	147	129	141	163	0,6
Fortaleza	100	111	117	141	141	103	110	114	156	138	38,0
Porto Alegre	145	159	204	179	180	122	134	141	136	148	2,1
Recife	131	120	151	178	154	162	124	118	117	157	19,8
Rio de Janeiro	159	214	384	394	410	305	253	267	279	360	126,4
Salvador	24	19	19	31	60	17	14	33	41	39	62,5
São Paulo	669	781	813	892	931	672	660	406	683	469	-29,9
Vitória	65	71	87	69	77	71	84	89	85	101	55,4
TOTAL 10 RM	1.672	1.902	2.206	2.398	2.468	1.858	1.743	1.501	1.890	1.857	11,1
BRASIL	5.789	6.444	7.009	7.670	7.816	6.717	6.671	6.486	6.701	7.555	30,5
%	28,9	29,5	31,5	31,3	31,6	27,7	26,1	23,1	28,2	24,6	

Fonte: SIM/DATASUS.

As taxas de óbitos por acidentes de transporte nas regiões metropolitanas, depois de sensíveis aumentos até 1997 começam a cair até 15,5 mortes cada 100.000 habitantes, índice este bem menor que no início do período considerado.

Com elevadas taxas, destacam-se as regiões metropolitanas de Vitória, Fortaleza e Curitiba. Com taxas baixas, São Paulo e Salvador.

TABELA 4.3.3 – Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População Total. Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	18,0	16,0	16,1	21,7	24,4	20,5	8,6	13,6	15,1	17,2
Belo Horizonte	23,0	24,3	29,8	28,0	27,2	24,4	19,4	16,9	18,9	18,4
Curitiba	37,4	41,2	37,3	38,2	32,4	27,3	28,0	24,9	23,3	24,1
Fortaleza	20,3	21,2	26,7	25,9	25,5	17,5	19,0	18,2	21,1	24,5
Porto Alegre	19,5	23,5	25,6	24,6	25,3	18,3	19,3	18,2	17,3	20,0
Recife	23,0	23,6	25,2	28,0	26,5	23,3	21,2	20,4	18,4	19,8
Rio de Janeiro	10,7	11,8	25,2	25,6	24,2	18,6	14,1	14,3	15,2	16,0
Salvador	5,5	5,9	3,3	6,1	10,7	3,4	2,7	4,6	6,5	6,5
São Paulo	19,3	18,7	21,9	23,2	21,3	16,0	16,1	9,4	15,1	9,9
Vitória	31,8	35,0	34,4	34,0	31,4	28,0	29,7	27,6	26,5	30,5
TOTAL	18,4	19,2	23,8	24,7	23,6	18,3	16,7	14,1	16,4	15,5

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 4.3.4 – Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	15,5	16,6	14,5	23,4	25,4	17,2	8,4	14,6	15,9	17,0
Belo Horizonte	22,9	24,0	30,4	26,7	31,1	25,4	21,6	16,2	20,3	22,5
Curitiba	37,2	44,5	35,3	43,0	31,9	24,1	27,2	23,6	25,0	28,3
Fortaleza	19,0	20,8	21,6	25,5	24,8	17,7	18,6	18,3	24,5	21,3
Porto Alegre	25,2	27,3	34,6	29,0	28,7	19,2	20,8	20,5	19,4	20,9
Recife	20,6	18,7	23,3	27,4	23,3	24,3	18,4	17,2	16,8	22,2
Rio de Janeiro	9,1	12,2	21,6	21,9	22,5	16,6	13,7	13,8	14,3	18,3
Salvador	4,3	3,4	3,3	5,1	9,6	2,7	2,2	4,8	5,8	5,4
São Paulo	22,3	25,7	26,3	27,5	28,2	20,1	19,4	11,5	19,1	13,0
Vitória	27,8	29,9	36,1	26,7	29,1	26,3	30,5	29,8	27,8	32,4
TOTAL	19,1	21,4	24,6	25,5	25,8	19,1	17,7	14,6	18,1	17,5

Fonte: SIM/DATASUS.

4.4 AS IDADES

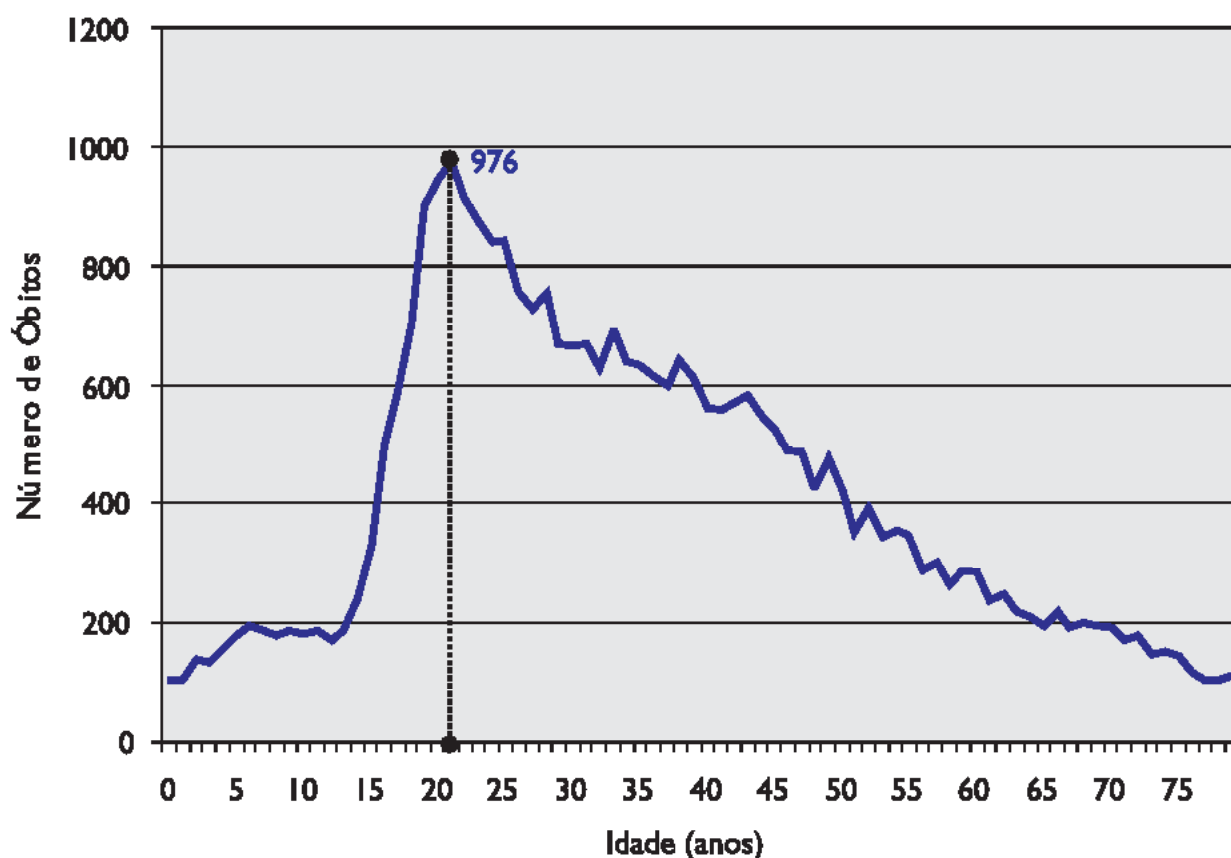
A tabela 4.4.1 e o gráfico 4.4.1 permitem conferir que as mortes por acidente de trânsito, quando considerada a idade do acidentado, avolumam-se a partir dos 15 anos, com sua maior expressividade aos 21 anos (976 óbitos no ano 2002) declinando progressivamente a partir dessa idade.

TABELA 4.4.1 – Número de Óbitos por Acidentes de Transporte Brasil – 2002

Idade (anos)	Número de Homicídios	Idade (anos)	Número de Homicídios	Idade (anos)	Número de Homicídios
0	102	24	839	48	426
1	105	25	843	49	474
2	137	26	754	50	417
3	134	27	724	51	351
4	155	28	753	52	392
5	177	29	670	53	345
6	195	30	665	54	353
7	186	31	669	55	349
8	178	32	628	56	288
9	188	33	691	57	300
10	181	34	637	58	264
11	188	35	632	59	286
12	172	36	614	60	283
13	187	37	599	61	236
14	240	38	643	62	249
15	330	39	611	63	216
16	497	40	563	64	209
17	584	41	559	65	194
18	701	42	567	66	218
19	898	43	583	67	191
20	945	44	549	68	200
21	976	45	524	69	194
22	914	46	489	70	191
23	871	47	486	71	171

Fonte: SIM/DATASUS.

**GRÁFICO 4.4.1 – Número de Óbitos por Acidentes de Transporte por Idade
Brasil – 2002**



Fonte: SIM/DATASUS.

Na tabela 4.4.2 foram estabelecidas as taxas de óbitos por acidentes de transporte correspondentes ao ano 2002, considerando a população em cada faixa etária. Pode ser visualizado que as taxas aumentam drasticamente dos 15 até os 21 anos de idade, quando a taxa adquire seu valor máximo -29 óbitos em 100.000. A partir deste ponto, a taxa desce levemente, ficando relativamente estável em torno dos 24 a 27 óbitos. Surpreende, tal como ficou evidenciado também nos anteriores Mapas da Violência, o crescimento nas idades mais maduras da população.

TABELA 4.4.2 – Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte Segundo Idade Brasil – Ano 2002

Idade/ Faixa	Taxa de Óbitos por Acidentes Transporte
0 a 4 anos	3,8
5 a 9 anos	5,4
10 a 14 anos	5,4
15 a 19 anos	16,3
15 anos	9,1
16 anos	13,8
17 anos	15,4
18 anos	18,2
19 anos	25,0
20 a 24 anos	27,3
20 anos	26,2
21 anos	29,0
22 anos	27,2
23 anos	27,2
24 anos	27,2
25 a 29 anos	26,2
30 a 34 anos	24,5
35 a 39 anos	24,6
40 a 44 anos	26,0
45 a 49 anos	26,8
50 a 59 anos	26,1
60 a 69 anos	26,1
70 e mais anos	30,7

Fonte: SIM/DATASUS – IBGE.

4.5 ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE SEGUNDO RAÇA/COR

Analisando a mortalidade por acidentes de transporte, de acordo com a cor/raça das vítimas, vemos que tanto na população total quanto entre os jovens preponderam as vítimas brancas. Se isso já resulta evidente na população total, onde a taxa de óbitos da população branca é de 19,3 vítimas em 100.000 bancos contra uma taxa de 16,1 em 100.000 negros, entre os jovens essa diferença

é ainda mais pronunciada: uma taxa de 24,1 para os jovens brancos contra uma taxa de 17,6 para os jovens negros.

TABELA 4.5.1 – Óbitos por Acidentes de Transporte (Número e Taxas) por Raça/Cor. Faixa Etária: População Total. Local: UF e Regiões. Período: 2002

UF/ REGIÃO	Número de Óbitos		População		Taxa Óbitos		Vitimiza- ção Cor
	Branco	Negro	Branco	Negro	Branco	Negro	
Acre	61	63	113.511	283.394	53,7	22,2	-58,6
Amazonas	49	254	637.105	1.610.883	7,7	15,8	105,0
Amapá	17	103	125.460	344.474	13,6	29,9	120,7
Pará	139	756	1.231.383	3.255.513	11,3	23,2	105,7
Rondônia	157	181	329.719	609.748	47,6	29,7	-37,7
Roraima	31	107	48.052	221.809	64,5	48,2	-25,2
Tocantins	117	240	291.225	918.715	40,2	26,1	-35,0
NORTE	571	1.704	2.776.455	7.244.536	20,6	23,5	14,4
Alagoas	102	360	901.256	1.989.903	11,3	18,1	59,9
Bahia	241	864	3.024.770	10.269.212	8,0	8,4	5,6
Ceará	257	682	2.612.131	5.047.665	9,8	13,5	37,3
Maranhão	144	519	1.486.700	4.249.439	9,7	12,2	26,1
Paraíba	80	439	1.317.353	2.181.512	6,1	20,1	231,4
Pernambuco	327	1.063	3.110.693	4.955.113	10,5	21,5	104,1
Piauí	112	354	677.117	2.224.721	16,5	15,9	-3,8
Rio Grande do N.	106	292	1.235.752	1.621.254	8,6	18,0	110,0
Sergipe	88	261	453.366	1.393.936	19,4	18,7	-3,5
NORDESTE	1.457	4.834	14.819.138	33.932.755	9,8	14,2	44,9
Espírito Santo	359	343	1.495.181	1.704.896	24,0	20,1	-16,2
Minas Gerais	1.527	1.119	9.432.595	8.915.285	16,2	12,6	-22,5
Rio de Janeiro	1.584	1.164	9.078.705	5.661.551	17,4	20,6	17,8
São Paulo	4.855	1.341	27.159.640	10.691.132	17,9	12,5	-29,8
SUDESTE	8.325	3.967	47.166.121	26.972.864	17,7	14,7	-16,7
Paraná	2.336	266	7.446.072	2.289.629	31,4	11,6	-63,0
Rio Grande do S.	1.913	159	8.946.316	1.446.910	21,4	11,0	-48,6
Santa Catarina	1.456	77	4.954.368	581.813	29,4	13,2	-55,0
SUL	5.705	502	21.346.756	4.318.352	26,7	11,6	-56,5
Distrito Federal	124	475	951.350	1.189.477	13,0	39,9	206,4
Goiás	660	636	2.317.872	2.881.139	28,5	22,1	-22,5
Mato Grosso do S.	388	212	1.123.828	990.812	34,5	21,4	-38,0
Mato Grosso	464	397	1.027.294	1.542.766	45,2	25,7	-43,0
CENTRO-OESTE	1.636	1.720	5.420.344	6.604.194	30,2	26,0	-13,7
BRASIL	17.694	12.727	91.528.814	79.072.701	19,3	16,1	-16,7

Fonte: SIM/DATASUS – IBGE

TABELA 4.5.2 – Óbitos por Acidentes de Transporte (Número e Taxas) por Raça/Cor. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: UF e Regiões. Período: 2002

UF/ REGIÃO	Número de Óbitos		População		Taxa de Óbitos		Vitimiz- ção Cor
	Branco	Negro	Branco	Negro	Branco	Negro	
Acre	11	13	26.296	64.621	41,8	20,1	-51,9
Amazonas	9	65	135.299	358.391	6,7	18,1	172,7
Amapá	9	27	26.965	80.145	33,4	33,7	0,9
Pará	34	199	253.286	724.069	13,4	27,5	104,7
Rondônia	29	41	68.516	128.249	42,3	32,0	-24,5
Roraima	6	28	8.851	50.222	67,8	55,8	-17,8
Tocantins	26	52	55.930	192.739	46,5	27,0	-42,0
NORTE	124	425	575.143	1.598.436	21,6	26,6	23,3
Alagoas	15	86	166.362	411.784	9,0	20,9	131,6
Bahia	52	210	621.752	2.264.954	8,4	9,3	10,9
Ceará	65	144	495.015	1.034.354	13,1	13,9	6,0
Maranhão	33	115	309.197	964.434	10,7	11,9	11,7
Paraíba	18	110	256.960	459.798	7,0	23,9	241,5
Pernambuco	81	228	589.683	1.025.086	13,7	22,2	61,9
Piauí	26	88	145.422	515.847	17,9	17,1	-4,6
Rio Grande do N.	25	74	254.032	346.348	9,8	21,4	117,1
Sergipe	23	64	91.307	302.756	25,2	21,1	-16,1
NORDESTE	338	1.119	2.929.730	7.325.361	11,5	15,3	32,4
Espírito Santo	87	72	294.509	362.737	29,5	19,8	-32,8
Minas Gerais	337	251	1.749.908	1.851.837	19,3	13,6	-29,6
Rio de Janeiro	340	227	1.453.289	1.034.785	23,4	21,9	-6,2
São Paulo	1.157	306	4.936.634	2.136.161	23,4	14,3	-38,9
SUDESTE	1.921	856	8.434.340	5.385.520	22,8	15,9	-30,2
Paraná	488	52	1.339.364	470.566	36,4	11,1	-69,7
Rio Grande do S.	411	29	1.526.452	262.847	26,9	11,0	-59,0
Santa Catarina	390	22	911.736	116.025	42,8	19,0	-55,7
SUL	1.289	103	3.777.552	849.438	34,1	12,1	-64,5
Distrito Federal	26	128	184.141	249.103	14,1	51,4	263,9
Goiás	144	127	453.948	581.046	31,7	21,9	-31,1
Mato Grosso do S.	85	48	220.634	212.902	38,5	22,5	-41,5
Mato Grosso	116	109	187.018	319.975	62,0	34,1	-45,1
CENTRO OESTE	371	412	1.045.741	1.363.026	35,5	30,2	-14,8
BRASIL	4.043	2.915	16.762.506	16.521.781	24,1	17,6	-26,8

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

4.6 ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE E SEXO

Também nos óbitos por acidentes de transporte, como no caso dos homicídios, pode ser observada uma forte prevalência de mortes do sexo masculino. Provavelmente devido à maior presença no trânsito de motoristas e/ou ocupantes de veículos do sexo masculino, 81,5% dos óbitos por acidentes de transporte na população total são homens. Entre os jovens, essa proporção é ainda maior: 83,5%. Comparadas essas taxas com os Mapas anteriores, é possível verificar um progressivo aumento da mortalidade masculina nos acidentes de transporte. Em 1998 essa participação masculina foi de 79,5% na população total e de 80,4% na população jovem.

TABELA 4.6.1 – Óbitos por Acidentes de Transporte Segundo Sexo. Faixa Etária: Todas. Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Número		% Masc	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Acre	104	30	77,6	35,2	10,3
Amazonas	249	66	79,0	16,7	4,5
Amapá	101	26	79,5	39,0	10,1
Pará	736	173	81,0	22,5	5,4
Rondônia	289	78	78,7	39,3	11,2
Roraima	116	25	82,3	65,3	14,8
Tocantins	306	59	83,8	49,6	10,0
NORTE	1.901	457	80,6	27,8	6,9
Alagoas	505	85	85,6	35,8	5,8
Bahia	1126	217	83,8	17,1	3,2
Ceará	1283	241	84,2	34,3	6,2
Maranhão	542	140	79,5	18,8	4,8
Paraíba	551	113	83,0	32,5	6,3
Pernambuco	1271	222	85,1	32,5	5,3
Piauí	410	125	76,6	28,8	8,5
Rio Grande do N.	359	68	84,1	25,7	4,7
Sergipe	366	68	84,3	40,4	7,2
NORDESTE	6.413	1.279	83,4	26,8	5,1



► TABELA 4.6.1 – (continuação)

UF/ REGIÃO	Número		%	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Espírito Santo	777	177	81,4	49,0	11,0
Minas Gerais	2.361	585	80,1	26,0	6,3
Rio de Janeiro	2.279	552	80,5	32,3	7,2
São Paulo	5.256	1.148	82,1	28,1	5,9
SUDESTE	10.673	2.462	81,3	29,3	6,5
Paraná	2.174	473	82,1	44,8	9,6
Rio Grande do S.	1.680	414	80,2	32,9	7,8
Santa Catarina	1.340	324	80,5	48,7	11,7
SUL	5.194	1.211	81,1	40,9	9,3
Distrito Federal	476	128	78,8	46,4	11,4
Goiás	1.219	319	79,3	47,0	12,2
Mato Grosso do S.	495	131	79,1	46,2	12,3
Mato Grosso	733	156	82,5	54,7	12,3
CENTRO OESTE	2.923	734	79,9	48,5	12,1
BRASIL	27.104	6.143	81,5	31,5	6,9

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 4.6.2 – Óbitos por Acidentes de Transporte Segundo Sexo.
Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Número		%	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Acre	20	4	83,3	30,8	6,2
Amazonas	58	22	72,5	17,7	6,7
Amapá	29	8	78,4	51,3	13,5
Pará	197	37	84,2	27,7	5,3
Rondônia	56	20	73,7	36,2	13,3
Roraima	29	6	82,9	77,6	16,0
Tocantins	70	11	86,4	53,0	8,6
NORTE	459	108	81,0	30,9	7,3

►► TABELA 4.6.2 – (continuação)

UF/ REGIÃO	Número		%	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Alagoas	114	16	87,7	37,0	5,1
Bahia	273	44	86,1	18,3	3,0
Ceará	288	37	88,6	37,5	4,7
Maranhão	129	23	84,9	19,8	3,6
Paraíba	132	29	82,0	36,6	8,0
Pernambuco	297	37	88,9	35,4	4,4
Piauí	104	29	78,2	32,8	9,2
Rio Grande do N.	86	17	83,5	29,4	5,8
Sergipe	87	14	86,1	44,2	7,1
NORDESTE	1.510	246	86,0	28,9	4,7
Espírito Santo	185	29	86,4	56,1	8,9
Minas Gerais	534	112	82,7	29,0	6,2
Rio de Janeiro	486	92	84,1	36,6	6,8
São Paulo	1.257	252	83,3	34,1	6,8
SUDESTE	2.462	485	83,5	34,3	6,7
Paraná	463	83	84,8	49,3	8,9
Rio Grande do S.	361	84	81,1	38,3	9,1
Santa Catarina	369	73	83,5	69,6	14,1
SUL	1.193	240	83,3	49,5	10,1
Distrito Federal	121	33	78,6	53,0	13,1
Goiás	267	62	81,2	50,2	11,6
Mato Grosso do S.	108	28	79,4	50,5	13,2
Mato Grosso	190	42	81,9	68,7	15,7
CENTRO OESTE	686	165	80,6	54,9	13,0
BRASIL	6.310	1.244	83,5	35,9	7,1

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

4.7 SAZONALIDADE DOS ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE

Com a finalidade de verificar em que medida os óbitos por acidentes de transporte apresentam flutuações temporais, foram discriminados segundo o mês e o dia da semana em que o óbito aconteceu. Tem de ser salientado que esse é só um *proxi* de sazonalidade dos incidentes, dado que a data de óbito nem sempre, nem necessariamente, coincide com a data do fato que originou os traumatismos que levaram à morte.

Diversas análises realizadas na população total e entre os jovens permitiram verificar que as diferenças entre meses do ano são praticamente inexistentes. Assim, foi possível concluir que, considerando os meses do ano, não se detectam padrões muito definidos, salvo um leve aumento dos óbitos no mês de dezembro.

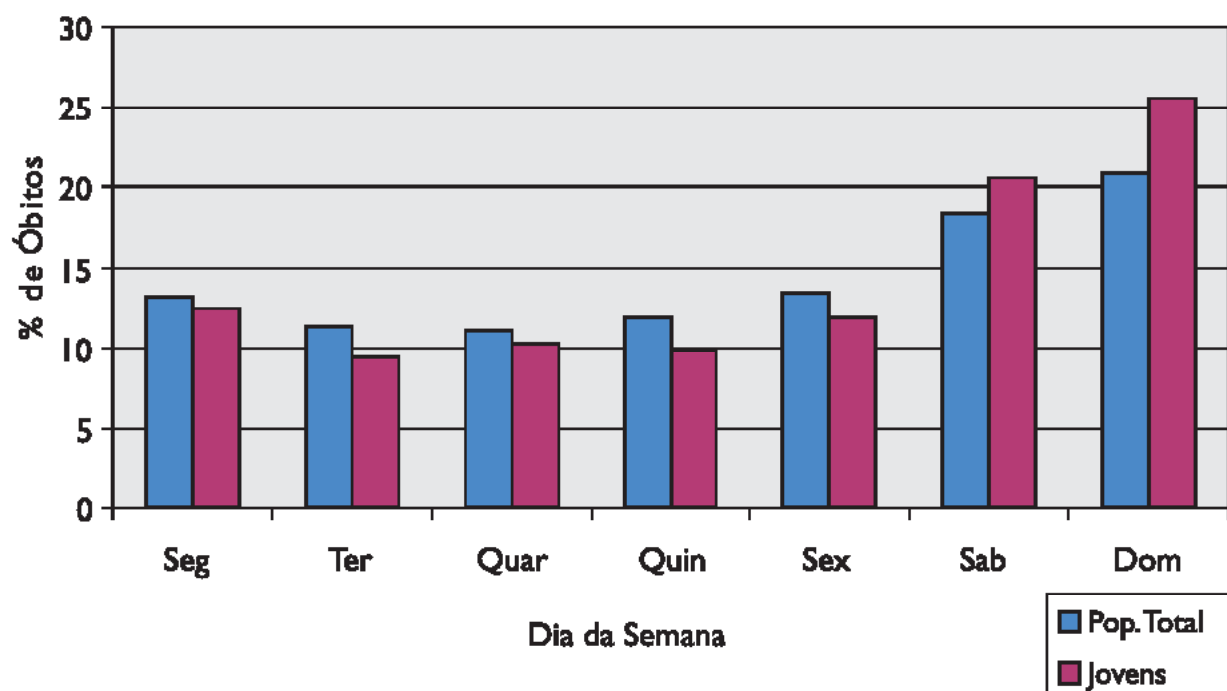
Entretanto, quando consideramos os óbitos por acidentes de transporte segundo o dia da semana (tabela 4.7.1 e gráfico 4.7.1), vemos que as diferenças se avolumam, marcando verdadeiros ciclos de mortalidade. Se para a população total nos fins de semana cresce drasticamente a proporção de óbitos (61,6%), entre os jovens, durante os fins de semana, mais que duplica o número médio de óbitos (113,8%). Só nos dias de domingo, entre os jovens, são registrados 25,6% do total de mortes por acidentes de transporte. E as taxas vêm crescendo ao longo do tempo: para 1998 essa percentagem aos domingos era de 24,0%.

TABELA 4.7.1 – Óbitos por Acid. de Transportes nos Dias da Semana. Local. Brasil. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Ano: 2002

Dia da Semana	População Total		15 a 24 Anos	
	Número de Homicídios	% Homicídios	Número de Homicídios	% Homicídios
Segunda	4.336	13,2	928	12,4
Terça	3.724	11,3	708	9,5
Quarta	3.654	11,1	770	10,3
Quinta	3.898	11,8	736	9,8
Sexta	4.402	13,4	892	11,9
Sábado	6.045	18,3	1.537	20,5
Domingo	6.892	20,9	1.913	25,6
Total	32.951	100,0	7.484	100,0
Média dias úteis	4.003		807	
Média fim de semana	6.469		1.725	
Diferença	61,6%		113,8%	

Fonte: SIM/DATASUS.

GRÁFICO 4.7.1 – Óbitos por Acid. de Transporte nos Dias da Semana. Brasil. 2002



Fonte: SIM/DATASUS.

4.8 COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

Pela tabela 4.8 é possível observar que, entre os 67 países considerados no presente estudo, o Brasil ocupa a 16^o posição quanto a taxas de óbitos por acidentes de transporte na população total, e a 30^o posição quando as taxas que se referem à população jovem. Essa diferença de posição é explicada no item a seguir, ao tratar de vitimização juvenil no Brasil e no mundo. Nossos índices aparecem, no contexto internacional, relativamente elevados quando se referem à população total e intermediários na população jovem.

TABELA 4.8 – Ordenamento de Países por Taxa de Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Local: Diversos Países. Anos: Último Ano Disponível

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posição	Taxa	País	Ano	Posição	Taxa
Barein	2000	1º	29,8	Letônia	2000	1º	39,6
Letônia	2000	2º	29,5	Luxemburgo	2001	2º	39,4
Federação Russa	2000	3º	27,4	Grécia	1999	3º	35,4
El Salvador	1999	4º	26,8	São Marino	2000	4º	35,1
Coréia	2000	5º	25,4	Federação Russa	2000	5º	32,0
Venezuela	2000	6º	21,5	Itália	1999	6º	31,3
Grécia	1999	7º	21,4	Kuwait	2000	7º	30,2
Lituânia	2000	8º	20,8	Estados Unidos	1999	8º	28,2
Bielorrússia	2000	9º	18,9	França	1999	9º	27,2
Estônia	2000	10º	18,4	Lituânia	2000	10º	27,0
Polônia	2000	11º	18,4	Nova Zelândia	1999	11º	27,0
Eslovênia	1999	12º	17,9	Croácia	2000	12º	26,6
Costa Rica	2000	13º	17,7	Cuba	2000	13º	25,8
Colômbia	2000	14º	17,5	Estônia	2000	14º	25,6



►► TABELA 4.8 – (continuação)

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posição	Taxa	País	Ano	Posição	Taxa
Kuwait	2000	15º	17,4	Venezuela	2000	15º	25,1
BRASIL	2000	16º	17,4	Eslovênia	1999	16º	24,7
Luxemburgo	2001	17º	17,2	Espanha	1999	17º	24,0
Estados Unidos	1999	18º	16,8	Barein	2000	18º	22,5
Ecuador	2000	19º	16,5	Alemanha	1999	19º	22,5
Romênia	2001	20º	16,4	Áustria	2001	20º	22,2
Croácia	2000	21º	16,4	El Salvador	1999	21º	21,9
Espanha	1999	22º	16,2	Bielorrússia	2000	22º	21,9
Maurício	2000	23º	15,9	Portugal	2000	23º	21,5
Nova Zelândia	1999	24º	15,8	Republica Checa	2000	24º	21,5
Eslováquia	2000	25º	15,7	Puerto Rico	1999	25º	21,4
Puerto Rico	1999	26º	15,3	Polônia	2000	26º	20,8
Republica Checa	2000	27º	15,3	Ilhas Virgens (USA)	1999	27º	20,0
Hungria	2001	28º	15,3	Australia	1999	28º	19,5
Cuba	2000	29º	15,2	Coréia	2000	29º	19,4
México	2000	30º	14,9	BRASIL	2000	30º	18,9
Panamá	2000	31º	14,6	Colômbia	2000	31º	18,8
Ucrânia	2000	32º	14,6	Costa Rica	2000	32º	18,4
Portugal	2000	33º	14,2	Ucrânia	2000	33º	18,1
França	1999	34º	13,9	Eslováquia	2000	34º	18,0
Itália	1999	35º	13,8	Irlanda do Norte	2000	35º	17,9
Moldávia	2000	36º	13,3	Irlanda	1999	36º	17,2
Cazaquistão	1999	37º	13,1	Panamá	2000	37º	16,8
Bulgária	2000	38º	12,6	Noruega	1999	38º	16,6
Ilhas Virgens (USA)	1999	39º	11,9	México	2000	39º	15,3

► TABELA 4.8 – (continuação)

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posição	Taxa	País	Ano	Posição	Taxa
Irlanda	1999	40°	11,6	Hungria	2001	40°	15,2
Áustria	2001	41°	11,4	Equador	2000	41°	14,5
Chile	1999	42°	10,9	Escócia	2001	42°	14,2
Uruguai	2000	43°	10,9	Suíça	1999	43°	13,4
Austrália	1999	44°	10,5	Moldávia	2000	44°	12,8
Japão	1999	45°	10,5	Bulgária	2000	45°	12,6
Alemanha	1999	46°	9,7	Japão	1999	46°	12,5
Finlândia	2000	47°	9,7	Romênia	2001	47°	12,3
Nicarágua	2000	48°	9,6	Uruguai	2000	48°	11,6
Noruega	1999	49°	9,0	Reino Unido	1999	49°	11,2
Quirguistão	2000	50°	8,6	Inglaterra e Wales	2000	50°	10,6
Irlanda do Norte	2000	51°	8,5	Cazaquistão	1999	51°	10,5
Suíça	1999	52°	8,0	Singapura	2000	52°	10,4
Egito	2000	53°	7,9	Finlândia	2000	53°	10,3
Peru	2000	54°	7,7	Maurício	2000	54°	9,6
São Marino	2000	55°	7,5	Nicarágua	2000	55°	9,6
Escócia	2001	56°	7,4	Chile	1999	56°	9,0
Suécia	1999	57°	6,4	Suécia	1999	57°	8,6
Reino Unido	1999	58°	6,1	Egito	2000	58°	7,7
Inglaterra e Wales	2000	59°	5,7	Quirguistão	2000	59°	6,7
Macedônia	2000	60°	5,7	Peru	2000	60°	6,0
Azerbaijão	2000	61°	5,7	Macedônia	2000	61°	4,8
Armênia	2000	62°	5,5	Geórgia	2000	62°	4,8
Singapura	2000	63°	5,3	Hong Kong	2000	63°	3,8
Geórgia	2000	64°	5,3	Malta	1999	64°	3,5

►► **TABELA 4.8 – (continuação)**

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posi- ção	Taxa	País	Ano	Posi- ção	Taxa
Malta	1999	65°	3,7	Armênia	2000	65°	3,4
Hong Kong	2000	66°	3,0	Azerbaijão	2000	66°	2,7
Albânia	2000	67°	2,3	Albânia	2000	67°	1,8

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE. Colômbia: DANE.

4.9 VITIMIZAÇÃO JUVENIL POR ACIDENTES DE TRANSPORTE

Existe uma imagem difundida, reforçada por diversos casos apresentados na mídia, que as novas formas de violência juvenil manifestar-se-iam também no trânsito, na forma de “pegas” de adolescentes ou jovens “irresponsáveis” que usam os carros dos pais sem habilitação ou condições. Esse tema aflorou também nas discussões da nova Lei de Trânsito, quando tratada a idade mínima para se obter Carteira de Habilitação. Se essa facilidade dos jovens de matar ou morrer no trânsito fosse real, ou generalizada no país, deveríamos ter elevadas taxas de vitimização juvenil. Mas os dados, tanto nacionais quanto internacionais, não parecem indicar isso.

Como foi esclarecido no capítulo anterior, a taxa de vitimização juvenil relaciona os índices na população não-jovem (0 a 14 anos e 25 e mais anos de idade) com os índices na população jovem: de 15 a 24 anos de idade. Desta forma, se a taxa de vitimização é positiva e alta, podemos inferir que as camadas jovens da população são severamente atingidas pelos acidentes de transporte. Se as taxas de vitimização se encontram perto do valor zero, o fenômeno afeta por igual tanto a faixa jovem quanto a faixa não-jovem. Se o valor é negativo e relevante, o fenômeno afeta bem mais a faixa não-jovem do que as camadas jovens.

As tabelas 4.9.1 e 4.9.2 permitem verificar a situação da vitimização dos jovens nas UFs e nas Capitais dos Estados. Pelos dados contidos nestas tabelas é possível constatar que:

- a) Contrariamente ao que foi detectado no caso dos homicídios, nos óbitos por acidentes de transporte praticamente inexistente um quadro sério de vitimização juvenil. Efetivamente, os índices de vitimização de 16,7% para as UFs e de 4,1% para as capitais são extremamente baixas, colocando as vítimas num patamar bem próximo das vítimas não-jovens.
- b) Também não é um fenômeno típico das grandes urbes. As taxas das UFs encontram-se bem próximas às das capitais.
- c) Se o quadro geral do país aponta para a inexistência de diferenças, as taxas de vitimização apresentam uma elevada variabilidade entre as regiões e as UFs do país, o que indica a presença de problemas focalizados em algumas regiões ou estados.
- d) As regiões sudeste (20,8) e sul (26,4%) apresentam taxas relativamente elevadas de vitimização juvenil.
- e) Santa Catarina e Amapá são os estados com maior vitimização de jovens.
- f) Entre as capitais destacam-se, pelos seus elevados índices, Belo Horizonte, São Paulo e Cuiabá.

TABELA 4.9.1 – Vitimização Juvenil por Acidentes de Transporte. Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Taxas de Óbitos		Índice de Vitimização
	Não Jovem	Jovem	
Acre	24,1	18,5	-23,1
Amazonas	10,2	12,2	19,6
Amapá	22,5	32,0	42,5
Pará	13,4	16,6	24,0
Rondônia	25,8	24,9	-3,6
Roraima	39,0	46,8	20,1
Tocantins	30,0	31,1	3,6
Norte	17,0	19,2	13,1



► TABELA 4.9.1 – (continuação)

UF/ REGIÃO	Taxas de Óbitos		Índice de Vitimização
	Não Jovem	Jovem	
Alagoas	20,3	21,0	3,5
Bahia	9,9	10,7	8,0
Ceará	19,6	21,0	6,9
Maranhão	11,7	11,8	0,5
Paraíba	18,5	22,3	20,3
Pernambuco	18,1	19,8	9,3
Piauí	17,8	21,0	18,0
Rio Grande do N.	14,4	17,6	22,4
Sergipe	22,9	25,6	11,6
Nordeste	15,5	16,8	8,4
Espírito Santo	29,1	32,6	12,1
Minas Gerais	15,7	17,7	13,1
Rio de Janeiro	18,7	21,6	15,4
São Paulo	15,9	20,4	28,3
Sudeste	17,0	20,5	20,8
Paraná	26,5	29,2	10,2
Rio Grande do Sul	19,3	23,9	23,9
Santa Catarina	27,3	42,2	54,7
Sul	23,7	30,0	26,4
Distrito Federal	27,0	32,1	18,8
Goiás	29,2	30,8	5,5
Mato Grosso do Sul	28,6	32,0	12,0
Mato Grosso	31,9	42,6	33,6
Centro-Oeste	29,3	33,8	15,4
Brasil	18,4	21,5	16,7

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 4.9.2 – Vitimização Juvenil por Acidentes de Transporte. Local: Capitais e Regiões. Ano: 2000

CAPITAL/ REGIÃO	Taxas de Óbitos		Taxa de Vitimização
	Pop. Total	Pop. 15 a 24	
Belém	38,5	19,4	-49,6
Boa Vista	42,9	26,6	-37,9
Macapá	30,0	30,8	2,7
Manaus	19,6	22,2	13,3
Palmas	57,5	44,8	-22,2
Porto Velho	30,2	26,3	-12,7
Rio Branco	29,2	14,1	-51,9
Norte	30,7	22,8	-25,5
Aracaju	35,1	36,7	4,5
Fortaleza	20,6	20,0	-3,3
João Pessoa	28,9	30,9	6,7
Maceió	30,7	30,1	-2,0
Natal	22,2	16,6	-25,0
Recife	34,5	30,2	-12,6
Salvador	11,1	8,8	-20,8
São Luís	12,6	14,7	16,5
Teresina	31,3	25,9	-17,4
Nordeste	22,4	20,4	-9,1
Belo Horizonte	10,5	22,0	109,9
Rio de Janeiro	17,6	18,2	3,4
São Paulo	7,0	8,8	25,9
Vitória	48,9	56,3	15,0
Sudeste	11,3	14,0	23,3
Curitiba	29,2	27,5	-5,6
Florianópolis	27,5	32,9	19,7
Porto Alegre	26,8	30,1	12,3
Sul	28,0	29,1	4,0
Brasília	28,4	29,0	2,1
Campo Grande	21,5	23,0	6,8
Cuiabá	35,0	43,9	25,6
Goiânia	44,6	53,3	19,6
C.Oeste	32,2	36,0	11,9
Brasil (Capitais)	19,5	20,3	4,1

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

Uma revisão das taxas internacionais (tabela 4.9.3) parece corroborar nossas afirmações sobre os baixos níveis de vitimização juvenil no Brasil, no tocante a acidentes de transporte. Olhando as elevadas taxas de vitimização de países desenvolvidos, como Alemanha (131,4%), Canadá (88,1%), França (83,5%) ou o Reino Unido (83,4%), podemos perceber que nossas taxas de vitimização juvenil (16,7% no ano de 1999) são relativamente baixas, quando comparadas às de outros países do mundo, o que nos coloca, neste campo, na posição 41 entre os 60 países aqui analisados.

TABELA 4.9.3 – Ordenamento de Países Segundo Taxa de Vitimização por Acidentes de Transporte. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Local: Diversos Países. Anos: Último Ano Disponível

País	Ano	Taxas de Óbito		Taxa Vitim.	Posição	País	Ano	Taxas de Óbito		Taxa Vitim.	Posição
		Pop. Tot	15 a 24					Pop. Tot	15 a 24		
Ilhas Cayman	97	9,4	36,4	286,7	1º	Lituânia	99	24,4	32,4	32,9	31º
Islândia	96	6,3	19,0	199,9	2º	Rep.Checa	99	15,2	20,2	32,4	32º
Irlanda do Norte	99	8,0	20,0	148,2	3º	Puerto Rico	98	15,9	20,7	30,0	33º
Alemanha	99	9,7	22,5	131,4	4º	Japão	97	11,2	14,5	29,4	34º
Áustria	99	12,6	26,5	109,9	5º	Finlândia	98	10,7	13,7	27,9	35º
Escócia	99	6,7	13,6	102,1	6º	Argentina	96	11,8	14,8	25,6	36º
Kuwait	99	18,0	35,3	95,7	7º	Fed. Russa	98	23,1	28,5	23,2	37º
Singapura	99	5,0	9,6	93,2	8º	Polônia	96	19,2	22,9	19,0	38º
Canadá	97	11,0	20,6	88,1	9º	Ucrânia	99	13,4	15,9	18,0	39º
Austrália	98	10,7	19,7	85,2	10º	Bielorrússia	99	21,0	23,7	12,9	40º
Nova Zelândia	98	15,6	28,9	85,1	11º	Brasil	99	18,0	19,9	10,6	41º
França	98	14,4	26,4	83,5	12º	Hong Kong	96	4,0	4,4	9,8	42º
Reino Unido	99	6,1	11,2	83,4	13º	Rep Eslovaca	99	16,4	17,8	8,4	43º
Dinamarca	96	10,5	19,1	81,5	14º	Colômbia	95	20,0	20,7	3,5	44º
Holanda	99	7,3	12,9	77,1	15º	Bulgária	99	12,9	13,1	2,2	45º
Irlanda	97	12,3	21,0	70,9	16º	México	97	16,8	17,1	1,5	46º
Estados Unidos	98	16,9	27,8	64,0	17º	Cuba	97	19,4	18,6	-3,8	47º
Itália	97	14,0	22,2	58,7	18º	Hungria	99	16,1	15,2	-5,3	48º
Noruega	97	9,0	14,2	58,2	19º	Malta	99	3,7	3,5	-5,9	49º
Luxemburgo	99	13,2	20,5	55,8	20º	Equador	96	16,6	15,5	-7,2	50º



►► TABELA 4.9.3 – (continuação)

País	Ano	Taxas de Óbito		Taxa Vitim.	Posição
		Pop. Tot	15 a 24		
Bahamas	97	17,6	26,0	47,8	21°
Israel	97	9,1	13,5	47,6	22°
Grécia	98	22,4	32,8	46,6	23°
Espanha	98	16,4	24,0	46,1	24°
Suécia	96	6,5	9,5	46,0	25°
Croácia	99	15,0	21,3	42,1	26°
Eslovênia	99	17,9	24,7	38,0	27°
Portugal	99	17,4	23,6	36,2	28°
Estônia	99	19,3	25,7	33,5	29°
Letônia	99	30,3	40,3	33,1	30°
Coréia	97	33,2	30,2	-8,9	51°
Macedônia	97	7,5	6,7	-10,3	52°
Moldávia	99	13,1	11,7	-10,6	53°
Maurício	96	17,2	15,3	-11,2	54°
Albânia	98	8,3	7,3	-11,4	55°
Romênia	99	15,7	13,1	-16,9	56°
Uzbequistão	98	8,3	6,0	-27,5	57°
Azerbaijão	99	4,2	2,7	-36,7	58°
Armênia	99	4,7	1,6	-64,9	59°
Granada	96	1,1	0,0		60°

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE. Colômbia: DANE.

5. SUICÍDIOS

5.1 EVOLUÇÃO DOS SUICÍDIOS NO PAÍS

Entre os anos 1993 e 2002, os suicídios no país passam de 5.553 para 7.715, o que representa um aumento de 38,9% bem superior ao aumento, no mesmo período, dos óbitos por acidentes de transporte (19,5%), mas ainda abaixo do aumento dos homicídios (62,3%). Em Unidades Federadas como Amapá, esse aumento foi significativamente maior: mais que triplicou o número total de suicídios (tabela 5.1.1).

Entre os jovens, esse aumento foi menor: 30,8%, passando de 1.252 para 1.637 suicídios entre 1993 e 2002, com situações bem diferenciadas que vão desde Amapá, Maranhão e Paraíba²⁰, onde o número de suicídios de jovens quadruplicou nesse período (tabela 5.1.2) até São Paulo, Paraná e Distrito Federal, onde as magnitudes caíram.

Relativizando os dados segundo o tamanho da população, temos que a taxa do país, para o ano 1993, foi de 3,7 suicídios em 100.000 habitantes e, com oscilações, foi crescendo lentamente para, em 2002, apresentar uma taxa de 4,4 suicídios em 100.000. Vemos, pela tabela 5.1.3, que a maior concentração de suicídios encontra-se nos estados da região Sul, especialmente, no Rio Grande do Sul. Mas algumas outras UFs também apresentam taxas elevadas, acima de 7 suicídios em 100.000 habitantes, como Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso de Sul.

²⁰ Excluindo Tocantins, por sua constituição recente como Unidade Federada.

Entre os jovens, as taxas de suicídios são semelhantes às da população total, apresentando no ano 2002 uma taxa de 4,7 suicídios em 100.000 jovens. Os mesmos estados, além de Roraima e Amapá, são os que se destacam por suas elevadas taxas de suicídios entre os jovens (tabela 5.1.4).

TABELA 5.1.1 – Número de Óbitos por Suicídios. Faixa Etária: População Total. Local: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Acre	19	13	9	10	13	16	7	27	30	22	15,8
Amazonas	45	48	63	70	79	80	54	77	94	80	77,8
Amapá	11	9	13	22	13	13	11	16	30	35	218,2
Pará	106	88	110	158	132	181	96	117	146	139	31,1
Rondônia	50	59	42	36	40	64	61	78	74	45	-10,0
Roraima	12	11	16	19	16	20	27	22	17	19	58,3
Tocantins	14	14	16	21	16	32	33	36	42	49	250,0
NORTE	257	242	269	336	309	406	289	373	433	389	51,4
Alagoas	58	97	55	54	43	76	67	71	98	83	43,1
Bahia	139	171	158	177	207	145	154	200	234	233	67,6
Ceará	170	138	182	261	217	266	304	273	376	459	170,0
Maranhão	41	30	43	52	45	67	65	67	106	116	182,9
Paraná	48	74	84	38	62	50	58	36	44	77	60,4
Pernambuco	240	248	309	289	314	275	267	275	269	255	6,3
Piauí	51	42	58	48	55	69	51	77	115	127	149,0
Rio Grande do N.	65	80	83	82	82	67	86	85	112	106	63,1
Sergipe	34	40	41	45	40	34	38	50	73	83	144,1
NORDESTE	846	920	1.013	1.046	1.065	1.049	1.090	1.134	1.427	1.539	81,9
Espírito Santo	97	90	101	111	116	124	95	107	117	126	29,9
Minas Gerais	515	592	592	594	630	590	503	595	797	794	54,2
Rio de Janeiro	254	244	324	380	381	379	316	391	459	465	83,1
São Paulo	1.590	1.667	1.763	1.736	1.807	1.752	1.549	1.421	1.638	1.554	-2,3
SUDESTE	2.456	2.593	2.780	2.821	2.934	2.845	2.463	2.514	3.011	2.939	19,7
Paraná	454	503	564	616	609	663	594	583	666	582	28,2
Rio Grande do S.	746	833	952	947	989	1.083	1.092	1.021	1.039	1.033	38,5
Santa Catarina	306	334	377	378	410	403	387	429	456	432	41,2
SUL	1.506	1.670	1.893	1.941	2.008	2.149	2.073	2.033	2.161	2.047	35,9



► TABELA 5.1.1 – (continuação)

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Distrito Federal	105	114	122	128	130	98	84	90	88	110	4,8
Goias	195	219	272	222	248	193	262	323	324	371	90,3
Mato Grosso do S.	126	118	134	123	127	112	145	170	139	167	32,5
Mato Grosso	62	56	111	125	102	133	124	141	146	153	146,8
CENTRO OESTE	488	507	639	598	607	536	615	724	697	801	64,1
BRASIL	5.553	5.932	6.594	6.742	6.923	6.985	6.530	6.778	7.729	7.715	38,9

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 5.1.2 – Número de Óbitos por Suicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos.
Local: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Acre	6	6	4	3	4	3	3	12	12	8	33,3
Amazonas	22	24	22	32	38	37	17	28	40	36	63,6
Amapá	4	3	6	11	4	3	7	10	16	16	300,0
Pará	33	29	36	50	47	69	35	41	50	56	69,7
Rondônia	13	20	10	11	10	22	17	21	22	15	15,4
Roraima	5	4	8	4	6	8	15	8	8	11	120,0
Tocantins	1	6	4	6	6	10	8	15	10	9	800,0
NORTE	84	92	90	117	115	152	102	135	158	151	79,8
Alagoas	16	24	17	13	13	18	20	14	33	29	81,3
Bahia	30	36	35	33	36	34	35	39	47	56	86,7
Ceará	50	34	40	67	37	61	67	69	85	99	98,0
Maranhão	8	10	12	12	13	12	20	21	40	37	362,5
Paraíba	4	20	20	3	13	12	16	8	11	16	300,0
Pernambuco	47	55	70	52	84	57	65	58	66	63	34,0
Piauí	17	12	16	19	11	15	8	16	29	35	105,9
Rio Grande do N.	12	14	15	12	16	11	18	15	21	25	108,3
Sergipe	11	10	11	12	5	9	11	17	10	17	54,5
NORDESTE	195	215	236	223	228	229	260	257	342	377	93,3
Espírito Santo	19	18	22	28	25	27	20	11	29	25	31,6
Minas Gerais	107	130	128	131	143	129	126	115	163	171	59,8
Rio de Janeiro	38	50	52	48	63	45	56	53	77	77	102,6
São Paulo	397	366	376	397	380	367	310	257	332	304	-23,4
SUDESTE	561	564	578	604	611	568	512	436	601	577	2,9

► TABELA 5.1.2 – (continuação)

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Paraná	120	138	130	162	143	148	133	136	147	117	-2,5
Rio Grande do S.	106	141	144	167	147	165	168	155	145	146	37,7
Santa Catarina	50	67	72	71	52	61	57	65	76	74	48,0
SUL	276	346	346	400	342	374	358	356	368	337	22,1
Distrito Federal	31	31	48	42	41	30	25	24	32	29	-6,5
Goiás	51	57	70	60	48	45	54	75	64	76	49,0
Mato Grosso do S.	43	37	44	31	25	29	43	57	52	54	25,6
Mato Grosso	11	19	22	34	21	27	30	42	35	36	227,3
CENTRO OESTE	136	144	184	167	135	131	152	198	183	195	43,4
BRASIL	1.252	1.361	1.434	1.511	1.431	1.454	1.384	1.382	1.652	1.637	30,8

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 5.1.3 – Taxa de Óbitos por Suicídios. Faixa Etária: Todas. Local: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Acre	4,3	2,9	1,9	2,0	2,5	3,0	1,3	4,8	5,2	3,7
Amazonas	2,0	2,1	2,7	2,8	3,1	3,0	2,0	2,7	3,2	2,7
Amapá	3,4	2,6	3,6	5,6	3,1	3,0	2,4	3,4	6,0	6,8
Pará	2,1	1,7	2,0	2,8	2,3	3,1	1,6	1,9	2,3	2,2
Rondônia	4,3	5,0	3,5	2,8	3,1	4,8	4,5	5,7	5,3	3,1
Roraima	5,3	4,7	6,7	6,9	5,5	6,7	8,6	6,8	5,0	5,5
Tocantins	1,4	1,4	1,6	2,0	1,5	2,9	2,9	3,1	3,5	4,1
Norte	2,5	2,3	2,4	2,9	2,6	3,3	2,3	2,9	3,3	2,9
Alagoas	2,3	3,8	2,1	2,0	1,6	2,8	2,4	2,5	3,4	2,9
Bahia	1,1	1,4	1,3	1,4	1,6	1,1	1,2	1,5	1,8	1,7
Ceará	2,6	2,1	2,7	3,8	3,1	3,7	4,2	3,7	5,0	6,0
Maranhão	0,8	0,6	0,8	1,0	0,8	1,2	1,2	1,2	1,8	2,0
Paraíba	1,5	2,3	2,6	1,1	1,8	1,5	1,7	1,0	1,3	2,2
Pernambuco	3,3	3,3	4,1	3,8	4,1	3,6	3,4	3,5	3,4	3,2
Piauí	2,0	1,6	2,2	1,8	2,0	2,5	1,8	2,7	4,0	4,4
Rio Grande do N.	2,6	3,2	3,3	3,1	3,1	2,5	3,1	3,1	4,0	3,7
Sergipe	2,2	2,6	2,6	2,7	2,4	2,0	2,2	2,8	4,0	4,5
Nordeste	2,0	2,1	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,4	3,0	3,2

►► **TABELA 5.1.3 – (continuação)**

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Espírito Santo	3,6	3,3	3,7	3,9	4,0	4,2	3,1	3,5	3,7	3,9
Minas Gerais	3,2	3,6	3,6	3,5	3,7	3,4	2,8	3,3	4,4	4,3
Rio de Janeiro	2,0	1,9	2,4	2,8	2,7	2,7	2,2	2,7	3,2	3,2
São Paulo	4,9	5,1	5,3	5,0	5,1	4,9	4,3	3,8	4,4	4,1
Sudeste	3,8	4,0	4,2	4,1	4,2	4,0	3,5	3,5	4,1	3,9
Paraná	5,3	5,7	6,4	6,8	6,6	7,1	6,3	6,1	6,9	5,9
Rio Grande do Sul	8,0	8,9	10,0	9,7	10,1	10,9	10,8	10,0	10,1	9,9
Santa Catarina	6,6	7,1	7,9	7,6	8,1	7,8	7,3	8,0	8,4	7,8
Sul	6,7	7,3	8,2	8,2	8,3	8,8	8,4	8,1	8,5	8,0
Distrito Federal	6,2	6,6	6,9	6,9	6,8	5,0	4,2	4,4	4,2	5,1
Goiás	4,6	5,1	6,2	4,9	5,3	4,0	5,4	6,5	6,3	7,1
Mato Grosso do Sul	6,9	6,3	7,1	6,3	6,4	5,6	7,1	8,2	6,6	7,8
Mato Grosso	3,0	2,6	5,1	5,5	4,3	5,5	5,1	5,6	5,7	5,9
Centro-Oeste	5,0	5,1	6,2	5,6	5,6	4,8	5,4	6,2	5,9	6,6
Brasil	3,7	3,9	4,3	4,2	4,3	4,2	3,9	4,0	4,5	4,4

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 5.1.4 – Taxa de Óbitos por Suicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos.
Local: UF e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Acre	6,5	6,2	4,0	2,8	3,6	2,6	2,5	9,7	9,4	6,2
Amazonas	4,7	4,9	4,4	5,9	6,8	6,3	2,8	4,5	6,2	5,5
Amapá	5,8	4,0	7,6	12,8	4,4	3,1	6,9	9,4	14,3	13,8
Pará	3,1	2,6	3,1	4,1	3,8	5,4	2,7	3,0	3,6	4,0
Rondônia	5,3	8,0	3,9	4,1	3,6	7,8	5,9	7,1	7,3	4,9
Roraima	10,6	8,2	16,0	6,8	9,7	12,4	22,3	11,4	11,0	14,7
Tocantins	0,5	2,9	1,9	2,7	2,6	4,3	3,3	6,0	3,9	3,5
Norte	3,8	4,0	3,8	4,7	4,5	5,7	3,7	4,8	5,4	5,1

► TABELA 5.1.4 – (continuação)

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Alagoas	3,0	4,4	3,1	2,3	2,2	3,1	3,3	2,3	5,4	4,7
Bahia	1,2	1,4	1,3	1,2	1,3	1,2	1,3	1,3	1,6	1,9
Ceará	3,9	2,6	3,0	4,8	2,6	4,2	4,5	4,6	5,6	6,4
Maranhão	0,8	1,0	1,1	1,1	1,1	1,0	1,6	1,7	3,1	2,9
Paraíba	0,6	3,0	3,0	0,4	1,9	1,7	2,3	1,1	1,5	2,2
Pernambuco	3,1	3,6	4,6	3,3	5,3	3,5	4,0	3,5	4,0	3,7
Piauí	3,2	2,2	2,9	3,3	1,9	2,5	1,3	2,6	4,6	5,5
Rio Grande do N.	2,4	2,8	3,0	2,3	3,0	2,0	3,2	2,6	3,6	4,3
Sergipe	3,4	3,0	3,3	3,4	1,4	2,5	2,9	4,5	2,6	4,3
Nordeste	2,2	2,4	2,6	2,4	2,4	2,3	2,6	2,5	3,3	3,6
Espírito Santo	3,6	3,3	4,0	4,8	4,2	4,4	3,2	1,7	4,5	3,8
Minas Gerais	3,4	4,1	4,0	3,9	4,2	3,7	3,6	3,2	4,5	4,7
Rio de Janeiro	1,6	2,1	2,2	1,9	2,5	1,8	2,2	2,0	2,9	2,9
São Paulo	6,5	5,8	5,9	6,0	5,6	5,3	4,4	3,6	4,6	4,1
Sudeste	4,6	4,6	4,6	4,6	4,6	4,2	3,7	3,1	4,2	4,0
Paraná	7,0	8,0	7,5	9,2	8,0	8,3	7,4	7,5	8,0	6,3
Rio Grande do Sul	6,5	8,6	8,7	9,7	8,4	9,3	9,3	8,5	7,9	7,8
Santa Catarina	5,6	7,4	7,9	7,4	5,4	6,2	5,7	6,4	7,4	7,1
Sul	6,5	8,1	8,1	9,0	7,6	8,2	7,8	7,6	7,8	7,1
Distrito Federal	8,2	8,0	12,0	10,2	9,7	6,9	5,6	5,2	6,8	6,0
Goiás	5,8	6,3	7,6	6,3	5,0	4,6	5,4	7,3	6,1	7,1
Mato Grosso do Sul	11,8	10,0	11,7	8,0	6,4	7,3	10,6	13,8	12,4	12,7
Mato Grosso	2,5	4,2	4,8	7,1	4,3	5,4	5,9	8,0	6,5	6,6
Centro-Oeste	6,6	6,8	8,5	7,5	5,9	5,6	6,4	8,2	7,4	7,7
Brasil	4,2	4,5	4,7	4,8	4,4	4,4	4,1	4,1	4,8	4,7

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

A tabela 5.1.5 apresenta o ordenamento das UFs segundo sua taxa de suicídios total e entre jovens de 15 a 24 anos. Vemos que Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul encabeçam a lista quando se trata de suicídios na população total. Entre os jovens, a lista é encabeçada por Roraima, Amapá e Mato Grosso do Sul. Entre os estados com menores índices de suicídios destacam-se Bahia, Maranhão e Paraíba.

TABELA 5.1.5 – Ordenamento das UF por Taxa de Suicídios. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Ano: 1993/2002

UF	População Total			UF	15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa em 2002		Posição em		Taxa em 2002
	1993	2002			1993	2002	
Rio Grande do Sul	1º	1º	9,9	Roraima	2º	1º	14,7
Santa Catarina	3º	2º	7,8	Amapá	9º	2º	13,8
Mato Grosso do Sul	2º	3º	7,8	Mato Grosso do Sul	1º	3º	12,7
Goiás	8º	4º	7,1	Rio Grande do Sul	5º	4º	7,8
Amapá	12º	5º	6,8	Goiás	8º	5º	7,1
Ceará	16º	6º	6,0	Santa Catarina	10º	6º	7,1
Paraná	6º	7º	5,9	Mato Grosso	21º	7º	6,6
Mato Grosso	15º	8º	5,9	Ceará	13º	8º	6,4
Roraima	5º	9º	5,5	Paraná	4º	9º	6,3
Distrito Federal	4º	10º	5,1	Acre	7º	10º	6,2
Sergipe	19º	11º	4,5	Distrito Federal	3º	11º	6,0
Piauí	22º	12º	4,4	Piauí	17º	12º	5,5
Minas Gerais	14º	13º	4,3	Amazonas	12º	13º	5,5
São Paulo	7º	14º	4,1	Rondônia	11º	14º	4,9
Tocantins	25º	15º	4,1	Minas Gerais	16º	15º	4,7
Espírito Santo	11º	16º	3,9	Alagoas	20º	16º	4,7
Acre	9º	17º	3,7	Sergipe	15º	17º	4,3
Rio Grande do N.	17º	18º	3,7	Rio Grande do N.	22º	18º	4,3
Rio de Janeiro	23º	19º	3,2	São Paulo	6º	19º	4,1
Pernambuco	13º	20º	3,2	Pará	19º	20º	4,0
Rondônia	10º	21º	3,1	Espírito Santo	14º	21º	3,8
Alagoas	18º	22º	2,9	Pernambuco	18º	22º	3,7
Amazonas	21º	23º	2,7	Tocantins	27º	23º	3,5
Paraíba	24º	24º	2,2	Rio de Janeiro	23º	24º	2,9
Pará	20º	25º	2,2	Maranhão	25º	25º	2,9
Maranhão	27º	26º	2,0	Paraíba	26º	26º	2,2
Bahia	26º	27º	1,7	Bahia	24º	27º	1,9

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

5.2 EVOLUÇÃO DOS SUICÍDIOS NAS CAPITALS

Nas capitais, o crescimento dos suicídios no período 1993/2002 foi bem menor do que nos estados como um todo: 38,9% para os estados e 17,9% para as capitais. Na população jovem

essa diferença é maior ainda: 30,8 % de aumento nos Estados, e só 4,9% nas capitais. Também vemos que, nas capitais, os suicídios da população em geral cresceram bem mais do que os da faixa jovem. Destacam-se capitais como Macapá e Cuiabá por terem mais que triplicado seu número absoluto de suicídios na população total, no período considerado (tabelas 5.2.1 e 5.2.2).

Entre os jovens das capitais, as taxas de suicídios (5,0 em 100.000) são levemente maiores do que na população total (4,4 em 100.000), mas com tendência a cair (tabelas 5.2.3 e 5.2.4).

Já a tabela 5.2.5 permite visualizar o ordenamento das capitais segundo sua taxa de suicídios total e para a população jovem. Vemos que, na população total, destacam-se pelas suas elevadas taxas, Goiânia, Macapá, Fortaleza e Teresina. Entre os jovens, Boa Vista, Macapá, Goiânia e Teresina.

TABELA 5.2.1 – Número de Óbitos por Suicídio. Faixa Etária: População Total. Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	57	49	51	99	84	108	23	48	58	56	-1,8
Boa Vista	11	10	14	15	14	16	16	18	10	11	0,0
Macapá	7	5	11	16	8	7	6	13	23	26	271,4
Manaus	42	44	60	60	71	69	42	63	67	48	14,3
Palmas	0	0	2	1	3	3	2	9	7	9	
Porto Velho	12	20	5	11	12	15	12	13	15	12	0,0
Rio Branco	18	11	7	9	10	12	7	20	26	18	0,0
Norte	147	139	150	211	202	230	108	184	206	180	22,4
Aracaju	16	18	15	18	16	16	13	24	39	31	93,8
Fortaleza	83	61	93	126	85	74	98	81	105	180	116,9
João Pessoa	9	15	17	9	16	18	14	9	14	21	133,3
Maceló	22	52	26	32	20	31	22	14	47	18	-18,2
Natal	21	17	34	32	24	20	19	15	19	11	-47,6
Recife	86	96	118	84	104	83	76	92	88	68	-20,9
Salvador	19	35	16	27	37	8	3	15	15	16	-15,8
São Luís	17	17	18	34	26	21	30	29	42	42	147,1
Teresina	27	22	34	37	29	41	30	33	47	57	111,1
Nordeste	300	333	371	399	357	342	341	312	416	444	48,0



► TABELA 5.2.1 – (continuação)

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belo Horizonte	76	113	123	120	135	135	99	104	137	127	67,1
Rio de Janeiro	89	35	101	147	121	130	79	159	242	219	146,1
São Paulo	556	527	592	588	582	571	500	412	461	353	-36,5
Vitória	19	13	18	19	15	15	15	19	13	22	15,8
Sudeste	740	688	834	874	853	851	693	694	853	721	-2,6
Curitiba	72	66	69	77	91	104	77	63	99	79	9,7
Florianópolis	14	22	27	23	13	28	25	27	20	19	35,7
Porto Alegre	73	120	136	138	126	156	121	123	110	105	43,8
Sul	159	208	232		230	288	223	213	229	203	27,7
Brasília	105	114	122	128	130	99	84	90	88	110	4,8
Campo Grande	40	31	44	50	32	32	30	37	30	37	-7,5
Cuiabá	3	2	26	30	11	9	13	19	6	19	533,3
Goiânia	60	48	84	64	56	51	69	94	85	118	96,7
C.Oeste	208	195	276	272	229	191	196	240	209	284	36,5
Brasil (Capitais)	1.554	1.563	1.863	1.756	1871	1902	1561	1643	1913	1832	17,9

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 5.2.2 – Número de Óbitos por Suicídio. Faixa Etária: 15 a 24 Anos.
Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	13	16	20	29	30	38	11	19	17	19	46,2
Boa Vista	5	4	7	4	6	8	6	7	5	7	40,0
Macapá	2	1	6	8	1	3	4	7	11	10	400,0
Manaus	21	22	20	28	36	32	14	24	28	19	-9,5
Palmas	0	0	0	0	1	2	1	5	2	2	
Porto Velho	5	11	2	5	3	6	6	2	8	5	0,0
Rio Branco	6	4	3	2	3	2	3	10	12	5	-16,7
Norte	52	58	58	76	80	91	45	74	83	67	28,8

► TABELA 5.2.2 – (continuação)

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Aracaju	9	4	3	6	3	3	4	7	6	8	-11,1
Fortaleza	28	17	25	34	18	22	27	27	29	38	35,7
João Pessoa	2	3	4	0	2	5	5	2	4	5	150,0
Maceló	5	16	7	9	8	5	9	1	19	6	20,0
Natal	6	7	9	8	5	7	3	3	5	4	-33,3
Recife	18	22	22	11	33	17	12	14	21	19	5,6
Salvador	5	8	3	4	4	2	0	3	3	2	-60,0
São Luís	2	8	6	9	8	4	8	9	15	9	350,0
Teresina	10	6	13	17	4	9	5	7	15	19	90,0
Nordeste	85	91	92	98	85	74	73	73	117	110	29,4
Belo Horizonte	17	21	28	34	31	31	26	23	27	28	64,7
Rio de Janeiro	15	6	17	17	20	11	12	20	44	38	153,3
São Paulo	140	121	128	131	123	125	106	72	109	59	-57,9
Vitória	2	2	3	4	2	4	4	2	4	5	150,0
Sudeste	174	150	176	186	176	171	148	117	184	130	-25,3
Curitiba	16	22	18	21	27	28	26	14	21	16	0,0
Florianópolis	4	4	6	10	2	4	8	4	3	6	50,0
Porto Alegre	16	22	31	35	26	29	24	30	21	21	31,3
Sul	36	48	55	66	55	61	58	48	45	43	19,4
Brasília	31	31	48	42	43	33	25	24	32	29	-6,5
Campo Grande	14	8	16	13	5	5	9	9	14	8	-42,9
Cuiabá	0	0	7	9	4	2	3	7	1	6	
Goiânia	13	12	21	21	17	16	15	24	17	32	146,2
C.Oeste	58	51	92	85	69	76	77	64	64	75	29,3
Brasil (Capitais)	405	398	473	511	465	455	380	376	493	425	4,9

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 5.2.3 – Taxa de Óbitos por Suicídios. Faixa Etária: Todas. Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	4,8	4,3	4,6	8,7	7,1	8,9	7,9	3,7	4,4	4,2
Boa Vista	7,3	6,4	8,7	9,1	8,0	8,7	8,3	9,0	4,8	5,1
Macapá	3,5	2,4	5,0	7,2	3,4	2,8	2,2	4,6	7,8	8,5
Manaus	4,0	4,0	5,4	5,2	5,8	5,4	3,1	4,5	4,6	3,2
Palmas	0,0	0,0	2,8	1,2	3,0	2,7	1,6	6,6	4,6	5,6
Porto Velho	4,0	6,4	1,6	3,7	3,9	4,8	3,7	3,9	4,4	3,4
Rio Branco	8,4	4,9	3,0	3,9	4,3	5,0	2,8	7,9	9,9	6,7
Norte	4,7	4,4	4,6	6,4	5,9	6,4	4,9	4,7	5,1	4,4
Aracaju	3,9	4,3	3,6	4,2	3,7	3,6	2,9	5,2	8,3	6,5
Fortaleza	4,5	3,3	4,9	6,4	4,2	3,6	4,7	3,8	4,8	8,1
João Pessoa	1,7	2,9	3,2	1,6	2,8	3,1	2,4	1,5	2,3	3,4
Maceió	3,3	7,6	3,7	4,4	2,7	4,1	2,8	1,8	5,7	2,2
Natal	3,4	2,7	5,3	4,9	3,6	2,9	2,7	2,1	2,6	1,5
Recife	6,4	7,0	8,4	6,2	7,6	6,0	5,4	6,5	6,1	4,7
Salvador	0,9	1,6	0,7	1,2	1,6	0,4	0,1	0,6	0,6	0,6
São Luís	2,3	2,2	2,2	4,4	3,2	2,5	3,5	3,3	4,7	4,6
Teresina	4,4	3,5	5,3	5,6	4,3	6,0	4,3	4,6	6,4	7,7
Nordeste	3,4	3,7	4,0	4,3	3,7	3,5	3,4	3,1	4,0	4,2
Belo Horizonte	3,7	5,5	5,9	5,7	6,3	6,2	1,0	4,6	6,1	5,6
Rio de Janeiro	1,6	0,6	1,8	2,6	2,1	2,3	1,4	2,7	4,1	3,7
São Paulo	5,7	5,4	6,1	6,0	5,8	5,6	4,9	3,9	4,4	3,3
Vitória	7,3	5,0	6,8	7,1	5,5	5,4	5,3	6,5	4,4	7,3
Sudeste	4,2	3,9	4,7	4,9	4,7	4,7	3,3	3,7	4,5	3,8
Curitiba	5,2	4,7	4,8	5,2	6,1	6,8	4,9	4,0	6,1	4,8
Florianópolis	5,4	8,3	10,1	8,5	4,5	9,1	7,7	7,9	5,7	5,3
Porto Alegre	5,7	9,4	10,6	10,7	9,6	11,8	9,0	9,0	8,0	7,6
Sul	5,5	7,1	7,8	7,8	7,4	9,1	6,9	6,5	6,8	6,0
Brasília	6,2	6,6	6,9	7,0	6,9	5,1	4,2	4,4	4,2	5,1
Campo Grande	7,3	5,5	7,6	8,3	5,2	5,1	4,6	5,6	4,4	5,3
Cuiabá	0,7	0,5	6,1	6,9	2,5	2,0	2,8	3,9	1,2	3,8
Goiânia	6,3	5,0	8,5	6,4	5,5	4,9	6,4	8,6	7,6	10,4
C.Oeste	5,8	5,3	7,3	7,0	5,8	4,7	4,7	5,6	4,8	6,4
Brasil (Capitais)	4,3	4,3	5,1	4,7	4,9	4,9	3,9	4,1	4,7	4,4

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 5.2.4 – Taxa de Óbitos por Suicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos.
Local: Capitais e Regiões. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	4,8	6,1	7,8	10,9	11,0	13,7	3,9	6,6	5,8	6,4
Boa Vista	15,2	11,7	19,9	11,1	15,6	19,7	14,0	13,3	10,7	14,5
Macapá	4,5	2,1	11,9	15,6	1,8	5,2	6,5	10,8	16,2	14,2
Manaus	8,6	8,7	7,7	10,4	12,7	10,8	4,5	7,4	8,4	5,5
Palmas	0,0	0,0	0,0	0,0	4,2	7,4	3,3	14,9	5,4	5,1
Porto Velho	7,8	16,7	2,9	7,9	4,6	8,9	8,6	2,8	10,8	6,7
Rio Branco	12,9	8,2	5,8	3,9	5,7	3,7	5,4	17,6	20,4	8,3
Norte	7,3	8,0	7,8	10,0	10,1	11,1	5,3	8,3	9,1	7,2
Aracaju	9,7	4,3	3,2	6,2	3,1	3,0	3,9	6,8	5,7	7,5
Fortaleza	7,2	4,3	6,3	8,4	4,3	5,1	6,1	6,0	6,3	8,1
João Pessoa	1,8	2,7	3,5	0,0	1,7	4,1	4,0	1,6	3,1	3,8
Maceió	3,4	10,6	4,5	5,7	5,0	3,1	5,4	0,6	10,9	3,4
Natal	4,6	5,3	6,7	5,9	3,6	4,9	2,0	2,0	3,3	2,6
Recife	6,5	7,9	7,8	4,0	11,9	6,1	4,2	4,6	7,3	6,2
Salvador	1,1	1,7	0,6	0,8	0,8	0,4	0,0	0,7	0,5	0,3
São Luís	1,1	4,2	3,0	4,8	4,1	2,0	3,9	4,3	7,0	4,1
Teresina	7,2	4,2	8,9	11,4	2,6	5,7	3,1	4,2	8,9	11,1
Nordeste	4,4	4,6	4,6	4,8	4,1	3,6	3,5	3,3	5,2	4,8
Belo Horizonte	4,2	5,1	6,7	8,0	7,2	7,0	5,8	4,8	5,9	6,0
Rio de Janeiro	1,6	0,6	1,8	1,8	2,1	1,1	1,2	2,0	4,3	3,7
São Paulo	7,7	6,6	6,9	6,9	6,4	6,4	5,3	3,6	5,4	2,9
Vitória	3,9	3,8	5,7	7,5	3,6	7,0	6,8	3,3	6,5	8,1
Sudeste	5,4	4,6	5,4	5,6	5,2	5,0	4,2	3,3	5,1	3,6
Curitiba	5,9	7,9	6,3	7,1	9,0	9,2	8,4	4,5	6,6	4,9
Florianópolis	7,8	7,7	11,3	18,5	3,4	6,5	12,1	5,7	4,2	8,1
Porto Alegre	7,4	10,0	13,9	15,4	11,2	12,2	9,8	12,1	8,4	8,3
Sul	6,7	8,7	9,8	11,4	9,3	10,1	9,4	7,6	7,0	6,6
Brasília	8,2	8,0	12,0	10,2	10,1	7,6	5,6	5,2	6,8	6,0
Campo Grande	12,7	7,0	13,7	10,8	4,0	3,9	6,9	6,7	10,1	5,7
Cuiabá	0,0	0,0	7,6	9,5	4,1	2,0	2,9	6,5	0,9	5,4
Goiânia	6,2	5,6	9,7	9,5	7,5	6,9	6,4	10,0	7,0	12,9
C.Oeste	7,4	6,3	11,1	10,0	7,9	6,3	5,7	6,8	6,7	7,7
Brasil (Capitais)	5,6	5,5	6,4	6,8	6,0	5,8	4,7	4,5	5,9	5,0

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 5.2.5 – Ordenamento das Capitais por Suicídios. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Período: 1991/2000

UF	População Total		
	Posição em		Taxa 2002
	1993	2002	
Goiânia	6º	1º	10,4
Macapá	19º	2º	8,5
Fortaleza	13º	3º	8,1
Teresina	14º	4º	7,7
Porto Alegre	9º	5º	7,6
Vitória	3º	6º	7,3
Rio Branco	1º	7º	6,7
Aracaju	17º	8º	6,5
Palmas	27º	9º	5,6
Belo Horizonte	18º	10º	5,6
Campo Grande	4º	11º	5,3
Florianópolis	10º	12º	5,3
Boa Vista	2º	13º	5,1
Brasília	7º	14º	5,1
Curitiba	11º	15º	4,8
Recife	5º	16º	4,7
São Luís	22º	17º	4,6
Belém	12º	18º	4,2
Cuiabá	26º	19º	3,8
Rio de Janeiro	24º	20º	3,7
Porto Velho	16º	21º	3,4
João Pessoa	23º	22º	3,4
São Paulo	8º	23º	3,3
Manaus	15º	24º	3,2
Maceió	21º	25º	2,2
Natal	20º	26º	1,5
Salvador	25º	27º	0,6

UF	População 15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa 2002
	1993	2002	
Boa Vista	1º	1º	14,5
Macapá	18º	2º	14,2
Goiânia	14º	3º	12,9
Teresina	12º	4º	11,1
Rio Branco	2º	5º	8,3
Porto Alegre	10º	6º	8,3
Florianópolis	8º	7º	8,1
Fortaleza	11º	8º	8,1
Vitória	20º	9º	8,1
Aracaju	4º	10º	7,5
Porto Velho	7º	11º	6,7
Belém	16º	12º	6,4
Recife	13º	13º	6,2
Belo Horizonte	19º	14º	6,0
Brasília	6º	15º	6,0
Campo Grande	3º	16º	5,7
Manaus	5º	17º	5,5
Cuiabá	27º	18º	5,4
Palmas	26º	19º	5,1
Curitiba	15º	20º	4,9
São Luís	25º	21º	4,1
João Pessoa	22º	22º	3,8
Rio de Janeiro	23º	23º	3,7
Maceió	21º	24º	3,4
São Paulo	9º	25º	2,9
Natal	17º	26º	2,6
Salvador	24º	27º	0,3

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

5.3 EVOLUÇÃO DOS SUICÍDIOS NAS REGIÕES METROPOLITANAS.

O crescimento no número de suicídios nas regiões metropolitanas foi extremamente baixo: 11,9% na população total e 1% entre os jovens. O maior incremento decenal na população total registra-se na região metropolitana de Fortaleza, onde os números mais que duplicam. O mesmo acontece com sua população jovem, na região metropolitana de Rio de Janeiro.

TABELA 5.3.1 – Número de Óbitos por Suicídios. Faixa Etária: População Total. Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	64	54	66	117	93	121	34	52	63	61	-4,7
Belo Horizonte	138	176	178	185	202	185	156	171	189	198	43,5
Curitiba	98	103	110	134	146	172	129	102	151	130	32,7
Fortaleza	94	70	108	155	101	83	115	89	132	217	130,9
Porto Alegre	175	266	277	301	306	362	304	288	306	277	58,3
Recife	125	135	161	124	142	110	101	122	120	89	-28,8
Rio de Janeiro	169	133	185	252	223	211	158	246	318	316	87,0
Salvador	24	38	17	30	47	8	4	18	25	24	0,0
São Paulo	796	750	813	829	835	826	720	607	688	574	-27,9
Vitória	44	36	42	59	48	59	38	52	51	47	6,8
TOTAL	1.727	1.761	1.957	2.186	2.143	2.137	1.759	1.747	2.043	1.933	11,9

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 5.3.2 – Número de Óbitos por Suicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos.
Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO										% Au- mento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	
Belém	16	17	23	35	35	42	14	19	19	21	31,3
Belo Horizonte	30	40	40	46	49	49	45	44	46	46	53,3
Curitiba	21	33	31	39	39	38	42	24	34	36	71,4
Fortaleza	35	17	28	39	19	23	32	30	35	44	25,7
Porto Alegre	28	53	50	58	62	59	54	58	49	55	96,4
Recife	24	30	36	19	41	25	18	22	31	20	-16,7
Rio de Janeiro	22	25	28	30	31	25	23	32	55	57	159,1
Salvador	5	8	4	4	4	2	1	4	6	6	20,0
São Paulo	208	179	182	189	189	181	167	105	149	104	-50,0
Vitória	8	7	6	16	12	14	9	5	11	12	50,0
TOTAL	397	409	428	475	481	458	405	343	435	401	1,0

Fonte: SIM/DATASUS.

As tabelas 5.3.3 e 5.3.4 permitem verificar que as taxas de suicídios permaneceram praticamente inalteradas na população total das zonas metropolitanas, mas entre os jovens registra-se uma queda decenal significativa.

TABELA 5.3.3 – Taxa de Óbitos por Suicídios. Faixa Etária: População Total.
Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	4,4	3,6	4,3	7,4	5,7	7,3	2,0	2,9	3,4	3,2
Belo Horizonte	3,8	4,8	4,8	4,7	5,1	4,6	3,8	3,9	4,2	4,4
Curitiba	4,5	4,7	5,0	5,4	5,7	6,6	4,8	3,7	5,3	4,5
Fortaleza	3,7	2,7	4,2	5,8	3,7	2,9	4,0	3,0	4,3	7,0
Porto Alegre	5,3	7,9	8,1	8,8	8,8	10,2	8,5	7,7	8,1	7,2
Recife	4,2	4,4	5,2	4,0	4,5	3,5	3,2	3,7	3,5	2,6
Rio de Janeiro	1,7	1,3	1,9	2,5	2,2	2,1	1,5	2,3	2,9	2,9
Salvador	0,9	1,4	0,6	1,1	1,7	0,3	0,1	0,6	0,8	0,8
São Paulo	5,0	4,6	5,0	5,0	5,0	4,8	4,2	3,4	3,8	3,1
Vitória	3,7	2,9	3,4	4,7	3,7	4,4	2,8	3,6	3,5	3,1
TOTAL	3,8	3,8	4,2	4,6	4,4	4,3	3,5	3,4	3,9	3,6

Fonte: SIM/DATASUS-IBGE.

TABELA 5.3.4 – Taxa de Óbitos por Suicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: Regiões Metropolitanas. Período: 1993/2002

UF/ REGIÃO	ANO									
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Belém	4,8	5,0	6,6	9,6	9,4	11,0	3,6	4,7	4,6	5,0
Belo Horizonte	4,2	5,5	5,4	5,7	6,0	5,8	5,3	4,9	5,0	4,9
Curitiba	4,8	7,5	7,0	7,8	7,6	7,2	7,8	4,4	6,0	6,3
Fortaleza	6,6	3,2	5,2	7,0	3,3	4,0	5,4	4,8	5,5	6,8
Porto Alegre	4,9	9,1	8,5	9,4	9,9	9,3	8,4	8,4	7,0	7,8
Recife	3,8	4,7	5,5	2,9	6,2	3,7	2,7	3,2	4,4	2,8
Rio de Janeiro	1,3	1,4	1,6	1,7	1,7	1,4	1,2	1,7	2,8	2,9
Salvador	0,9	1,4	0,7	0,7	0,6	0,3	0,2	0,6	0,8	0,8
São Paulo	6,9	5,9	5,9	5,8	5,7	5,4	4,9	3,0	4,2	2,9
Vitória	3,4	3,0	2,5	6,2	4,5	5,2	3,3	1,7	3,6	3,9
TOTAL	4,5	4,6	4,8	5,1	5,0	4,7	4,1	3,3	4,2	3,8

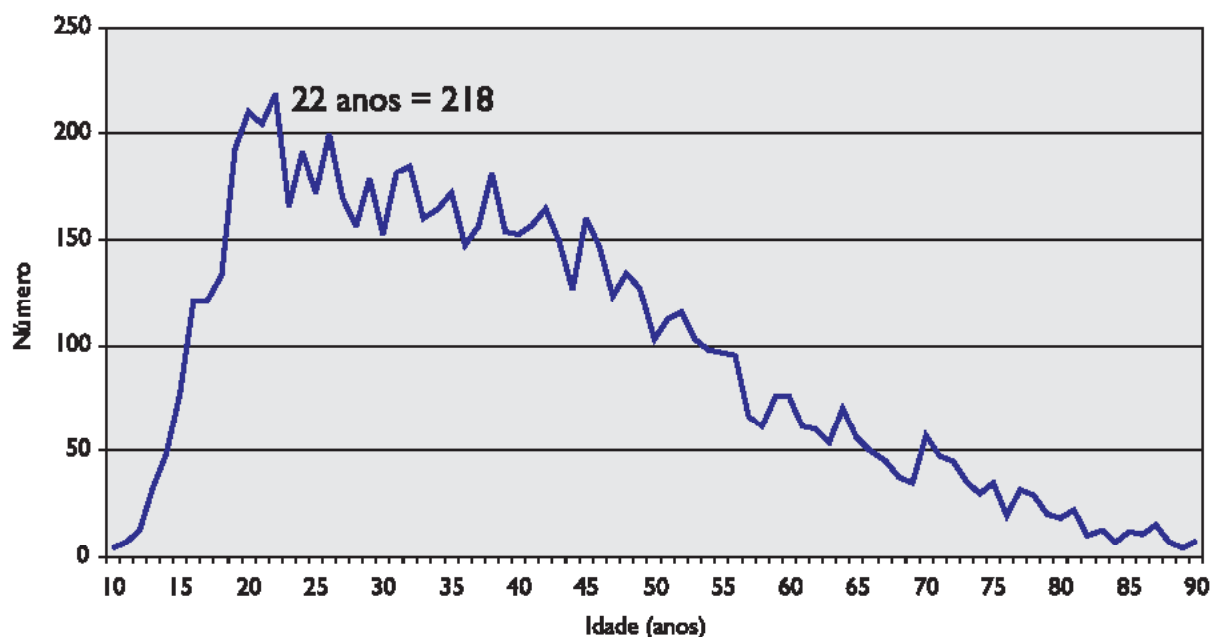
Fonte: SIM/DATASUS-IBGE.

As maiores taxas, tanto para a população total quanto para os jovens, podem ser encontradas nas regiões metropolitanas de Porto Alegre e Fortaleza.

5.4 A IDADE DOS SUICIDAS

O gráfico 5.4.1 permite verificar a incidência etária nos óbitos por suicídio. Praticamente inexistente até os 10 anos, se inicia, a partir dessa idade, uma forte escalada ascendente, para chegar à sua máxima expressão na idade de 22 anos, idade que registra 218 suicídios no ano 2002. A partir desse pico começa um suave declínio, caindo progressivamente o número absoluto à medida que a idade avança.

**GRÁFICO 5.4.1 – Número de Óbitos por Suicídio segundo Idade
Brasil – 2002**



Fonte: SIM/DATASUS.

A tabela 5.4.1 permite matizar os dados anteriores, relacionando-os com os totais de população em cada grupo de idades.

Vemos que as taxas de suicídios guardam uma estreita correspondência com as idades: elevam-se lenta e gradualmente até atingir sua máxima expressão na faixa de 70 anos e mais, quando a taxa se eleva para 7,6 suicídios em 100.000, com picos também dos 45 aos 60 anos de idade.

**TABELA 5.4.1 – Taxa de Óbitos por Suicídio.
Segundo Idade. Brasil – Ano 2002**

Idade/ Faixa	Taxa de Óbitos por Suicídio
0 a 4 anos	0,0
5 a 9 anos	0,0
10 a 14 anos	0,6
15 a 19 anos	3,5
15 anos	2,2
16 anos	3,4
17 anos	3,2
18 anos	3,4
19 anos	5,4
20 a 24 anos	6,0
20 anos	5,8
21 anos	6,1
22 anos	6,5
23 anos	5,2
24 anos	6,2
25 a 29 anos	6,1
30 a 34 anos	6,3
35 a 39 anos	6,4
40 a 44 anos	6,9
45 a 49 anos	7,7
50 a 59 anos	7,2
60 a 69 anos	6,5
70 e mais anos	7,6

Fonte: SIM/DATASUS – IBGE.

5.5 OS SUICÍDIOS POR SEXO

A tabela a seguir permite verificar a distribuição dos suicídios registrados pelo SIM durante o ano 2002, discriminados por sexo e Unidade Federada. É possível observar aqui, da mesma forma que com os acidentes de transporte e com os homicídios, uma elevada proporção de homens nos suicídios, onde 78% das mortes correspondem ao sexo masculino. Já entre os jovens, essa proporção masculina cai levemente, para algo em torno de 75%. Rondônia aparece como o estado com menor proporção de suicídios masculinos e, no outro extremo, Amazonas, com a maior proporção de suicidas de sexo masculino.

TABELA 5.5.1 – Suicídios por Sexo. Faixa Etária: Todas. Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Número		% Masc	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Acre	16	6	72,7	5,4	2,1
Amazonas	68	12	85,0	4,6	0,8
Amapá	27	8	77,1	10,4	3,1
Pará	94	45	67,6	2,9	1,4
Rondônia	27	18	60,0	3,7	2,6
Roraima	15	4	78,9	8,4	2,4
Tocantins	34	15	69,4	5,5	2,5
NORTE	281	108	72,2	4,1	1,6
Alagoas	62	21	74,7	4,4	1,4
Bahia	189	43	81,5	2,9	0,6
Ceará	356	101	77,9	9,5	2,6
Maranhão	74	42	63,8	2,6	1,4
Paraíba	56	20	73,7	3,3	1,1
Pernambuco	191	64	74,9	4,9	1,5
Piauí	91	36	71,7	6,4	2,4
Rio Grande do N.	83	23	78,3	5,9	1,6
Sergipe	63	20	75,9	7,0	2,1
NORDESTE	1.165	370	75,9	4,9	1,5



► TABELA 5.5.1 – (continuação)

UF/ REGIÃO	Número		%	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Espírito Santo	106	20	84,1	6,7	1,2
Minas Gerais	617	177	77,7	6,8	1,9
Rio de Janeiro	325	140	69,9	4,6	1,8
São Paulo	1.260	294	81,1	6,7	1,5
SUDESTE	2.308	631	78,5	6,3	1,7
Paraná	459	123	78,9	9,5	2,5
Rio Grande do S.	844	189	81,7	16,5	3,6
Santa Catarina	352	80	81,5	12,8	2,9
SUL	1.655	392	80,9	13,0	3,0
Distrito Federal	79	31	71,8	7,7	2,8
Goiás	297	74	80,1	11,4	2,8
Mato Grosso do S.	127	40	76,0	11,9	3,7
Mato Grosso	108	45	70,6	8,1	3,6
CENTRO OESTE	611	190	76,3	10,1	3,1
BRASIL	6.020	1.691	78,1	7,0	1,9

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

TABELA 5.5.2 – Suicídios por Sexo. Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Número		%	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Acre	6	2	75,0	9,2	3,1
Amazonas	34	2	94,4	10,4	0,6
Amapá	11	5	68,8	19,5	8,5
Pará	31	25	55,4	4,4	3,6
Rondônia	8	7	53,3	5,2	4,6
Roraima	8	3	72,7	21,4	8,0
Tocantins	6	3	66,7	4,5	2,3
NORTE	104	47	68,9	7,0	3,2



►► TABELA 5.5.2 – (continuação)

UF/ REGIÃO	Número		%	Taxas	
	Masc	Fem.		Masc	Fem
Alagoas	23	6	79,3	7,5	1,9
Bahia	35	21	62,5	2,3	1,4
Ceará	86	13	86,9	11,2	1,7
Maranhão	20	17	54,1	3,1	2,7
Paraíba	13	3	81,3	3,6	0,8
Pernambuco	46	17	73,0	5,5	2,0
Piauí	24	11	68,6	7,6	3,5
Rio Grande do N.	19	6	76,0	6,5	2,1
Sergipe	12	5	70,6	6,1	2,5
NORDESTE	278	99	73,7	5,3	1,9
Espírito Santo	22	3	88,0	6,7	0,9
Minas Gerais	131	40	76,6	7,1	2,2
Rio de Janeiro	47	30	61,0	3,5	2,2
São Paulo	248	56	81,6	6,7	1,5
SUDESTE	448	129	77,6	6,2	1,8
Paraná	83	34	70,9	8,8	3,7
Rio Grande do S.	114	32	78,1	12,1	3,5
Santa Catarina	59	15	79,7	11,1	2,9
SUL	256	81	76,0	10,6	3,4
Distrito Federal	20	9	69,0	8,8	3,6
Goiás	59	17	77,6	11,1	3,2
Mato Grosso do S.	41	13	75,9	19,2	6,1
Mato Grosso	21	15	58,3	7,6	5,6
CENTRO OESTE	141	54	72,3	11,3	4,3
BRASIL	1.227	410	75,0	7,0	2,3

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE.

5.6 COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

TABELA 5.6 – Ordenamento de Países por Taxa de Suicídios. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Local: Diversos Países
Anos: Último Ano Disponível

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posição	Taxa	País	Ano	Posição	Taxa
Lituânia	2000	1º	44,1	Federação Russa	2000	1º	33,7
Federação Russa	2000	2º	39,4	Lituânia	2000	2º	29,5
Bielorrússia	2000	3º	34,9	Cazaquistão	1999	3º	27,1
Letônia	2000	4º	32,4	Nova Zelândia	1999	4º	22,4
Eslovênia	1999	5º	29,9	Bielorrússia	2000	5º	22,2
Ucrânia	2000	6º	29,6	Cuba	2000	6º	20,8
Hungria	2001	7º	29,2	Finlândia	2000	7º	19,9
Estônia	2000	8º	27,5	Noruega	1999	8º	18,8
Cazaquistão	1999	9º	26,8	Estônia	2000	9º	18,1
Japão	1999	10º	25,0	Letônia	2000	10º	17,9
Finlândia	2000	11º	22,5	Ucrânia	2000	11º	17,5
Croácia	2000	12º	21,1	Irlanda do Norte	2000	12º	17,5
Áustria	2001	13º	18,3	Maurício	2000	13º	17,3
Suíça	1999	14º	18,1	Nicarágua	2000	14º	16,1
França	1999	15º	17,5	El Salvador	1999	15º	16,0
Luxemburgo	2001	16º	17,2	Irlanda	1999	16º	15,7
Bulgária	2000	17º	16,9	Eslovênia	1999	17º	15,4
Uruguai	2000	18º	16,9	Uruguai	2000	18º	14,2
Cuba	2000	19º	16,5	Escócia	2001	19º	14,0
República Checa	2000	20º	16,1	Austrália	1999	20º	13,9
Polônia	2000	21º	15,1	Ilhas Virgens (USA)	1999	21º	13,3
Moldávia	2000	22º	14,9	Suíça	1999	22º	12,8
Suécia	1999	23º	13,8	Áustria	2001	23º	12,4



► TABELA 5.6 – (continuação)

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posi- ção	Taxa	País	Ano	Posi- ção	Taxa
Nova Zelândia	1999	24°	13,6	Japão	1999	24°	12,0
Alemanha	1999	25°	13,6	Polônia	2000	25°	11,4
Coréia	2000	26°	13,6	Hungria	2001	26°	11,2
Eslováquia	2000	27°	13,5	Croácia	2000	27°	11,1
Hong Kong	2000	28°	13,5	Colômbia	2000	28°	11,1
Austrália	1999	29°	13,1	Quirguistão	2000	29°	10,9
Noruega	1999	30°	13,1	Suécia	1999	30°	10,7
Romênia	2001	31°	12,1	Republica Checa	2000	31°	10,5
Maurício	2000	32°	12,0	Estados Unidos	1999	32°	10,3
Escócia	2001	33°	11,9	Coréia	2000	33°	8,7
Irlanda	1999	34°	11,3	Eslováquia	2000	34°	8,2
Estados Unidos	1999	35°	10,7	Equador	2000	35°	8,1
Quirguistão	2000	36°	10,6	Costa Rica	2000	36°	8,0
Irlanda do Norte	2000	37°	9,6	Alemanha	1999	37°	8,0
Singapura	2000	38°	9,5	França	1999	38°	7,9
El Salvador	1999	39°	8,3	Luxemburgo	2001	39°	7,9
Espanha	1999	40°	8,1	Singapura	2000	40°	7,1
Puerto Rico	1999	41°	7,6	Moldávia	2000	41°	7,0
Reino Unido	1999	42°	7,5	Chile	1999	42°	6,9
Macedônia	2000	43°	7,4	Hong Kong	2000	43°	6,9
Nicarágua	2000	44°	7,2	Venezuela	2000	44°	6,9
Itália	1999	45°	7,1	Reino Unido	1999	45°	6,7
Malta	1999	46°	7,1	Bulgária	2000	46°	6,3
Chile	1999	47°	6,8	Romênia	2001	47°	6,1
Inglaterra e Wales	2000	48°	6,6	Panamá	2000	48°	6,0
Costa Rica	2000	49°	6,2	Itália	1999	49°	5,9
Colômbia	2000	50°	5,6	México	2000	50°	5,4

► TABELA 5.6 – (continuação)

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posição	Taxa	País	Ano	Posição	Taxa
Ilhas Virgens (USA)	1999	51°	5,5	Inglaterra e Wales	2000	51°	5,3
Venezuela	2000	52°	5,2	Espanha	1999	52°	4,7
Portugal	2000	53°	5,1	BRASIL	2000	53°	4,0
Panamá	2000	54°	4,9	Macedônia	2000	54°	3,9
Equador	2000	55°	4,3	Puerto Rico	1999	55°	3,8
Bahrain	2000	56°	4,3	Malta	1999	56°	3,5
BRASIL	2000	57°	4,0	Grécia	1999	57°	2,4
São Marino	2000	58°	3,7	Portugal	2000	58°	2,4
Grécia	1999	59°	3,6	Albânia	2000	59°	2,2
México	2000	60°	3,5	Bahrain	2000	60°	1,8
Geórgia	2000	61°	2,9	Peru	2000	61°	1,8
Albânia	2000	62°	1,8	Kuwait	2000	62°	1,6
Armênia	2000	63°	1,6	Geórgia	2000	63°	1,2
Kuwait	2000	64°	1,6	Azerbaijão	2000	64°	1,0
Peru	2000	65°	0,9	Armênia	2000	65°	0,9
Azerbaijão	2000	66°	0,8	Egito	2000	66°	0,1
Egito	2000	67°	0,1	São Marino	2000	67°	0,0

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE. Colômbia: DANE.

A tabela 5.6 permite verificar que, comparado com os restantes 66 países analisados, o Brasil apresenta baixas taxas de suicídios, tanto na sua população total quanto entre seus jovens, ocupando a posição 57 quando se trata de suicídios na população total, e a posição 53 nos suicídios juvenis.

6. AS ARMAS DE FOGO

Existem no país poucas evidências ou certezas sobre os níveis de armamento da população e sobre a circulação de armas de fogo. Diversas brechas na regulamentação da compra e porte de armas e a amplitude do comércio clandestino tornam as estimativas existentes pouco confiáveis. Uma pesquisa realizada em fins de 1997 pela Folha de São Paulo e ILANUD na cidade de São Paulo, verifica que 8% dos 2.469 paulistanos entrevistados com 16 anos ou mais, possuíam armas de fogo. Extrapolando esses dados para o universo de 7,1 milhões de paulistanos com 16 anos e mais, teríamos que só na cidade de São Paulo e só para a população de 16 anos e mais, um volume de 568.000 armas de fogo estão nas mãos da sua população. Mas, onde inexistem controles efetivos referentes às transações de armas de fogo, podem ser utilizados alguns procedimentos para estimar o grau de disseminação das armas. Em primeiro lugar, as taxas de óbitos por armas de fogo, além de dar um “*proxi*” dessa disseminação, nos indicam também o grau de decisão em utilizar armas de fogo na resolução de conflitos pessoais ou interpessoais.

Como é explicado nas Notas Técnicas do presente documento, a Classificação Internacional de Doenças utilizada pelo Sistema de Informações de Mortalidade – o denominado CID 10 – permite discriminar, além da “causa” do óbito (homicídio, suicídio, diversos tipos de acidentes etc.), a situação ou instrumento que originou a morte (envenenamento, afogamento,

objeto cortante ou penetrante, arma de fogo etc). Assim, no presente contexto, ao utilizar a categoria “armas de fogo”, agrupamos as situações de morte por homicídio, suicídio ou acidentes ocasionados ou derivados da presença de uma arma de fogo (exceto no caso de Homicídios por Armas de Fogo, onde só são computados os casos de agressão intencional com arma de fogo). Também incluiremos aqui as mortes ocasionadas por armas de fogo, onde os analistas não conseguiram determinar a intencionalidade ou circunstância da morte (suicídio, homicídio ou acidente).

Para o ano 1998, pelas evidências levantadas no Mapa da Violência II, o SIM registrou um total de 939.135 óbitos dos quais 30.149 foram causados por armas de fogo. Desta forma 3,2% do total de mortes acontecidas naquele ano foram originadas pela ação de algum tipo de arma de fogo. Já para o ano 2000 essa participação cresceu mais ainda: dos 971.595 óbitos registrados, 34.755, que representam 3,6% do total, foram originados por armas de fogo. Em 2002 cresceu mais ainda: foram 35.936 óbitos causados por armas de fogo, o que representa 3,7% do total de mortes naquele ano (ver tabela 6.3).

Pela tabela 6.1 é possível verificar que 95% desse grande número de mortes causadas por armas de fogo corresponde à categoria homicídios. O restante 5% é resultado de suicídios (3,8%), acidentes com armas de fogo (0,9%) e indeterminadas (0,4%).

Essa incidência das mortes por armas de fogo na mortalidade total varia muito de um estado para outro, com valores extremos que vão de 7,1%²¹ em Pernambuco, e 7,0% no Espírito Santo, até 1,1% no Piauí ou 1,3% no Maranhão.

²¹ Isto é: 7,1 % do total de óbitos registrados em Pernambuco no ano de 2002 foram ocasionadas por algum tipo de arma de fogo.

Já especificamente no campo dos homicídios, os estados com maior participação de armas de fogo foram Pernambuco (82,9% dos homicídios foram originados por armas de fogo) e Rio de Janeiro (80,5%).

Desta forma os homicídios são, de longe, o principal motivo de utilização das armas de fogo. Efetivamente, no país como um todo, em 68,7% dos casos de homicídio utilizou-se algum tipo de arma de fogo. E essa é uma proporção que vem crescendo ao longo do tempo: só quatro anos antes, em 1998, a proporção era de 61,2%, pulando para 68,3% em 2000 e para 68,7% em 2002.

Se já é altamente preocupante que 3,7% das mortes acontecidas no país no ano 2002 foram causadas por armas de fogo, as informações disponíveis para a nossa juventude adquirem contornos mais graves. Dos 48.196 jovens que morreram naquele ano – considerando todas as causas – 14.983 foram vítimas de armas de fogo. **Nada menos que em 31,2% de todas as mortes juvenis no ano 2002 (tabela 6.4) foram causadas por armas de fogo, num crescendo significativo: em 1988, quatro anos antes, essa proporção era de 25,7%.** Se essa é a média nacional, há estados que se destacam, como Rio de Janeiro, Espírito Santo e Pernambuco, onde algo em torno da metade das mortes de jovens são resultado de disparo de algum tipo de arma de fogo.

A utilização de armas de fogo na ocorrência de homicídios entre os jovens é crescente e destacada. No ano 1998 as armas de fogo foram a causa de 66,1% dos homicídios de jovens. Para o ano 2000 essa proporção elevou-se a 74,2%. Já em 2002 para 75,3%. Salvo na região norte, com índices mais baixos, nas restantes regiões, 74% ou mais dos homicídios que vitimam a juventude são cometidos por armas de fogo.

TABELA 6.1 – Participação das Armas de Fogo em Capítulos de Mortalidade e na Mortalidade Total. Faixa Etária: População Total –. Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Homicídios			Suicídios			Acidentes			Indeterminado			Total		
	Total	Armas Fogo	%	Total	Armas Fogo	%	Total	Armas Fogo	%	Total	Armas Fogo	%	Óbitos	Armas Fogo	%
Acre	151	66	43,7	22	6	27,3	100	4	4,0	1	0	0,0	2486	76	3,1
Amazonas	512	199	38,9	80	9	11,3	401	10	2,5	12	0	0,0	10530	218	2,1
Amapá	181	50	27,6	35	2	5,7	82	1	1,2	4	0	0,0	1971	53	2,7
Pará	1183	690	58,3	139	14	10,1	650	33	5,1	70	0	0,0	22505	737	3,3
Rondônia	606	384	63,4	45	10	22,2	314	4	1,3	114	0	0,0	5823	398	6,8
Roraima	121	48	39,7	19	6	31,6	45	2	4,4	21	1	4,8	1211	57	4,7
Tocantins	177	86	48,6	49	9	18,4	163	5	3,1	9	2	22,2	4967	102	2,1
NORTE	2.931	1.523	52,0	389	56	14,4	1.755	59	3,4	231	3	1,3	49.493	1.641	3,3
Alagoas	989	718	72,6	83	6	7,2	309	1	0,3	2	0	0,0	15659	725	4,6
Bahia	1731	1202	69,4	233	24	10,3	1266	42	3,3	2310	2	0,1	62592	1270	2,0
Ceará	1443	739	51,2	459	49	10,7	902	19	2,1	125	2	1,6	39276	809	2,1
Maranhão	576	238	41,3	116	13	11,2	348	20	5,7	156	1	0,6	20267	272	1,3
Paraná	608	426	70,1	77	13	16,9	308	10	3,2	27	0	0,0	19749	449	2,3
Pernambuco	4406	3654	82,9	255	44	17,3	903	20	2,2	312	3	1,0	52151	3721	7,1
Piauí	315	122	38,7	127	22	17,3	233	13	5,6	40	0	0,0	14127	157	1,1
Rio Grande do N.	301	195	64,8	106	15	14,2	311	10	3,2	325	0	0,0	14090	220	1,6
Sergipe	549	394	71,8	83	17	20,5	182	2	1,1	89	1	1,1	10235	414	4,0
NORDESTE	10.918	7.688	70,4	1.539	203	13,2	4.762	137	2,9	3.386	9	0,3	248.146	8.037	3,2
Espírito Santo	1639	1219	74,4	126	16	12,7	488	3	0,6	30	0	0,0	17600	1238	7,0
Minas Gerais	2.977	2.031	68,2	794	118	14,9	1.960	29	1,5	674	1	0,1	96.813	2.179	2,3
Rio de Janeiro	8.321	6.697	80,5	465	68	14,6	2.419	7	0,3	1.914	38	2,0	117.181	6.810	5,8
São Paulo	14.494	9.418	65,0	1.554	264	17,0	4.776	12	0,3	5.241	38	0,7	238.878	9.732	4,1
SUDESTE	27.431	19.365	70,6	2.939	466	15,9	9.643	51	0,5	7.859	77	1,0	470.472	19.959	4,2
Paraná	2.226	1.486	66,8	582	102	17,5	1.341	17	1,3	283	27	9,5	56.970	1.632	2,9
Rio Grande do S.	1.906	1.369	71,8	1.033	288	27,9	1.253	15	1,2	481	0	0,0	69.355	1.672	2,4
Santa Catarina	563	313	55,6	432	66	15,3	823	10	1,2	129	13	10,1	28284	402	1,4
SUL	4.695	3.168	67,5	2.047	456	22,3	3.417	42	1,2	893	40	4,5	154.609	3.706	2,4
Distrito Federal	744	544	73,1	110	22	20,0	377	3	0,8	1	0	0,0	11328	569	5,0
Goiás	1272	823	64,7	371	91	24,5	638	11	1,7	100	2	2,0	24482	927	3,8
Mato Grosso do S.	686	421	61,4	167	35	21,0	310	3	1,0	34	0	0,0	11250	459	4,1
Mato Grosso	963	592	61,5	153	35	22,9	558	11	2,0	43	0	0,0	12120	638	5,3
CENTRO OESTE	3.665	2.380	64,9	801	183	22,8	1.883	28	1,5	178	2	1,1	59.180	2.593	4,4
BRASIL	49.640	34.124	68,7	7.715	1.364	17,7	21.460	317	1,5	12.547	131	1,0	981.900	35.936	3,7

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 6.2 – Participação das Armas de Fogo em Capítulos de Mortalidade e na Mortalidade Total. Faixa Etária: 15 a 24 Anos – Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Homicídios			Suicídios			Acidentes			Indeterminado			Total		
	Total	Armas Fogo	%	Total	Armas Fogo	%	Total	Armas Fogo	%	Total	Armas Fogo	%	Óbitos	Armas Fogo	%
Acre	68	25	36,8	8	1	12,5	26	3	11,5	0	0	0,0	206	29	14,1
Amazonas	218	83	38,1	36	7	19,4	98	2	2,0	1	0	0,0	714	92	12,9
Amapá	94	18	19,1	16	2	12,5	17	1	5,9	4	0	0,0	220	21	9,5
Pará	421	247	58,7	56	8	14,3	126	10	7,9	14	0	0,0	1546	265	17,1
Rondônia	174	108	62,1	15	6	40,0	56	0	0,0	18	0	0,0	448	114	25,4
Roraima	51	15	29,4	11	4	36,4	10	0	0,0	3	0	0,0	133	19	14,3
Tocantins	56	29	51,8	9	3	33,3	30	2	6,7	1	0	0,0	294	34	11,6
NORTE	1.082	525	48,5	151	31	20,5	363	18	5,0	41	0	0,0	3.561	574	16,1
Alagoas	386	297	76,9	29	4	13,8	59	0	0,0	0	0	0,0	861	301	35,0
Bahia	683	543	79,5	56	7	12,5	234	18	7,7	609	1	0,2	3046	569	18,7
Ceará	480	283	59,0	99	19	19,2	163	5	3,1	20	2	10,0	1722	309	17,9
Maranhão	194	67	34,5	37	3	8,1	83	4	4,8	43	0	0,0	1088	74	6,8
Paraná	231	169	73,2	16	3	18,8	58	2	3,4	6	0	0,0	765	174	22,7
Pernambuco	1749	1534	87,7	63	16	25,4	152	6	3,9	54	0	0,0	3113	1556	50,0
Piauí	126	47	37,3	35	9	25,7	64	3	4,7	9	0	0,0	714	59	8,3
Rio Grande do N.	99	74	74,7	25	6	24,0	56	4	7,1	94	0	0,0	570	84	14,7
Sergipe	212	159	75,0	17	7	41,2	25	1	4,0	12	1	8,3	515	168	32,6
NORDESTE	4.160	3.173	76,3	377	74	19,6	894	43	4,8	847	4	0,5	12.394	3.294	26,6
Espírito Santo	681	568	83,4	25	4	16,0	76	1	1,3	6	0	0,0	1222	573	46,9
Minas Gerais	1.120	873	77,9	171	19	11,1	309	11	3,6	112	1	0,9	3.717	904	24,3
Rio de Janeiro	3.184	2.752	86,4	77	9	11,7	245	4	1,6	359	28	7,8	5.711	2.793	48,9
São Paulo	5.991	4.292	71,6	304	68	22,4	969	3	0,3	911	26	2,9	12.222	4.389	35,9
SUDESTE	10.976	8.485	77,3	577	100	17,3	1.599	19	1,2	1.388	55	4,0	22.872	8.659	37,9
Paraná	849	672	79,2	117	25	21,4	189	4	2,1	54	18	33,3	2.370	719	30,3
Rio Grande do S.	664	543	81,8	146	63	43,2	214	4	1,9	62	0	0,0	2.145	610	28,4
Santa Catarina	176	110	62,5	74	17	23,0	137	4	2,9	19	2	10,5	1.158	133	11,5
SUL	1.689	1.325	78,4	337	105	31,2	540	12	2,2	135	20	14,8	5.673	1.462	25,8
Distrito Federal	356	289	81,2	29	7	24,1	47	0	0,0	0	0	0,0	824	296	35,9
Goiás	437	324	74,1	76	22	28,9	102	3	2,9	12	0	0,0	1.278	349	27,3
Mato Grosso do S.	208	141	67,8	54	13	24,1	41	0	0,0	5	0	0,0	593	154	26,0
Mato Grosso	280	189	67,5	36	5	13,9	102	1	1,0	17	0	0,0	901	195	21,6
CENTRO OESTE	1.281	943	73,6	195	47	24,1	292	4	1,4	34	0	0,0	3.596	994	27,6
BRASIL	19.188	14.451	75,3	1.637	357	21,8	3.688	96	2,6	2.445	79	3,2	48.096	14.983	31,2

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 6.3 – Participação (%) das Armas de Fogo. Na Mortalidade Total e nos Homicídios. Faixa Etária: População Total. Local: UF e Regiões. Ano: 1998/2002

UF/ REGIÃO	No Total de Óbitos			Nos Homicídios		
	% em 1.998	% em 2.000	% em 2.002	% em 1.998	% em 2.000	% em 2.002
Acre	3,4	1,8	3,1	52,3	37,4	43,7
Amazonas	2,9	2,4	2,1	42,7	44,8	38,9
Amapá	5,0	2,1	2,7	45,4	21,3	27,6
Pará	2,7	2,3	3,3	56,5	56,9	58,3
Rondônia	6,4	5,4	6,8	62,6	57,7	63,4
Roraima	5,9	3,8	4,7	40,2	36,7	39,7
Tocantins	2,6	2,6	2,1	60,3	56,5	48,6
Norte	3,4	2,7	3,3	52,9	50,0	52,0
Alagoas	2,6	3,3	4,6	71,7	66,6	72,6
Bahia	3,0	2,8	2,0	62,9	72,2	69,4
Ceará	1,7	2,0	2,1	51,1	53,3	51,2
Maranhão	1,7	1,3	1,3	45,9	40,2	41,3
Paraíba	2,0	2,1	2,3	62,3	74,3	70,1
Pernambuco	7,3	6,8	7,1	82,6	84,5	82,9
Piauí	0,8	1,0	1,1	28,2	43,1	38,7
Rio Grande do N.	1,7	2,1	1,6	62,9	57,8	64,8
Sergipe	2,1	3,0	4,0	59,6	68,2	71,8
Nordeste	3,4	3,3	3,2	71,3	72,4	70,4
Espírito Santo	6,9	5,6	7,0	68,9	69,6	74,4
Minas Gerais	1,2	1,6	2,3	53,9	67,0	68,2
Rio de Janeiro	5,7	5,8	5,8	79,0	83,5	80,5
São Paulo	3,0	4,3	4,1	45,0	61,9	65,0
Sudeste	3,4	4,2	4,2	57,6	68,7	70,6
Paraná	2,2	2,2	2,9	59,5	61,3	66,8
Rio Grande do S.	2,1	2,4	2,4	69,6	75,2	71,8
Santa Catarina	1,1	1,1	1,4	48,9	52,2	55,6
Sul	2,0	2,1	2,4	62,6	66,3	67,5
Distrito Federal	5,5	5,3	5,0	73,8	73,4	73,1
Goiás	2,8	3,4	3,8	61,6	64,0	64,7
Mato Grosso do S.	5,2	6,2	4,1	67,9	70,0	61,4
Mato Grosso	6,0	4,3	5,3	65,1	68,6	61,5
Centro-Oeste	4,4	4,5	4,4	67,2	68,7	64,9
Brasil	3,2	3,6	3,7	61,2	68,3	68,7

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 6.4 – Participação das Armas de Fogo. Na Mortalidade Total e nos Homicídios. Faixa Etária: 15 a 24 Anos. Local: UF e Regiões. Ano: 1998/2002.

UF/ REGIÃO	No Total de Óbitos			Nos Homicídios		
	% em 1.998	% em 2.000	% em 2.002	% em 1.998	% em 2.000	% em 2.002
Acre	20,1	11,4	14,1	54,9	34,0	36,8
Amazonas	16,9	16,3	12,9	41,4	46,2	38,1
Amapá	18,4	11,5	9,5	43,7	21,0	19,1
Pará	15,6	14,8	17,1	56,6	59,9	58,7
Rondônia	24,8	26,0	25,4	69,0	61,8	62,1
Roraima	18,0	16,1	14,3	44,4	39,6	29,4
Tocantins	10,4	16,2	11,6	55,0	64,5	51,8
Norte	17,2	16,4	16,1	52,5	51,0	48,5
Alagoas	19,4	25,6	35,0	77,0	71,0	76,9
Bahia	27,2	34,8	18,7	74,8	79,1	79,5
Ceará	14,6	16,4	17,9	55,9	57,6	59,0
Maranhão	8,7	8,2	6,8	48,6	38,3	34,5
Paraíba	17,0	22,6	22,7	70,3	79,3	73,2
Pernambuco	50,2	50,7	50,0	88,2	89,5	87,7
Piauí	7,3	8,2	8,3	31,5	41,6	37,3
Rio Grande do N.	18,2	20,3	14,7	73,0	68,8	74,7
Sergipe	16,9	23,6	32,6	72,7	70,0	75,0
Nordeste	28,6	30,0	26,6	79,1	77,9	76,3
Espírito Santo	39,6	38,6	46,9	77,3	77,4	83,4
Minas Gerais	10,3	19,2	24,3	66,5	77,9	77,9
Rio de Janeiro	44,7	51,3	48,9	83,2	87,8	86,4
São Paulo	23,4	36,7	35,9	48,0	67,4	71,6
Sudeste	27,3	37,6	37,9	61,3	74,1	77,3
Paraná	19,2	23,4	30,3	67,4	70,9	79,2
Rio Grande do S.	22,0	27,5	28,4	77,1	84,6	81,8
Santa Catarina	8,6	8,8	11,5	54,2	60,0	62,5
Sul	18,3	22,2	25,8	70,3	75,8	78,4
Distrito Federal	35,6	39,0	35,9	82,9	84,2	81,2
Goiás	16,6	24,3	27,3	69,2	77,2	74,1
Mato Grosso do S.	27,1	29,4	26,0	77,6	77,3	67,8
Mato Grosso	24,6	33,1	21,6	74,3	81,2	67,5
Centro-Oeste	24,9	30,3	27,6	77,0	80,0	73,6
Brasil	25,7	32,0	31,2	66,1	74,2	75,3

Fonte: SIM/DATASUS.

Recentemente, a Comissão sobre Prevenção de Crimes e Justiça Criminal da Organização das Nações Unidas, divulgou os resultados de uma pesquisa²² baseada nas informações oficiais dos governos de 49 países²³. Nela evidencia-se que o Brasil lidera esse grupo de países pelas suas elevadas taxas de mortes causadas por armas de fogo (em homicídios, suicídios, acidentes), isoladamente, na rubrica homicídios e acidentes, e também pelo uso de armas de fogo em roubos e assaltos.

As informações aqui trabalhadas, a partir das Bases Internacionais de Mortalidade da OMS²⁴, ratificam essas conclusões. Efetivamente, vemos (tabela 6.5) que o Brasil lidera, nos acidentes com armas de fogo, nos homicídios com armas de fogo, e na taxa total conjunta de mortes por armas de fogo. Não acontece a mesma coisa no campo dos suicídios com arma de fogo, onde as taxas do Brasil são relativamente baixas.

Vemos que as diferenças de nossas taxas de utilização de armas de fogo com as dos restantes países são bem marcadas. Nas mortes por armas de fogo o Brasil supera, de forma ampla, países como os Estados Unidos, de longa tradição nas facilidades de regulamentação e acesso às armas.

²² United Nations Crime and Justice Information Network. United Nations International Study on Firearm Regulation. 1998.

²³ Dentre os quais, Argentina, Colômbia, Equador, México, Brasil, Peru, França, Alemanha, Fed. Russa, Polônia, Espanha, Reino Unido, Bélgica, Dinamarca, China, Índia, Japão, Filipinas, Vietnã, Canadá, Estados Unidos, Austrália, África do Sul, Uganda etc.

²⁴ Só é possível trabalhar essa informação referente a armas de fogo no grupo de países que, como o Brasil, já adotou a versão 10 da Classificação Internacional de Doenças.

TABELA 6.5 – Ordenamento de Países por Taxa de Óbitos. Por Arma de Fogo. Faixa Etária: População Total. Local: Diversos Países. Anos: Último Ano Disponível

País	Ano	Taxas de Óbitos por Arma de Fogo				Taxa Total
		Acidentes	Homicídios	Indeterm.	Suicídios	
Brasil	99	0,5	16,1	1,3	0,8	18,7
Estados Unidos	99	0,3	4,0	0,1	6,1	10,5
Finlândia	98	0,1	0,4	0,1	5,2	5,7
Coácia	99	0,2	1,5	0,0	3,2	5,0
Estônia	99	0,1	2,1	0,5	2,2	4,9
Letônia	99	0,2	1,4	0,2	1,9	3,8
Rep Eslovaca	99	0,4	0,8	0,4	1,6	3,2
Noruega	97	0,0	0,2	0,0	2,9	3,2
Eslovênia	99	0,1	0,5	0,1	2,5	3,1
Luxemburgo	99	0,0	0,5	0,0	2,3	2,8
Malta	99	0,3	1,6	0,0	0,8	2,6
Islândia	96	0,0	0,4	0,0	2,2	2,6
Rep.Checa	99	0,2	0,4	0,1	1,8	2,5
Dinamarca	96	0,1	0,3	0,0	1,5	1,9
Moldávia	99	0,2	1,2	0,2	0,2	1,9
Lituânia	99	0,1	0,5	0,3	0,9	1,8
Austrália	98	0,1	0,3	0,0	1,3	1,8
Alemanha	99	0,0	0,2	0,2	1,1	1,5
Hungria	99	0,0	0,3	0,0	1,0	1,3
Holanda	99	0,0	0,5	0,0	0,3	0,8
Kuwait	99	0,0	0,8	0,0	0,0	0,8
Romênia	99	0,1	0,1	0,0	0,1	0,3
Coréia	97	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Japão	97	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS,IBGE. Estados Unidos: NCHS.

Esses dados já estão indicando não só que nossas taxas de violência homicida são extremamente elevadas, mas também que apresentam um padrão que privilegia a utilização de armas de fogo como instrumento letal. Observando os meios com os quais são perpetuados os homicídios em alguns países do mundo (tabela 6.6) vemos que,

com independência do volume de homicídios, Brasil se destaca pela elevada carga de letalidade com utilização de armas de fogo. No país, algo em torno de 63% dos homicídios foram cometidos com armas de fogo. Observamos que nos outros países analisados, no conjunto dos 22 países, essa proporção não atinge 13%. A forma mais utilizada nesses países é mediante instrumento cortante ou penetrante.

TABELA 6.6 – Padrões de Homicídios (%). Faixa Etária: População Total. Local: Diversos Países. Anos: Último Ano Disponível (Brasil, 1999)

Homicídios por	Japão	Alemanha	Holanda	Austrália	22 Países	Brasil
drogas, medicamentos	0,0	0,8	0,0	1,7	0,3	0,0
substâncias corrosivas	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0
Pesticidas	0,0	0,3	0,5	0,0	0,2	0,0
gases e vapores	1,4	0,0	0,0	2,0	0,4	0,0
outros produtos químicos ou nocivos especificados	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0
produtos químicos ou nocivos não especificados	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0
enforcamento, estrangulamento e sufocação	24,0	15,6	8,4	9,2	12,9	0,9
afogamento e submersão	1,9	1,5	0,5	0,7	1,2	0,1
arma de fogo	3,1	21,6	36,9	19,0	12,5	62,7
material explosivo	0,0	0,0	0,5	0,3	0,2	0,0
fumaça, fogo e chamas	2,5	1,9	0,5	2,0	1,2	0,3
vapor de água, gases ou objetos quentes	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
objeto cortante ou penetrante	37,3	30,5	31,5	32,2	31,9	11,8
objeto contundente	6,1	8,3	4,9	9,5	7,6	7,7
projeção de um lugar elevado	1,5	0,1	0,0	1,0	0,6	0,0
por um objeto em movimento	0,6	0,3	0,5	0,0	0,2	0,0
impacto de um veículo a motor	0,6	0,0	0,0	0,3	0,3	0,1
força corporal	14,2	7,9	9,4	11,9	15,7	0,4
agressão sexual por meio de força física	0,0	0,0	0,5	0,0	0,1	0,0
negligência e abandono	1,5	1,0	0,0	0,3	0,4	0,0
outras síndromes de maus tratos	1,1	2,2	1,5	1,0	0,7	0,1
outros meios especificados	0,4	0,8	0,0	2,0	0,6	0,8
meios não especificados	3,6	7,1	4,4	6,8	12,8	14,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	(718)	(719)	(203)	(295)	(5974)	(42914)

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE.

7. PADRÕES INTERNACIONAIS DE MORTES VIOLENTAS

Que as representações coletivas em torno da violência têm uma elevada dose de subjetividade é uma verdade incontestável, tanto nesta como em outras áreas da nossa vida social. Baseada nos temores, nas experiências imediatas ou próximas, nos sistemas de valores, na dramatização de certos fatos e na banalização de outros, essas representações tendem a assumir o caráter de “verdade” universal, único modo possível das coisas serem. É precisamente essa “universalização” que torna esses fenômenos inevitáveis, como pertencentes “à ordem natural das coisas”.

Um fato que já se podia inferir nos Mapas anteriores, mas que não tivemos oportunidade de analisar de forma mais minuciosa, refere-se aos padrões diferenciais de mortalidade por causas externas entre os diferentes países do mundo, com especial referência à situação no Brasil.

Ao tratar de forma independente as diversas causas violentas de mortalidade em cada capítulo deste trabalho, podem passar despercebidos alguns padrões diferenciais que tentaremos recuperar a seguir.

Colocando lado a lado as taxas internacionais referentes às três causas de mortalidade analisadas ao longo deste estudo, podemos verificar que:

- a) Países onde as taxas de homicídios são superiores às taxas de morte por acidentes de transporte, como no Brasil, constituem uma notada exceção, e não uma regra. Efetivamente, dos 67 países analisados, só em 9 (13% do

total) acontece maior número proporcional de homicídios (quatro desses nove países são da América Latina e o Caribe, e 3 da Europa Central e do Leste, que no capítulo de homicídios foram identificados como as áreas de grande incidência de letalidade homicida).

- b) Mas também não são muito freqüentes países onde a taxa de homicídios supera a taxa de suicídios. Em 53 dos 67 países analisados a taxa de suicídios é superior (e em alguns casos, como Japão, Áustria ou França, os suicídios são mais de 20 vezes superiores) à taxa de homicídios. Só em 14 países (7 deles de América Latina e 3 de Europa Central e do Leste) acontece o contrário.

TABELA 7.1 – Ordenamento de Países por Taxas de Mortalidade Seleccionadas. Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos. Local: Diversos Países. Anos: Último Ano Disponível

País	População Total					15 a 24 anos				
	Taxa Homic.	Taxa Ac.Tpte	Taxa Suicid	Relação Homic.		Taxa Homic.	Taxa Ac.Tpte	Taxa Suicid	Relação Homic.	
				Ac.Tpte	Suicid				Ac.Tpte	Suicid
Albânia	4,2	2,3	1,8	1,8	2,3	5,8	1,8	2,2	3,2	2,6
Alemanha	0,9	9,7	13,6	0,1	0,1	1,0	22,5	8,0	0,0	0,1
Armênia	2,3	5,5	1,6	0,4	1,4	1,6	3,4	0,9	0,5	1,8
Austrália	1,6	10,5	13,1	0,2	0,1	1,6	19,5	13,9	0,1	0,1
Áustria	0,9	11,4	18,3	0,1	0,0	0,5	22,2	12,4	0,0	0,0
Azerbaijão	3,1	5,7	0,8	0,5	3,9	4,4	2,7	1,0	1,6	4,4
Barein	1,3	29,8	4,3	0,0	0,3	0,0	22,5	1,8	0,0	0,0
Bielorrússia	11,4	18,9	34,9	0,6	0,3	8,4	21,9	22,2	0,4	0,4
BRASIL	27,1	17,4	4,0	1,6	6,8	52,2	18,9	4,0	2,8	13,1
Bulgária	3,5	12,6	16,9	0,3	0,2	3,7	12,6	6,3	0,3	0,6
Cazaquistão	16,4	13,1	26,8	1,3	0,6	12,9	10,5	27,1	1,2	0,5
Chile	2,9	10,9	6,8	0,3	0,4	3,7	9,0	6,9	0,4	0,5
Colômbia	68,0	17,5	5,6	3,9	12,1	116,0	18,8	11,1	6,2	10,5
Coréia	1,7	25,4	13,6	0,1	0,1	1,0	19,4	8,7	0,1	0,1
Costa Rica	6,1	17,7	6,2	0,3	1,0	8,0	18,4	8,0	0,4	1,0
Croácia	2,6	16,4	21,1	0,2	0,1	1,2	26,6	11,1	0,0	0,1



► TABELA 7.1 – (continuação)

País	População Total					15 a 24 anos				
	Taxa Homic.	Taxa Ac.Tpte	Taxa Suicid	Relação Homic.		Taxa Homic.	Taxa Ac.Tpte	Taxa Suicid	Relação Homic.	
				Ac.Tpte	Suicid				Ac.Tpte	Suicid
Cuba	5,2	15,2	16,5	0,3	0,3	13,2	25,8	20,8	0,5	0,6
Egito	0,1	16,5	4,3	0,0	0,0	0,2	14,5	8,1	0,0	0,0
El Salvador	37,0	7,9	0,1	4,7	370,0	61,0	7,7	0,1	7,9	610,0
Equador	16,8	26,8	8,3	0,6	2,0	24,4	21,9	16,0	1,1	1,5
Escócia	1,8	7,4	11,9	0,2	0,2	3,4	14,2	14,0	0,2	0,2
Eslováquia	2,2	15,7	13,5	0,1	0,2	1,3	18,0	8,2	0,1	0,2
Eslovênia	1,5	17,9	29,9	0,1	0,1	0,7	24,7	15,4	0,0	0,0
Espanha	0,9	16,2	8,1	0,1	0,1	0,8	24,0	4,7	0,0	0,2
Estados Unidos	6,1	16,8	10,7	0,4	0,6	13,2	28,2	10,3	0,5	1,3
Estônia	13,9	18,4	27,5	0,8	0,5	8,5	25,6	18,1	0,3	0,5
Federação Russa	28,4	27,4	39,4	1,0	0,7	21,2	32,0	33,7	0,7	0,6
Finlândia	2,6	9,7	22,5	0,3	0,1	3,8	10,3	19,9	0,4	0,2
França	0,7	13,9	17,5	0,1	0,0	0,5	27,2	7,9	0,0	0,1
Geórgia	3,3	5,3	2,9	0,6	1,1	2,2	4,8	1,2	0,5	1,8
Grécia	1,2	21,4	3,6	0,1	0,3	0,9	35,4	2,4	0,0	0,4
Hong Kong	0,9	3,0	13,5	0,3	0,1	1,5	3,8	6,9	0,4	0,2
Hungria	2,4	15,3	29,2	0,2	0,1	0,7	15,2	11,2	0,0	0,1
Ilhas Virgens (USA)	24,8	11,9	5,5	2,1	4,5	66,7	20,0	13,3	3,3	5,0
Inglaterra e Wales	0,7	5,7	6,6	0,1	0,1	1,2	10,6	5,3	0,1	0,2
Irlanda	1,0	11,6	11,3	0,1	0,1	1,5	17,2	15 ,7	0,1	0,1
Irlanda do Norte	3,3	8,5	9,6	0,4	0,3	7,1	17,9	17,5	0,4	0,4
Itália	1,2	13,8	7,1	0,1	0,2	2,1	31,3	5,9	0,1	0,4
Japão	0,6	10,5	25,0	0,1	0,0	0,4	12,5	12,0	0,0	0,0
Kuwait	1,1	17,4	1,6	0,1	0,7	1,3	30,2	1,6	0,0	0,8
Letônia	12,5	29,5	32,4	0,4	0,4	7,0	39,6	17,9	0,2	0,4
Lituânia	9,3	20,8	44,1	0,4	0,2	5,7	27,0	29,5	0,2	0,2
Luxemburgo	2,0	17,2	17,2	0,1	0,1	0,0	39,4	7,9	0,0	0,0
Macedônia	3,0	5,7	7,4	0,5	0,4	3,3	4,8	3,9	0,7	0,8
Malta	2,4	3,7	7,1	0,6	0,3	6,9	3,5	3,5	2,0	2,0

►► TABELA 7.1 – (continuação)

País	População Total					15 a 24 anos				
	Taxa Homic.	Taxa Ac.Tpte	Taxa Suicid	Relação Homic.		Taxa Homic.	Taxa Ac.Tpte	Taxa Suicid	Relação Homic.	
				Ac.Tpte	Suicid				Ac.Tpte	Suicid
Maurício	2,8	15,9	12,0	0,2	0,2	1,9	9,6	17,3	0,2	0,1
México	10,9	14,9	3,5	0,7	3,1	12,5	15,3	5,4	0,8	2,3
Moldávia	11,9	13,3	14,9	0,9	0,8	7,5	12,8	7,0	0,6	1,1
Nicarágua	6,7	9,6	7,2	0,7	0,9	12,2	9,6	16,1	1,3	0,8
Noruega	0,9	9,0	13,1	0,1	0,1	1,3	16,6	18,8	0,1	0,1
Nova Zelândia	1,3	15,8	13,6	0,1	0,1	1,1	27,0	22,4	0,0	0,0
Panamá+	9,8	14,6	4,9	0,7	2,0	19,4	16,8	6,0	1,2	3,2
Peru	1,7	7,7	0,9	0,2	1,9	1,7	6,0	1,8	0,3	0,9
Polônia	2,1	18,4	15,1	0,1	0,1	1,2	20,8	11,4	0,1	0,1
Portugal	0,9	14,2	5,1	0,1	0,2	1,2	21,5	2,4	0,1	0,5
Puerto Rico	17,4	15,3	7,6	1,1	2,3	48,3	21,4	3,8	2,3	12,7
Quirguistão	8,0	8,6	10,6	0,9	0,8	6,5	6,7	10,9	1,0	0,6
Reino Unido	0,7	6,1	7,5	0,1	0,1	1,1	11,2	6,7	0,1	0,2
República Checa	1,5	15,3	16,1	0,1	0,1	0,9	21,5	10,5	0,0	0,1
Romênia	3,5	16,4	12,1	0,2	0,3	1,9	12,3	6,1	0,2	0,3
São Marino	0,0	7,5	3,7	0,0	0,0	0,0	35,1	0,0	0,0	
Singapura	1,1	5,3	9,5	0,2	0,1	1,7	10,4	7,1	0,2	0,2
Suécia	1,2	6,4	13,8	0,2	0,1	1,2	8,6	10,7	0,1	0,1
Suíça	1,0	8,0	18,1	0,1	0,1	1,4	13,4	12,8	0,1	0,1
Ucrânia	13,1	14,6	29,6	0,9	0,4	10,1	18,1	17,5	0,6	0,6
Uruguai	5,5	10,9	16,9	0,5	0,3	7,6	11,6	14,2	0,7	0,5
Venezuela	26,2	21,5	5,2	1,2	5,0	57,1	25,1	6,9	2,3	8,3

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE. Colômbia: DANE.

Um outro elemento importante nestas comparações internacionais é a possibilidade de associar essas informações sobre letalidade violenta com o Índice de Desenvolvimento Humano. Foi possível correlacionar os dados correspondentes a 61 dos países constantes na tabela anterior²⁵.

²⁵ Utilizou-se o coeficiente de correlação rho, de Spearman, por ser específico para ordenamentos de casos.

TABELA 7.2 – Coeficientes de Correlação entre Taxas de Óbitos Violentos e Índice de Desenvolvimento Humano. Base: 61 Países

IDH	Homicídios		Suicídios		Acid. Transporte	
	Total	Jovem	Total	Jovem	Total	Jovem
Taxa Alfabetização	0,096	-0,106	0,662	0,416	0,196	0,282
Matrícula Combinada	-0,345	-0,288	0,367	0,341	0,040	0,282
Índice Educacional	-0,356	-0,341	0,531	0,423	0,042	0,341
Índice Esperança de Vida	-0,711	-0,520	0,042	-0,047	-0,237	0,165
Índice PIB	-0,666	-0,560	0,282	0,168	0,004	0,356
IDH	-0,660	-0,556	0,330	0,197	-0,036	0,338

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE. Colômbia: DANE; Relat. De Desenvolv. Humano 2002.

Vemos que são os homicídios os que apresentam os maiores coeficientes de correlação negativa²⁶ com o IDH e seus diversos componentes. Assim, o total de homicídios apresenta elevada associação negativa com o IDH, o PIB e a Esperança de Vida, e coeficientes intermediários com educação e matrícula combinada. As taxas de homicídios juvenis acompanham de perto, mas com menor intensidade, os coeficientes achados para o total de homicídios.

Os suicídios totais apresentam uma elevada correlação positiva com as taxas de alfabetização, e intermediária com os Índices Educacionais, a Matrícula Combinada e o IDH (semelhante aos suicídios juvenis, que apresentam menor intensidade).

Já para os óbitos por acidentes de transporte totais, todos os coeficientes são baixos. Mas para os óbitos juvenis foram achados coeficientes positivos intermediários para Educação, para PIB e para o IDH.

²⁶ Quando uma das variáveis correlacionadas aumenta, a outra diminui, e vice-versa. Nesse caso, por exemplo, com o aumento do IDH diminuem as taxas de homicídios.

Vemos que entre o IDH e os homicídios existe uma forte associação negativa, de forma tal que o menor IDH, maiores taxas de homicídios, tanto na população total quanto para a juventude. Com menor intensidade o mesmo acontece com os suicídios. Com a melhoria dos índices de alfabetização e dos educacionais, aumenta a taxa de suicídios.

8. FIDEDIGNIDADE, SUB-REGISTRO E SUBIMPUTAÇÃO

Existiriam, pelo menos, duas séries de fatores que atentam contra a fidedignidade dos dados do Subsistema de Informações de Mortalidade -SIM- do Datasus.

Em primeiro lugar, o **sub-registro** de óbitos. Como é reconhecido pelo próprio Datasus²⁷ “Do ponto de vista do número de registros efetuados, é fato conhecido por todos que trabalham no setor, a ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, determinando uma redução do número de óbitos conhecidos (sub-registro), com as conseqüentes repercussões em todos os indicadores de saúde”. Cemitérios e enterros clandestinos, corpos jogados em locais de difícil acesso, etcétera, formam parte deste contingente difícil de estimar. Mas ainda assim, o mesmo documento esclarece que “Do ponto de vista quantitativo, admite-se que os dados apresentados nesta publicação representam algo em torno de 80% do total de óbitos ocorridos no país em 1992, estimados em cerca de mais de um milhão de registros”.

Um segundo problema que atenta contra a fidedignidade da informação, refere-se à subimputação. Problemas de índole

²⁷ Num documento introdutório do CD-Rom, por meio do qual o Datasus divulga as Bases de Dados de Mortalidade do período 1979/1996 titulado “O Sistema de Informações de Mortalidade” que será referenciado DATASUS. O Sistema de Informações de Mortalidade”. s/d.

técnica ou outros fazem que, mesmo o registro de óbito sendo realizado, as causas de morte não constem corretamente identificadas ou preenchidas, distorcendo a incidência total de determinados agravos ou incidentes.

A Classificação Internacional de Doenças – CID – em sua 10^a versão (adotada pelo Brasil a partir de 1996) possibilita este tipo de imputação residual em vários de seus títulos ou capítulos.

- **R95 a R99** Causas mal definidas e desconhecidas de mortalidade.

- **R98** Morte sem assistência. Encontrado(a) morto(a). Morte em circunstâncias nas quais o corpo do(a) falecido(a) foi encontrado e não se pode descobrir causa.
- **R99** Outras causas mal definidas e as não especificadas de mortalidade. Causa desconhecida de morte.

- **Y10 a Y34** Esta seção contempla eventos ou fatos sobre os quais a informação disponível não é suficiente para permitir que as autoridades médicas ou legais possam fazer a distinção entre tratar-se de um acidente, de uma lesão auto-infligida ou de uma agressão.

Existem, no CID 10, outros capítulos ou seções de imputação indeterminada, mas, por serem pouco utilizados, não serão levados em conta nesta análise.

Não cabe dúvida que, inclusive nas melhores condições técnicas ou de cobertura, existe uma certa margem de incerteza, um determinado número de casos de difícil imputação.

Nos 22 países do mundo para os quais as Bases de Mortalidade Internacional da OMS disponibiliza informações seguindo o CID-10, vemos que estes três capítulos de imputação indeterminada (R98, R99 e Y10 a Y34) representam só 1,1% do total de óbitos. No caso de maior expressividade, como o da Dinamarca, chega a representar 7,7% do total de óbitos. Porém os restantes países encontram-se abaixo do patamar de 3%.

TABELA 8.1 – Número e % de casos em capítulos do CID-10. Faixa Etária: População Total. Local: Diversos Países. Anos: Último Ano Disponível

País	Total de Óbitos	Número de casos			%			
		R98	R99	Y10-34	R98	R99	Y10-34	Total
Alemanha	846.330	2.802	11.284	1.428	0,3	1,3	0,2	1,8
Austrália	127.358	11	306	126	0,0	0,2	0,1	0,3
Croácia	51.953	1	272	4	0,0	0,5	0,0	0,5
Coréia	238.714	26	2.638	560	0,0	1,1	0,2	1,4
Dinamarca	60.712	1.955	2.519	171	3,2	4,1	0,3	7,7
Eslovênia	18.885	8	315	96	0,0	1,7	0,5	2,2
Estônia	18.455	96	108	104	0,5	0,6	0,6	1,7
Finlândia	49.237	82	42	56	0,2	0,1	0,1	0,4
Holanda	140.487	175	3.498	43	0,1	2,5	0,0	2,6
Hungria	143.210	28	25	143	0,0	0,0	0,1	0,1
Islândia	1.879	1	9	2	0,1	0,5	0,1	0,6
Japão	913.402	366	1.040	1.228	0,0	0,1	0,1	0,3
Kuwait	4.186		57	48	0,0	1,4	1,1	2,5
Letônia	32.844	284	4	238	0,9	0,0	0,7	1,6
Lituânia	40.003	15	140	159	0,0	0,3	0,4	0,8
Luxemburgo	3.671	11	17	1	0,3	0,5	0,0	0,8
Malta	3.097	0	3		0,0	0,1	0,0	0,1
Moldávia	41.314	128	8	382	0,3	0,0	0,9	1,3
Noruega	44.646	41	452	15	0,1	1,0	0,0	1,1
Rep Eslovaca	52.402	15	405	169	0,0	0,8	0,3	1,1
Rep.Checa	109.768	44	273	119	0,0	0,2	0,1	0,4
Romênia	265.194	6	255	159	0,0	0,1	0,1	0,2
Total	3.207.747	6.095	23.670	5.251	0,2	0,7	0,2	1,1

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD.

Podríamos assim tomar, como critério de aceitabilidade, um limite técnico bastante folgado de 6% de óbitos com indeterminação de imputação.

A realidade brasileira, neste campo, é bem heterogênea e matizada, como podemos ver na tabela a seguir.

TABELA 8.2 – Número e % de casos em capítulos do CID-10 Sem Imputação. Faixa Etária: População Total. Local: UF e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Total de Óbitos	Número de casos				%			
		R98	R99	Y10-34	Total	R98	R99	Y10-34	Total
Acre	2486	362	167	1	530	14,6	6,7	0,0	21,3
Amazonas	10530	1890	615	12	2517	17,9	5,8	0,1	23,9
Amapá	1971	16	157	4	177	0,8	8,0	0,2	9,0
Pará	22505	4171	1323	70	5564	18,5	5,9	0,3	24,7
Rondônia	5823	291	222	114	627	5,0	3,8	2,0	10,8
Roraima	1211	19	21	21	61	1,6	1,7	1,7	5,0
Tocantins	4967	308	114	9	431	6,2	2,3	0,2	8,7
NORTE	49.493	7.057	2.619	231	9.907	14,3	5,3	0,5	20,0
Alagoas	15659	3330	888	2	4220	21,3	5,7	0,0	26,9
Bahia	62592	12284	2507	2310	17101	19,6	4,0	3,7	27,3
Ceará	39276	4748	2477	125	7350	12,1	6,3	0,3	18,7
Maranhão	20267	7303	664	156	8123	36,0	3,3	0,8	40,1
Paraíba	19749	6290	943	27	7260	31,8	4,8	0,1	36,8
Pernambuco	52151	7957	1166	312	9435	15,3	2,2	0,6	18,1
Piauí	14127	2933	136	40	3109	20,8	1,0	0,3	22,0
Rio Grande do Norte	14090	3167	428	325	3920	22,5	3,0	2,3	27,8
Sergipe	10235	1660	503	89	2252	16,2	4,9	0,9	22,0
NORDESTE	248.146	49.672	9.712	3.386	62.770	20,0	3,9	1,4	25,3
Espírito Santo	17600	1404	420	30	1854	8,0	2,4	0,2	10,5
Minas Gerais	96.813	4.965	5.295	674	10.934	5,1	5,5	0,7	11,3
Rio de Janeiro	117.181	211	10.703	1.914	12.828	0,2	9,1	1,6	10,9
São Paulo	238.878	4.540	8.130	5.241	17.911	1,9	3,4	2,2	7,5
SUDESTE	470.472	11.120	24.548	7.859	43.527	2,4	5,2	1,7	9,3
Paraná	56.970	1.302	534	283	2.119	2,3	0,9	0,5	3,7
Rio Grande do Sul	69.355	1.590	1.222	481	3.293	2,3	1,8	0,7	4,7
Santa Catarina	28284	2132	516	129	2777	7,5	1,8	0,5	9,8
SUL	154.609	5.024	2.272	893	8.189	3,2	1,5	0,6	5,3
Distrito Federal	11328	2	366	1	369	0,0	3,2	0,0	3,3
Goiás	24482	752	671	100	1523	3,1	2,7	0,4	6,2
Mato Grosso do Sul	11250	68	152	34	254	0,6	1,4	0,3	2,3
Mato Grosso	12120	152	709	43	904	1,3	5,8	0,4	7,5
CENTRO OESTE	59.180	974	1.898	178	3.050	1,6	3,2	0,3	5,2
BRASIL	981.900	73.847	41.049	12.547	127.443	7,5	4,2	1,3	13,0

Fonte: SIM/DATASUS.

Vemos que no país em seu conjunto, 13% dos óbitos do ano 2002 não apresentam imputação definida, o que excede largamente o critério estabelecido. Alguns estados, como Roraima, Paraná, Rio Grande do Sul, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul encontram-se, aproximadamente, dentro desses limites de aceitabilidade. Já em outras UFs, principalmente nas Regiões Norte e Nordeste, os patamares de indeterminação são extremamente elevados, com situações, como a da Paraíba e Maranhão, onde algo em torno de 40% dos óbitos não apresentam imputação definida.

Se o índice de 13% de óbitos sem imputação definida pode ser considerado elevado para os padrões internacionais, estimativas anteriores, correspondentes ao ano 1999²⁸, nos indicam que a situação está melhorando gradualmente. Naquele ano o índice foi de 14,4% e, pela tabela 8.2 b, pode ser visto que a maior parte das UFs melhorou seus índices de imputação.

Efetivamente, se 7 UFs pioraram seus índices de imputação (destacam-se aqui Amapá e Ceará), outras 20 UFs melhoraram, e algumas, como Mato Grosso do Sul, Tocantins, Goiás e Espírito Santo, de forma bem significativa.

²⁸ Waiselfisz, J. *Mapa da Violência III: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/SEDH, 2002.

TABELA 8.2 B – Comparação de % de casos em capítulos do CID-10 Sem Imputação. Faixa Etária: População Total. Local: UF. Ano: 1999 e 2002

UF	R98		R99		Y10-34		Total		% Melhora
	1999	2002	1999	2002	1999	2002	1999	2002	
AC	25,3	14,6	3,8	6,7	3,0	0,0	32,0	21,3	33,4
AL	30,6	21,3	2,4	5,7	0,2	0,0	33,2	26,9	18,8
AM	12,3	17,9	10,7	5,8	0,5	0,1	23,6	23,9	-1,3
AP	0,6	0,8	5,0	8,0	0,1	0,2	5,7	9,0	-57,5
BA	24,3	19,6	3,4	4,0	1,0	3,7	28,7	27,3	4,8
CE	11,3	12,1	2,9	6,3	0,2	0,3	14,4	18,7	-30,0
DF	0,3	0,0	3,7	3,2	0,5	0,0	4,5	3,3	27,6
ES	16,3	8,0	2,0	2,4	0,2	0,2	18,5	10,5	43,1
GO	6,4	3,1	4,8	2,7	3,2	0,4	14,4	6,2	56,8
MA	31,7	36,0	6,1	3,3	1,8	0,8	39,6	40,1	-1,2
MG	5,6	5,1	7,8	5,5	1,3	0,7	14,7	11,3	23,2
MS	2,8	0,6	5,0	1,4	1,4	0,3	9,2	2,3	75,5
MT	3,1	1,3	2,9	5,8	0,2	0,4	6,2	7,5	-20,3
PA	21,8	18,5	4,5	5,9	1,5	0,3	27,8	24,7	11,1
PB	46,3	31,8	4,0	4,8	0,1	0,1	50,4	36,8	27,1
PE	20,9	15,3	2,7	2,2	0,6	0,6	24,2	18,1	25,2
PI	27,9	20,8	1,0	1,0	0,9	0,3	29,8	22,0	26,1
PR	4,4	2,3	1,1	0,9	0,6	0,5	6,0	3,7	38,0
RJ	0,3	0,2	9,4	9,1	2,4	1,6	12,2	10,9	10,3
RN	26,6	22,5	1,7	3,0	3,0	2,3	31,3	27,8	11,1
RO	10,6	5,0	2,4	3,8	0,3	2,0	13,3	10,8	19,0
RR	0,8	1,6	6,8	1,7	0,0	1,7	7,6	5,0	33,7
RS	3,2	2,3	0,6	1,8	0,8	0,7	4,6	4,7	-3,2
SC	9,5	7,5	0,9	1,8	0,5	0,5	10,9	9,8	9,9
SE	25,3	16,2	5,5	4,9	2,8	0,9	33,5	22,0	34,3
SP	2,0	1,9	3,3	3,4	0,9	2,2	6,3	7,5	-19,0
TO	19,4	6,2	3,0	2,3	1,4	0,2	23,9	8,7	63,7
Brasil	9,0	7,5	4,2	4,2	1,1	1,3	14,4	13,0	9,9

Fonte: SIM/DATASUS.

Seria de esperar que nas capitais do país, dadas as melhores condições técnicas e de cobertura, os níveis de imputação das causa dos óbitos fossem bem mais aceitáveis. Isso realmente acontece. Nas capitais do país, só 6,1% dos óbitos não apresentam imputação definida. Mas ainda assim, há capitais, como Manaus, Rio Branco, Fortaleza, João Pessoa, São Luís, Rio de Janeiro e Cuiabá com níveis extremamente altos de indefinição.

TABELA 8.3 – Número e % de casos em capítulos do CID-10 Sem Imputação.
Faixa Etária: População Total. Local: Capitais e Regiões. Ano: 2002

UF/ REGIÃO	Total de Óbitos	Número de casos				%			
		R98	R99	Y10-34	Total	R98	R99	Y10-34	Total
Belém	9.220	6	433	33	472	0,1	4,7	0,4	5,1
Boa Vista	959	3	6	20	29	0,3	0,6	2,1	3,0
Macapá	1.572	1	97	3	101	0,1	6,2	0,2	6,4
Manaus	6.961	683	504	6	1.193	9,8	7,2	0,1	17,1
Palmas	770	0	11	3	14	0,0	1,4	0,4	1,8
Porto Velho	2.209	0	96	55	151	0,0	4,3	2,5	6,8
Rio Branco	1.659	219	47	0	266	13,2	2,8	0,0	16,0
Norte	23.350	912	1.194	120	2.226	3,9	5,1	0,5	9,5
Aracaju	5.705	0	161	36	197	0,0	2,8	0,6	3,5
Fortaleza	15.913	751	1.101	67	1.919	4,7	6,9	0,4	12,1
João Pessoa	5.132	640	70	6	716	12,5	1,4	0,1	14,0
Maceió	7.245	18	605	0	623	0,2	8,4	0,0	8,6
Natal	5.718	13	114	268	395	0,2	2,0	4,7	6,9
Recife	19.791	3	173	140	316	0,0	0,9	0,7	1,6
Salvador	16.520	14	220	1.171	1.405	0,1	1,3	7,1	8,5
São Luís	5.546	319	418	48	785	5,8	7,5	0,9	14,2
Teresina	5.750	9	13	9	31	0,2	0,2	0,2	0,5
Nordeste	87.320	1.767	2.875	1.745	6.387	2,0	3,3	2,0	7,3
Belo Horizonte	17.825	50	440	171	661	0,3	2,5	1,0	3,7
Rio de Janeiro	58.075	2	5.128	899	6.029	0,0	8,8	1,5	10,4
São Paulo	71.595	0	618	2.082	2.700	0,0	0,9	2,9	3,8
Vitória	3.975	6	202	2	210	0,2	5,1	0,1	5,3
Sudeste	151.470	58	6.388	3.154	9.600	0,0	4,2	2,1	6,3

►► TABELA 8.3 – (continuação)

UF/ REGIÃO	Total de Óbitos	Número de casos				%			
		R98	R99	Y10-34	Total	R98	R99	Y10-34	Total
Curitiba	11.791	16	36	106	158	0,1	0,3	0,9	1,3
Florianópolis	2.747	5	3	17	25	0,2	0,1	0,6	0,9
Porto Alegre	15.692	9	111	122	242	0,1	0,7	0,8	1,5
Sul	30.230	30	150	245	425	0,1	0,5	0,8	1,4
Brasília	11.327	2	366	1	369	0,0	3,2	0,0	3,3
Campo Grande	4.413	8	38	21	67	0,2	0,9	0,5	1,5
Cuiabá	4.136	6	419	25	450	0,1	10,1	0,6	10,9
Goiânia	9.930	1	55	32	88	0,0	0,6	0,3	0,9
C.Oeste	29.806	17	878	79	974	0,1	2,9	0,3	3,3
Brasil (Capitais)	322.176	2.784	11.485	5.343	19.612	0,9	3,6	1,7	6,1

Fonte: SIM/DATASUS.

TABELA 8.4 – Comparação de % de casos em capítulos do CID-10 Sem Imputação. Faixa Etária: População Total. Local: Capitais. Ano: 1999 e 2002

UF	R98		R99		Y10-34		Total		% Melhora
	1999	2002	1999	2002	1999	2002	1999	2002	
Belém	0,5	0,1	4,5	4,7	2,3	0,4	7,2	5,1	28,9
Boa Vista	0,3	0,3	1,2	0,6	0,0	2,1	1,5	3,0	-101,6
Macapá	0,2	0,1	5,1	6,2	0,1	0,2	5,4	6,4	-19,0
Manaus	6,5	9,8	13,3	7,2	0,5	0,1	20,3	17,1	15,6
Palmas	2,2	0,0	2,7	1,4	0,5	0,4	5,4	1,8	66,3
Porto Velho	3,6	0,0	3,6	4,3	0,5	2,5	7,7	6,8	11,2
Rio Branco	18,5	13,2	2,5	2,8	3,7	0,0	24,7	16,0	35,1
Norte	3,9	3,9	7,0	5,1	1,4	0,5	12,3	9,5	22,5

► TABELA 8.4 – (continuação)

UF	R98		R99		Y10-34		Total		% Melhora
	1999	2002	1999	2002	1999	2002	1999	2002	
Aracaju	1,9	0,0	3,1	2,8	3,0	0,6	8,0	3,5	56,8
Fortaleza	1,3	4,7	4,3	6,9	0,3	0,4	5,9	12,1	-104,4
João Pessoa	16,7	12,5	2,3	1,4	0,0	0,1	19,0	14,0	26,6
Maceió	0,5	0,2	4,5	8,4	0,1	0,0	5,1	8,6	-68,6
Natal	0,9	0,2	1,6	2,0	4,1	4,7	6,7	6,9	-3,1
Recife	0,1	0,0	1,2	0,9	0,8	0,7	2,1	1,6	24,0
Salvador	0,1	0,1	2,4	1,3	2,4	7,1	4,9	8,5	-73,6
São Luís	0,8	5,8	11,8	7,5	2,9	0,9	15,5	14,2	8,7
Teresina	0,4	0,2	0,3	0,2	0,6	0,2	1,2	0,5	55,1
Nordeste	1,5	2,0	3,1	3,3	1,4	2,0	6,0	7,3	-21,9
Belo Horizonte	0,2	0,3	3,0	2,5	1,3	1,0	4,6	3,7	19,4
Rio de Janeiro	0,0	0,0	8,5	8,8	3,4	1,5	11,9	10,4	12,8
São Paulo	0,0	0,0	0,6	0,9	0,9	2,9	1,5	3,8	-151,4
Vitória	2,9	0,2	3,2	5,1	0,2	0,1	6,2	5,3	14,8
Sudeste	0,1	0,0	3,9	4,2	1,8	2,1	5,8	6,3	-9,3
Curitiba	0,2	0,1	1,0	0,3	0,7	0,9	1,8	1,3	25,6
Florianópolis	0,2	0,2	0,3	0,1	0,5	0,6	1,0	0,9	9,0
Porto Alegre	0,1	0,1	0,6	0,7	0,4	0,8	1,1	1,5	-40,2
Sul	0,1	0,1	0,7	0,5	0,5	0,8	1,4	1,4	-0,4
Brasília	0,3	0,0	3,5	3,2	0,1	0,0	3,9	3,3	16,5
Campo Grande	1,3	0,2	2,9	0,9	1,4	0,5	5,5	1,5	72,4
Cuiabá	0,5	0,1	6,5	10,1	0,1	0,6	7,0	10,9	-55,4
Goiânia	3,9	0,0	3,4	0,6	2,1	0,3	9,4	0,9	90,6
C.Oeste	1,7	0,1	3,8	2,9	0,9	0,3	6,4	3,3	48,9
Brasil (Capitals)	0,9	0,9	3,6	3,6	1,5	1,7	6,0	6,1	-1,5

Fonte: SIM/DATASUS.

Pode-se observar que no conjunto das capitais praticamente não houve mudanças na capacidade de imputação entre 1999 e 2002. Só São Paulo, Fortaleza e Boa Vista evidenciam mudanças negativas e significativas na capacidade de imputação, dado que mais que duplicaram seus índices de subimputação.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição realizada das causas de mortalidade dos jovens brasileiros na década decorrida entre 1993 e 2002 permite delinear um panorama que é, ao mesmo tempo, complexo e preocupante.

No contexto internacional, nossas taxas de mortalidade de jovens ocasionadas por suicídios são relativamente baixas. Isso não significa que não seja necessária e oportuna a implementação de medidas para diminuir ainda mais essa situação. Mas o mesmo não parece acontecer quando entramos no capítulo das mortes ocasionadas por homicídios ou no capítulo das mortes derivadas de acidentes de transporte.

Nossas taxas de homicídios, se bem mais baixas que as dos países caracterizados por uma síndrome de violência endêmica como é o caso da Colômbia, são ainda 30 ou 40 vezes superiores às taxas de países como Inglaterra, França, Japão ou Egito. Mas é entre os jovens que essas diferenças internacionais tornam-se realmente dramáticas. Nossas taxas são 100 vezes superiores às de países como Áustria, França, Japão, Barein ou Luxemburgo.

Neste campo, algumas situações encontradas ao longo do estudo são extremamente preocupantes:

- No ano 2002, para o país como um todo, 39,9% das mortes de jovens devem-se a homicídios. E essa proporção vem crescendo de forma acelerada nos últimos anos. Na população não-jovem essa proporção é só de 3,3% .
- Em várias UFs, como o Rio de Janeiro, Espírito Santo e Pernambuco, os homicídios são responsáveis por mais da metade das mortes de jovens.

- Os avanços da violência homicida das últimas décadas no Brasil são explicados, exclusivamente, pelo incremento dos homicídios contra a juventude. Se as taxas de homicídios entre os jovens pularam de 30,0 em 1980 para 54,5 (em 100.000 jovens) em 2002, as taxas para o restante da população permaneceram estáveis, passando de 21,3 para 21,7 (em 100.000 habitantes).
- Na década de 1993 a 2002 os homicídios têm crescido com assustadora regularidade, com um incremento vertiginoso de 5,5% ao ano.
- Os homicídios vitimam fundamentalmente a população de sexo masculino (em torno de 93% das vítimas são homens) e de raça negra: que tem uma vitimização 65% superior na população total e 74% superior entre os jovens.
- Nos finais de semana, os homicídios aumentam 2/3 em relação aos dias da semana.
- Nas comparações internacionais realizadas, entre os 67 países pesquisados, Brasil encontra-se em 4^a lugar nas taxas de homicídios na população geral e em 5^a na sua população jovem.
- Em oposição à tendência do primeiro quinquênio, no segundo quinquênio da década analisada os homicídios cresceram mais rapidamente no interior dos estados do que nas capitais ou nas regiões metropolitanas.

Os óbitos por acidentes de transporte, depois de um período de queda entre os anos 1997 e 2000, quedas imputáveis à vigência da nova Lei de Trânsito, recuperaram seu fôlego a partir daquela data, o que originou um crescimento de 19,5% na população total e de 30,5% entre os jovens no número de óbitos. Em termos relativos, considerando o crescimento da população, as taxas permaneceram relativamente estáveis, com as oscilações acima indicadas, passando de 18,5 em 100.000 habitantes em 1993 para 19 em 2002. Entre os jovens, esse crescimento foi levemente superior, passando de 19,6 para 21,5 no mesmo período.

As capitais evidenciam um crescimento bem menor no número absoluto de óbitos (3,8% na população total e 15,2% entre os jovens) e uma queda nas taxas. Efetivamente, na população total passam de 23,6 em 1993 para 21,2 em 2002. Entre os jovens, de 24,8 para 24,1 óbitos em 100.000.

As regiões metropolitanas acompanham de perto a evolução das capitais, mas com quedas ainda maiores nas taxas.

As taxas de mortalidade por acidentes de transporte, a partir dos 20 anos de idade, são mais ou menos semelhantes para todas as faixas etárias: entre 25 e 27 mortes por 100.000 habitantes. Também afeta fundamentalmente homens: 81,5% na população total e 83,5% dos óbitos entre os jovens são homens. Neste campo, a vitimização de negros é negativa. As mortes por acidentes de transporte são 16,7% maiores entre os brancos na população total e 26,8% maiores entre os jovens.

Como no caso dos homicídios, também existe um enorme incremento de óbitos nos finais de semana, principalmente entre os jovens (61,6% de incremento na população total e 113,8% entre os jovens).

Em termos internacionais, nossas taxas de óbitos por acidentes de transporte são ainda elevadas. Na população total ocupamos a 16º posição entre os 67 países pesquisados, e na população jovem, a 30º posição. Essas diferenças de posição internacional estão a indicar que nossas taxas de óbitos juvenis por acidentes de transporte são relativamente baixas, quando comparadas com as de outros países.

No campo dos suicídios, nossas taxas são relativamente baixas quando comparadas com as dos outros países do mundo. Efetivamente, ocupamos o posto 57 dentre os 67 países quando analisamos a população total e o posto 53 quando é a vez da população jovem. As taxas de suicídios aumentam concomitantemente com a idade dos indivíduos e também afeta fundamentalmente o sexo masculino (3 em cada 4 suicidas são homens).

A utilização de armas de fogo como instrumento de letalidade vem crescendo assustadoramente ao longo do tempo, fundamentalmente na população jovem. No ano 2002 nada menos que 31,2% do total de óbitos juvenis foi causada por uma arma de fogo quando 4 anos antes, em 1988, essa proporção era de 25,7%. Acima de 75% dos homicídios juvenis foram perpetrados por uma arma de fogo.

Sabemos não ser uma tarefa simples enfrentar tais níveis de violência, fundamentalmente a letalidade homicida. No caso de outros flagelos, como a AIDS, por terrível que se apresente o inimigo se encontra identificado. Se ainda não foi encontrada a sua cura, já existem, ao menos, formas de tratamento. E mais ainda, são perfeitamente conhecidas as estratégias para sua prevenção e contenção. Mas para tentar entender ou explicar as situações delineadas ao longo dos diversos capítulos, entra em jogo uma enorme variedade de determinantes. De uma forma ou de outra, nesse campo, estamos sempre atuando diante das conseqüências geradas por uma grande diversidade de fatores individuais, grupais, culturais, sociais, econômicos e políticos que se conjugam na explicação de cada situação concreta, fatores que, inclusive de forma isolada, não são fáceis de enfrentar ou de solucionar.

Essa precariedade explicativa agrava-se ainda mais quando se assiste a uma pulverização da violência, a sua banalização nos meios de comunicação e sua inserção na vida cotidiana com o conseqüente alargamento de sua abrangência e incidência, tornando ainda mais difícil a compreensão e o tratamento do problema. Como esclarece Zaluar²⁹, “ela está em toda parte, ela não tem nem atores sociais permanentes reconhecíveis nem ‘causas’ facilmente delimitáveis e inteligíveis”.

²⁹ ZALUAR, A. A Guerra Privatizada da Juventude. Folha de S. Paulo, 18/05/97.

A incidência crescente de todas essas formas de violência, que torna nossos jovens, ao mesmo tempo, vítimas e algozes, exige do conjunto da sociedade uma análise mais aprofundada e uma atitude mais objetiva e responsável, se é que queremos realmente limitar a sua vigência em nossa sociedade. A violência também encontra um excelente caldo de cultivo na apatia, na falta de projeto de futuro, na ausência de perspectivas, na quebra dos valores de tolerância e solidariedade, fatores que fazem parte da crise de significações de nossa modernidade. Os impasses da sociedade geram a vigência de diversas formas de culto à violência como forma de solução dos problemas imediatos, adquirindo novas formas e novos conteúdos, sob a forma de violência gratuita. Essa crise de significações leva a uma situação de asfixia, em que os jovens não vêem a saída da situação nem mecanismos de articulação (movimentos políticos, sociais ou culturais) que funcionem como unificadores. O novo caráter da violência está na intensidade, na própria violência implícita das questões sem saída, estimulando comportamentos violentos e um retorno à barbárie (CASTORIADIS³⁰).

Mas esse impasse pode e deve ser quebrado. O crescimento da violência nos indica, de forma indiscutível, que nossas atividades, campanhas e esforços sobre a questão são ainda insuficientes. Aprofundar a discussão e aplicar de forma séria e decidida as recomendações de tal análise é um bom início para combater e prevenir a barbarização de nossa vida cotidiana.

E os caminhos dessa discussão não são difíceis de delinear: dever-se-á procurar promover políticas e estratégias que estimulem a plena inserção e um papel protagonista para os jovens, que se articulem esforços e iniciativas do setor público, seja federal, estadual ou municipal, da esfera privada, das organizações

³⁰ CASTORIADIS, C. *La montée de l'insignifiance*, Paris, Éditions du Seuil, 1996.

não-governamentais e das dos próprios jovens. Estratégias que promovam o conhecimento, a revalorização e o fortalecimento da identidade juvenil e sua participação, como setor ativo e consciente, a construção da cidadania e no desenvolvimento do país. Se este documento contribui, de alguma forma, para atingir esse objetivo, terá cumprido com a sua finalidade.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M. et al. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

_____ et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, SETUR, Garamond, 1999.

_____ (coord) et al. *Escolas de paz*. Brasília: UNESCO, Gov. do Estado de Rio de Janeiro, 2001.

BARREIRA, C. *Ligado na galera*. Brasília: UNESCO, FNUAP, UNICEF, Instituto Ayrton Senna, 1999.

*BRASIL. Ministério da Saúde. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. Brasília: SIM/DATASUS/MS, 1995.

*CASTORIADIS, C. *La montée de l'insignifiance*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

CASTRO, M.G. et al. *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellog, BID, 2001.

CHOQUET, M.; LEDROREX, S. *Adolescents: enquête nationale*. [Paris]: Editions Inserm, 1994.

*DUBET, F. *Penser le sujet*. S.l.: Fayard, 1995.

*DURKHEIM, E. *O Suicídio: estudo sociológico*. Lisboa: Presença, 1996.

ESTERLE-HEBIDEL, M. *La bande, le risque et l'accident*. [Paris]: L'Harmattan, 1997.

MEIREIEU, P.; GUIRAND, M. *L'école ou la guerre civile*. Paris:1997.

*MELLO JORGE, M.H.P. Como morrem nossos jovens. In: UNESCO. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: UNESCO, CNPD, 1998.

*MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.

*MINAYO, M.C. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, v. 10, n. 1, 1994.

_____ et al. *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade de Rio de Janeiro*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Fundação Ford, Fundação Oswaldo Cruz, Garamond, 1999.

*OPS. OMS. *La salud del adolescente y el joven en las Américas*. Washington, DC: OPS/OMS, 1985.

PINHEIRO, P. S., et.al. *São Paulo sem medo: diagnóstico da violência urbana*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 1998.

*PORTO, M. S. G. *A violência entre a inclusão e a exclusão social*. In: VII CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, Brasília, ago. 1997. *Anais*. Brasília: Sociedade Brasileira de Sociologia, 1997.

*RAMOS de SOUZA, et al. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun., 1996.

ROCHÉ, S. *Sociologie politique de l'insecurité. violences urbaines, inégalités et globalisation*. [Paris]: Universitaires de France, 1998.

RUA, M.G.; ABRAMOVAY, M. *Avaliação das ações de prevenção às DST/AIDS e uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio em capitais brasileiras*. Brasília: UNESCO, UNAIDS, UM, ODCCP, Ministério da Saúde, 2001.

SALLAS, A.L. et al. *Os jovens de Curitiba: esperanças e desencantos, juventude, violência e cidadania*. Brasília: UNESCO, 1999.

SELOSSE, J. *Adolescence, violences et déviations, 1952 – 1995*. [Paris]: ARCP éditions, 1997.

*UNICEF. *Retrato estatístico das mortes de crianças e jovens por causas violentas: Brasil, 1979-1993*. Brasília: UNICEF, 1995.

*UNITED NATIONS. United Nations Crime and Justice Information Network. *United Nations International Study on Firearm Regulation*. New York: UNO, 1998.

*VERMELHO, L.L.; MELLO JORGE, M.H.P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991, a transição epidemiológica para a violência. *Revista de Saúde Pública*, v. 30, n. 4, 1996. Apud: MELLO JORGE, M.H.P. Como morrem nossos jovens. In: UNESCO. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: UNESCO, CNPD, 1998.

WASELFISZ, J. (coord) et al. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. S.Paulo: Cortez Editora/UNESCO, 1998a.

_____. *Mapa da violência: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Garamond, 1998b.

_____. *Mapa da violência II: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça, 2000.

_____. *Mapa da violência III: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/SEDH, 2002.

*WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, v. 9, n. 1, 1997.

*ZALUAR, A. *A guerra privatizada da juventude*. Folha de S. Paulo, 18/05/97.